

REVISTA

DO

Instituto Geographico e Historico DA BAHIA

FUNDADO EM 1894, RECONHECIDO DE UTILIDADE PUBLICA
PELA LEI N. 110 DE 13 DE AGOSTO DE 1895

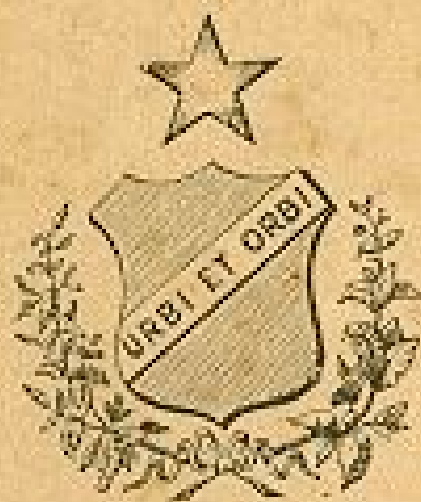
*Maxima sunt documenta equidem res temporis acti
In praesens, validusque in veniens stimulus.*

1902

ANNO IX

VOL. IX

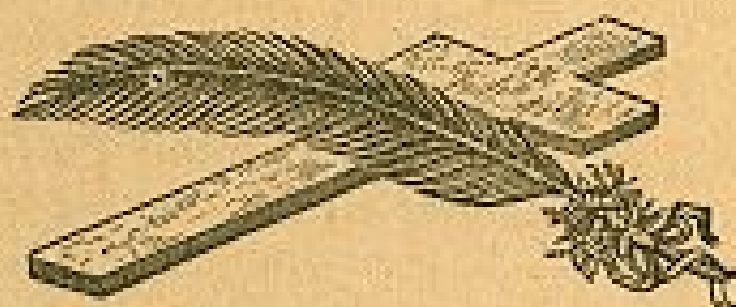
N. 28



BAHIA

LITHO-TYP. E. ENCABERNAÇÃO DE REIS & C.
Rua Conselheiro Dantas, n. 22

1903



Innocencio Munõz

Todos os que na Bahia sentem sympathias pelo que é delicado e nobre lamentam com o Instituto a perda imprehensível que a sociedade bahiana, as letras e especialmente a bibliographia patria acabam de sofrer na pessoa do Dr. Innocencio Munõz de Araujo Góes, morto aos 34 annos de idade, ao entrar portanto no cyclo vigoroso da sua vida de homem.

Quando elle appareceo aqui, ha cerca de 12 annos, com a sua formosa e distincta figura de platinó, todos logo o estimaram e muitos o admiravam e queriam sem que ainda o conhecessem.

Foram muito alto estas preferencias que elle admiravelmente merecia, porque raras vezes tanta generosidade, cordura, bondade d'alma, lhanesa de maneiras, fina e delicada organisação de intellectual se enquadram em physionomia mais bella e attrahente.

Tornou-se em breve conhecido e amado não só pela sua família respeitavel e relacionada, como pelos seus proprios meritos e qualidades de « gentleman ».

Filho de um brasileiro, e homem intelligentissimo, o Dr. Francisco Marques de Araujo Góes e de uma oriental, D. Elmira Munõz y Mainz Góes, elle descendia portanto pelo ramo paterno do barão de Araujo Góes e D. Maria Francisca Calmon e Abreo, cujas ascendencias são, como se sabe, das antigas familias portuguezas Calmon, Góese e Aragão as primeiras de origem franceza e a de Aragão de origem castelhana. E pelo ramo materno era neto do celebre general argentino Don José Casemiro Rondeau, o mesmo que foi uma das figuras mais salientes do Prata nos tempos das campanhas pela independencia e que figurou na guerra da Cisplatina com tão bella fama e que foi, apesar de estrangeiro, nomeado governador e capitão general da Banda Oriental do Uruguay, quando em 1828 se celebrou entre o Brasil e a Argentina o tratado que fixara a independencia d'aquella republica, após os nossos desastres na campanha feita n'aquelle territorio, quasi ao terminar o reinado de Pedro 1.^o

Tinha nascido em Montevideo, em 5 de Março de 1868, sob aquelle tecto delicioso que é o céu da Cisplatina, do tempo do nosso 1.^o imperio.

O pae, porém, não levou o nascimento do filho ao registro da republica do Uruguay e trouxe-o para o Brasil onde adoptou a nacionalidade paterna.

Educou-se no Rio de Janeiro no meio de gente culta e n'esse convivio de refinados adquirio a graca brilhante, as reservas delicadas e o perfume de distincção que n'elle imprimiram até o fim aquelle cunho de superioridade elegante e correcção esmerada.

Fez a sua instrução no antigo collegio PEDRO 2.^o, onde seu pae era lente. Ahí cursou até o penultimo anno, não recebendo o grão de bacharel em lettras por causa de circumstancias muito especiaes que foram as seguintes:

Havia a creança desde muito cedo revelado certos symptomas que não podiam deixar de alar-mar o pae, medico distincto, de modo que foi elle mesmo quem fez o diagnostico de uma anomalia grave no coração do filho, « permanencia do buraco de Botal ».

Quando Innocencio Munõz estava a ponto de terminar seu curso de bacharelado, com as mudanças que traz a adolescencia ao organismo, accentuaram-se com tanta severidade alguns symptomas da anomalia que forçoso foi suspender todos os trabalhos intellectuaes e fazel-o vir para a Bahia, de cujo clima mais ameno do que o do Rio, esperavam os medicos consultados senão muito bom exito pelo menos mais serena e duradoura a vida do moço.

Melhorando muito aqui estudou Direito e formou-se em sciencias juridicas e sociaes em 1896.

Não consta porém só a existencia da necessidade material e satisfeita e d'estas victorias que se alcançam pela intelligencia e o esforço.

Não era feliz e sem querer tocar em coisas particulares diante das quaes pára o biographo que as respeita, pode-se dizer que era um d'esses entes aos quaes, quer os encontremos com uma ruga de dôr na fronte, quer com um sorriso na bocca, devemos chamar os diariamente martyrisados na vida.

Não aproveitara a sua profissão trabalhando no fóro, porque lhe repugnavam as cousas positivas e interesseiras. A sua vocação era toda para a carreira diplomatica.

Em muitos pontos parecia mais um cavalheiro de outras eras, transplantado para este paiz e para este tempo, tão pouco harmonisados com a heraldica e o romanesco medievaes.

Tinha grande pendor para os estudos de bibliographia, numismatica e ceramica de modo que se tornou um dos mais habéis e competentes auxiliares do Dr. Vicente Vianna, quando este fundou o Archivo Publico, sob a administração do Dr. Manoel Victorino. Foi por estes bons serviços nomeado para o Archivo ao qual servio até a sua exoneração por incompatibilidade em 1902.

Foi um dos entusiastas mais uteis e laboriosos na organização d'este Instituto, ao qual sempre muito se dedicou, sendo um dos socios de espirito mais productivo, collaborando n'esta Revista da qual foi um dos redactores, tomando parte em diversos trabalhos de investigação, alguns arriscados, pois se deleitava em arrostar com todas as difficuldades que dependiam de arrojo e coragem e onde havia um perigo ou uma cousa ignota e fóra do commum.

Em 12 de Novembro de 1899 tinha sido eleito membro do Conselho Municipal d'esta capital, cargo que exerceu até a morte.

Deu ahí provas repetidas de competencia e lealdade e conseguiu ser estimado tanto pelos amigos como pelos adversarios politicos.

Em Julho de 1902 tinha sido nomeado consul do Uruguay, n'este Estado, e no exercicio d'esta função tão importante e nobre, tão adequada ao seu gosto pela diplomacia morreu de asystolia, na tarde de 28 de Dezembro.

E' bem fóra de duvida que certos factos que lhe torturavam a existencia, concorreram para este tão rapido e tragico desfecho.

E tanto quanto é dado ao homem ser grande, doce, abnegado, generoso e heroico n'este doloroso e terrivel transe, elle o foi no meio de circumstancias tão especialmente pungentes, que nunca mais se apagarão da memoria dos que os presencaram.

Gostava muito de genealogia e tinha feito com muito cuidado não só a de sua familia brasileira de Góes, Calmon, Abreo e Aragão, como a de sua familia argentina.

Era um colleccionador infatigavel de antiguidades e todas as cousas de outro tempo o apaixonavam; armas, moveis, papeis, vasos, etc.

Possuia muitos e bons autographos, e alguns da republica do Uruguay são valiosissimos, não havendo talvez no Brasil muito quem os possuia melhores, porque são dos homens mais notaveis do imperio, do Uruguay e Argentina, especialmente do periodo da independencia da Cisplatina.

Dos seus trabalhos, alguns ha publicados n'esta REVISTA e nos orgãos da imprensa diaria, na qual collaborou; outros, pela maior parte, ineditos; alguns não acabados.

Entre os primeiros occorre-nos citar os seguintes: « O Bangala, Um Prior do Crato, O Cofre, Nós eramos tres, Candia, Francisco Gil de Araujo, Pero de Góes da Silveira, O Forte do Barbalho, Alcaides Móres da Bahia ».

Ineditos tinha: « Uma cadeira de Paleographia no Archivo Publico, Doação da Capitania da Bahia, El-Mirah, O Crucifixo, Cem annos atraz, Memorias do General Rondeau, Fundação da Cidade do Salvador, O Marquez de Abrantes, Damião de Góes, Subsídios para a historia da Diplomacia Brasileira, A Descoberta da America, 1840, O Archivo Publico da Bahia (em parte publicado), A Restauração da Cidade do Salvador, Um morgado no seculo 13, Uma Lenda Itaparicana ».

Havia confeccionado com o signatario d'estas linhas o relatorio apresentado ao Instituto sobre o subterraneo de Santa Thereza e tinha se encarregado de elaborar outro sobre o do Taboão, tambem explorado por ambos. Ultimamente prendia-lhe a attenção um trabalho importante e de grande utilidade para o ensino publico, « Mappas historicos », do qual a 1.^a parte, Mappa historico da Bahia, ia em caminho.

Possuia tambem dados sobre a guerra de « Canudos » que tencionava completar e estudar em todas as particularidades; assim como outro intitulado « Notas sobre o imperio ». E foi assim em pleno labor, que a morte ceifou vida tão preciosa!

B. do Amaral.



Os indigenas da Bahia

— *Memoria lida a 3 de Maio de 1900*
na sessão solenne do « Instituto Geogra-
phico e Historico da Bahia », em comme-
moração do 4.º centenario da descoberta
do Brazil, pelo professor Antonio Alexandre
Borges dos Reis, socio fundador do mesmo
« Instituto ». —

1

O homem americano

A INTERESSANTE questão do homem americano, considerada a par de outras não menos serias da Paleoethnologia ou Archeologia Prehistorica, ha preoccupado bastante a varios scientistas no seculo que expira.

Para uns, como Lubbock (1), a ultima palavra não foi ainda pronunciada sobre o momentoso assumpto.

Para outros, no terreno desbravado já alguns marcos assignalam conquistas positivas.

Entretanto, a partir do principio incontestado da unidade das especies, não desenvolvidas em um ponto unico da terra, mas produzidas por trans-

(1) L'Homme Préhistorique.

formações naturaes e successivas em varias regiões d'ella, (verdadeiros reinos de creação, na phrase de Agassiz, ou reinos de apparição, como os denominou Rialle) não podemos deixar de admittir o autoctonismo de raças americanas.

Combatem esta opinião, no paiz e no estrangeiro —Barbosa Rodrigues, Warnagen, Couto de Magalhães, Brasseur, Fischer e outros; sustentam-n'a, porém, Morton, Gliddon, Meyer, Lund, d'Orbigny, Trajano de Moura, José Verissimo, Silvio Romero e mais alguns.

Entretanto, quaesquerque sejam as controversias das escolas monogenista e polygenista em face de tão transcendente questão, o que se não contesta é que o homem viveu no continente americano na época quaternaria, de promiscuidade com mamíferos gigantescos, taes como o «mastodonte», o «megatherium», o «mylodon», o «jaguar» e tantas outras especies, hoje extinctas e que viveram n'uma era assignalada por grandes cataclysmos, entre os quaes o periodo glacial, perfeitamente caracterisado em diversos pontos da America do Norte.

Da alta antiguidade do homem americano constituem, entre outras, prova irrefragavel as notaveis descobertas do Dr. Abott, no valle de Delaware, a de Agassiz, na Florida, e no que diz respeito ao Brasil o resultado admiravel das pacientes investigações do sabio dinamarquez Pieter Lund.

O eminente naturalista, a quem tanto devem o Brasil e a sciencia, demonstrou-a após as escava-

ções praticadas em mais de 800 cavernas de Minas-Geraes, mormente na do «Sumidouro», onde poud reconhecêr a contemporaneidade do homem e de grandes mammiferos quaternarios (2); demonstrou-a apreciando em desenvolvido estudo a formação geologica do planalto Central do Brasil e provando ter este existido elevado sobre o nivel do mar, quando as outras partes do mundo ainda se achavam submersas ou surgiam apenas como ilhas insignificantes; demonstrou-a na bella synthese comparativa entre as raças «mongolica» e «americana», deduzindo caber a esta a anterioridade, na hypothese de communidade de origem, visto os caracteres differenciaes que apresentam daremlhe o local inferior na escala;—laudo esse accorde com a marcha da natureza, que procede sempre do simples para o composto, do imperfecto para o perfeito.

A hypothese de «Marcius», em seu apreciado trabalho—«Sobre o modo de escrever a historia do Brasil»—de ser o povo encontrado por Cabral resto de uma grande raça, que, de um estado florescente, decahira no de degradação tal qual se apresentara ao europeu em sua formula mais brutal—a antropophagia—a ser admittida, constituirá mais uma demonstração da nossa these sobre o autoctonismo, porisso que esse processo de degeneração, exigindo periodos extensissimos em produzir-se, tenderia

(2) Lund, com a prudencia que lhe era peculiar, não considerou a principio como provada essa contemporaneidade, admittindo-a somente depois de acuradas observações.

apenas a demonstrar a remotíssima antiguidade do selvícola brasileiro.

Couto de Magalhães, em seu mui discutido trabalho—«Região e Raças Selvagens do Brasil»,—afirmando que o homem americano «apparecera» nos altos plateaux andinos, d'onde emigrara para as planícies;—que era grande a sua antiguidade, visto preceder ás primeiras migrações dos aryas na Europa;—que constituiria o tronco vermelho cruzando-se mais tarde com raças brancas do leste e do oeste,—destroe todas essas affirmativas, quando, baseando-se no fragil argumento da ausencia de utensis de pedra lascada em nossos depósitos fosseis, assevera que o Brasil «recebera» seus povoadores por immigração, havendo elles transposto em outra «parte de mundo» o periodo paleolithico, primeiro estadio percorrido pela humanidade!!

Essa contradicção exclue, a nosso ver, dos conceitos do illustre ethnologo o cunho de veracidade que nos parecia dever existir em suas obras, em face do conhecimento que demonstra ter da lingua tupy e das importantes viagens e explorações que empreendeu pelos araxás de Goyaz e de Matto Grosso.

E bastaria notar a exiguidade relativa das investigações archeologicas e geologicas no continente americano, mormente em a península Meridional, para não podermos acceitar como decisivo o laudo do illustre viajante, si os trabalhos de von Kosse-

ritz e outros exploradores nos Estados do extremo sul do paiz não nos tivessem conduzido já á presença de instrumentos de pedra lascada, de envolta com evidentes restos do homem prehistorico, encontrados nos sambaquis do littoral, além do grande numero de specimens d'aquelles instrumentos, existentes no Museu Nacional e que foram descobertos em varios pontos do paiz.

Ao passo, pois, que monogenistas e asiaticistas como «Fischer» produzem, para justificar suas theorias, argumentos como os da «nephrite» e da «jadeite» tão completamente refutados por Meyer, illustre professor em Dresde;—emquanto que outros, como Brasseur, firmam seus assertos nas lendas da cerebrina ponte «Aleutica» ou na «Atlantida» de Platão;—os polygenistas demonstram, baseados em factos positivos,—estudos craneometricos, investigações linguisticas, observações geologicas, etc.—que o homem, «sujeito ás mesmas condições de cultura, produz por toda a parte os mesmos resultados»;—que não é necessaria «uma só origem ancestral primitiva» para explicar todas essas normalidades; e, ajuntamos nós,—as pretendidas raizes com que se procura provar o parentesco de linguas faladas por povos tão dessemelhantes em qualidades anatomicas, psychologicas e physiologicas não passam de matrizes onomatopaicas,—imitação dos ruidos da

ritz e outros exploradores nos Estados do extremo sul do paiz não nos tivessem conduzido já á presença de instrumentos de pedra lascada, de envolta com evidentes restos do homem prehistorico, encontrados nos sambaquis do littoral, além do grande numero de specimens d'aquelles instrumentos, existentes no Museu Nacional e que foram descobertos em varios pontos do paiz.

Ao passo, pois, que monogenistas e asiaticistas como «Fischer» produzem, para justificar suas theorias, argumentos como os da «nephrite» e da «jadeite» tão completamente refutados por Meyer, illustre professor em Dresde;—emquanto que outros, como Brasseur, firmam seus assertos nas lendas da cerebrina ponte «Aleutica» ou na «Atlantida» de Platão;—os polygenistas demonstram, baseados em factos positivos,—estudos craneometricos, investigações linguisticas, observações geologicas, etc.—que o homem, «sujeito ás mesmas condições de cultura, produz por toda a parte os mesmos resultados»;—que não é necessaria «uma só origem ancestral primitiva» para explicar todas essas normalidades; e, ajuntamos nós,—as pretendidas raizes com que se procura provar o parentesco de linguas faladas por povos tão dessemelhantes em qualidades anatomicas, psychologicas e physiologicas não passam de matrizes onomatopaicas,—imitação dos ruidos da

natureza — primeira e rudimentar associação de idéas que feriu o cérebro rudo do selvagem.

Parece-nos, portanto, justificada a nossa opinião —o autoctonismo do homem americano;—isto é, do homem produzido no proprio continente, em uma ou em varias regiões d'elle, («reinos de criação ou de apparição») proliferando, grupando-se, constituindo nações, passando do período paleolithico ao neolithico, cruzando-se mesmo com immigrações de varias procedencias (3) subjugando-as ou sendo por ellas subjugados, até o momento em que a civilisação européa o veiu surprehender, conduzida aqui pelas caravellas de Cabral, na expansibilidade do genio aventureiro e emprehendedor do portuguez.

II

Os indigenas

OS VELHOS CHRONISTAS E AS POSTERIORES INVESTIGAÇÕES

DIFFICILÍSSIMO é respigar a verdade em as fastidiosas, e, por vezes, incongruentes narrativas, que nos legaram os velhos chronistas, a respeito do povo indigena do Brasil.

(3) Não contestamos, como se vê, a possibilidade de immigrações asiaticas a Oeste, admissíveis em face das civilisações e tradições toltecas e aztecas, e das europeas a Leste, estas já em tempos historicos, —(visitas scandinavas); mas negar, perante as conquistas positivas da sciencia, ao continente americano a faculdade de produzir o homem é o que nos parece sobremaneira absurdo.

Da extensa bibliographia produzida pelos religiosos jesuitas, exploradores portuguezes e aventureiros de outros paizes, que se relacionaram com os indigenas, os trabalhos de Gandavo e Gabriel Soares são os unicos que parecem se approximar da verdade, revelando o consciencioso julgar de seus autores; mas, ainda assim, é tal a sua deficiência, que subsidio algum encontra n'elles o estudioso, sobre as interessantes questões da origem e da theogonia dos incolas seus contemporaneos, com os quaes conviveram, e a quem tanto tempo tiveram para investigar e estudar.

Para uns, era o caboclo uma alma a converter para o christianismo, uma ovelha para o aprisco, cujos mythos, em sua rudimentar expressão, eram forçadamente interpretados ao sabor das idéas catholicas;—para outros, era apenas uma alimaria de trabalho;—para nenhum, porém, um ser humano, cuja procedencia, civilisação, arte, cultura, merecessem estudo.

Selvagens, brutos, irracionais quasi, eis em geral a adjectivação com que os qualificavam.

O Dr. PAULO EHRENREICH, em seu criterioso estudo sobre a divisão e distribuição das tribus do Brasil, traduzido por CAPISTRANO DE ABREU e inserto na «Revista da Sociedade Geographica do Rio de Janeiro», accentúa em brilhante synthese esse desamor pelas tribus indigenas do Brasil, que nem sequer despertaram na alma fria dos conquistadores sentimentos de piedade.

Alludindo a tão criminosa indiferença, escreveu o illustre companheiro de Von den Stein:

«Logo no principio do Seculo XVI, começaram as correrias dos paulistas. Bandos de audazes aventureiros partiram da capitania de S. Vicente, em diversas direcções, internando-se pelo sertão.

A' procura de ouro e á cata de escravos, perlrutaram, entre trabalhos e difficuldades indizíveis, os territorios immensos do interior além do alto Paraguay, até as cabeceiras do Madeira, a oeste, e para o norte até a foz do Amazonas.

A cupidez e a crueldade destes incendiarios anniquilaram grande parte da população primitiva. O que não poudo refugiar-se em brenhas invias succumbiu á espada ou á escravidão.»

Proseguindo nesta analyse, accrescenta o eminente observador: «Assim, muitissimo pouco se ficou sabendo das innumeras hordas do sertão—os tapuyas—como os chamavam os indigenas do littoral.»

Apenas sob um ponto, a linguagem, nos deixaram trabalhos de algum valor ANCHIETA, MONTÓYA, RESTIVO e FIGUEIRA.

Fazendo-lhes, porém, esta justiça, reconhecendo o importante serviço que prestaram, nesse particular, á civilisação dos incolas e aos posteriores estudos ethnographicos, a par de outros não menos valiosos, na phase da colonisação em prol

da liberdade dos indigenas, não podemos deixar, entretanto, de lamentar que tão intelligentes espiritos se tivessem descuidado das interessantes questões a que acima nos referimos.

Foi necessario que surgissem, muitos annos depois, espiritos investigadores e esclarecidos, que percorrendo o nosso extenso territorio, explorando os sambaquis do littoral, as cavernas do interior, estudando a crancologia fossil, as camadas geologicas correspondentes, as linguas, a ceramica exhumada, os utensis encontrados, procurassem reconstruir o passado indigena, approximando os typos, grupando-os, confrontando-os, até lançar os fundamentos de um estudo consciencioso sobre a ethnographia e a sociologia dos nossos aborigenes.

Louvaveis, nunca por demais encarecidos, foram os esforços empenhados na investigação desses assumptos de alta transcendencia, mas não se pode affirmar com justiça que elles já nos tenham levado á solução completa do assumpto.

Si os estudos linguisticos contaram afervorados cultores, que nos legaram os fructos preciosos de suas investigações, não se pode tornar extensivo esse juizo aos estudos archeologicos, sendo que, mesmo no ponto de vista ethnographico, a maioria dos trabalhos conhecidos deve, em grande parte, ser considerada apenas rudimentos, aos quaes urge additar novos subsidios.

As observações do Príncipe de WIED, tão encarecidas pelo Dr. EHRENREICH, são realmente dignas de nota, quer pelo merito de quem as subcreve, quer pelo estado da ethnographia naquella epoca; porém não podem ser consideradas como um estudo completo da materia, pois o sabio investigador restringiu-se a simples descripções ethnographicas das tribus que visitou, dentre as quaes avultam, como menos incompletas, as que se referem aos aymorés do sul da Bahia.

Os caracteres anthropologicos desses indigenas lhe foram fornecidos pelo celebre « Blumenback, » consoante o methodo descriptivo então em voga, pelo estudo apparente de um craneo, que o sabio excursionista levava da Bahia; porém não ha nas paginas do seu celebre livro « Voyage au Brésil » estudo circumstanciado e rigorosamente scientifico sobre aquella e outras tribus indigenas, tal como se encontra, sob certos aspectos, no trabalho admiravel de d'ORBIGNY, relativamente á chamada raça ando-peruana.

As investigações realizadas posteriormente participam das mesmas faltas, aliás desculpaveis, destacando-se, entretanto, como preciosas as que foram levadas a effeito por MARTIUS, que reuniu a maior somma de material então conhecido, e, em periodo mais recente, as emprehendidas pelo sabio e cauteloso observador Dr. PIETER LUND.

Ao eminented dinamarquez, que soube identificar-se intimamente com o nosso meio, cabe a gloria de

ter enveredado por um caminho novo no estudo da ethnographia brasileira.

Suas explorações nas cavernas da «Lagôa Santa,» mormente na do «Sumidouro,» onde poudo colher o material necessario para o estudo comparativo das especies extinctas com as especies actuaes, elaborando diversas monographias, algumas das quaes ficaram infelizmente incompletas; o precioso achado de craneos e esqueletos prehistoricos de promiscuidade com os restos fossilizados de mamiferos quaternarios, que lhe forneceram elementos para algumas deducções, revelaram no venerando solitario um investigador capaz de illuminar todo o passado dos primitivos habitantes do nosso continente.

Tentativas desse genero, posto que em esphera mais restricta, foram realizadas, por iniciativa do Museu Nacional, na ilha de Marajó, que merecera antigamente acurado estudo do sabio naturalista bahiano Dr. ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA; obtendo-se, nas excavações alli realizadas, grande numero de productos ceramicos, estudados proficientemente por HART, FERREIRA PENNA e outros.

Não ha contestar que o valioso achado archeologico, com o qual foram encontrados restos humanos, trouxe precioso subsidio ao estudo das raças que primitivamente habitaram nosso territorio, facilitando deducções logicas sobre a origem e costumes das tribus sobreviventes.

Mas, a anthropologia, que poderia facilitar novas conquistas á ethnographia, tem-se mantido, entre nós, em sua fôrma embryonaria, máo grado o ar-rojo de alguns exaggeros, que tem pretendido, com o auxilio de meros ensaios empiricos, sem cunho scientifico, sem methodo, sem material sufficiente, lançar proposições que, a serem exactas, poderiam resolver, em grande parte, o magno problema posto em equação.

Os estudos anthropologicos de maior nota entre nós são precisamente os que se filiam á anthropologia criminal, que não guarda relação proxima ou remota com a materia que nos occupa, sendo apenas dignos de referencia, quanto á anthropologia geral, os ensaios do Dr. RODRIGUES PEIXOTO, insertos nos Archivos do Museu Nacional, e os estudos craneometricos do fallecido Dr. SA' E OLIVEIRA, realisados no gabinete de medicina legal da nossa Faculdade, os quaes, si peccam por deficiencia do material, foram, no entretanto, praticados de accordo com as regras estatuidas pelos proceres da anthropologia.

Salientando, pois, os serviços inestimaveis de MARTIUS, LUND, HART, FERREIRA PENNA, dos diversos linguistas que mencionamos, aos quaes se deve reunir BAPTISTA CAETANO, manda a justiça que signifiquemos toda a nossa admiração pelo sabio VON DEN STEIN e seus continuadores, que começaram a imprimir á ethnographia brasileira uma feição nova e mais scientifica, á custa de per-

severantes labores, de fadigas e sacrificios, nas suas excursões ao Xingú.

CAPISTRANO DE ABREU, COUTO DE MAGALHÃES, BARBOSA RODRIGUES e outros não podem ser olvidados d'entre os cultores da ethnographia brasileira, á qual se abrem novos horisontes, graças á orientação scientifica do eminente ethnographo allemão, a que por ultimo nos referimos.

III

Classificações dos indigenas,

CLASSIFICAÇÕES ANTIGAS

A LEITURA dos chronistas contemporaneos dos exploradores e primeiros povoadores europeus do Brasil ensina-nos apenas que este paiz era, n'aquella época, habitado por um povo selvagem, de cõr em geral acobreada escura, cabellos pretos e corredios, malar e orbitas pouco salientes, variando entre a media e a baixa estatura, falando linguas desconhecidas, apresentando-se nus, ornados algumas vezes de pennas, armados de arco e flexas, espadas ou clavas de madeira rija, habitando promiscuamente, uns em casas de barro, longas e ôcas, com duas aberturas apenas, outros sob arvores ou em covas, possuindo utensis de pedra polida, divididos em lutas intestinas, ferozes, epilgadas quasi sempre por festas cannibalescas, em que eram passivos figurantes os vencidos ou aprisionados.

E' esta a synthese da noticia que nos deixaram os velhos chronistas sobre a população indigena do paiz, que os ventos e as correntes maritimas fizeram as caravellas de Cabral, desviadas de sua rota, encontrar a 22 de Abril de 1500, da era christã.

Designada pela classificação geral de «tupis» e «tapuias», dividia-se essa população em tribus ou hordas, cada qual com sua denominação particular.

As hordas «tupis» occupavam quasi todo o littoral e raros pontos do interior; as «tapuias» quasi todo o interior e alguns pontos do littoral.

Modernas investigações parecem, porém, demonstrar—ter sido a nação «tupí» um povo invasor, que vencera e recalcara para o centro a nação «tapuia», estabelecida primitivamente na costa.

A hypothese mais razoavel sobre o processo dessa invasão é que—o povo tupí, descendo do norte, do Amazonas talvez, ou até mesmo da America Central, possuindo cultura relativa mais adeantada que as hordas tapuias, pudera vencel-as, expulsal-as das praias e nestas estabelecer-se;—que essa invasão se effectuara em levas e em periodos successivos, acontecendo muitas vezes (e ahi a principal origem das luctas que as dividiam) não respeitarem as levas subsequentes os direitos de irmãos já estabelecidos, ou não serem bem recebidos por estes;—que, por sua vez, algumas hordas tapuias, recalcadas para o interior, tendo haurido novos alentos nas florestas onde se acoutaram, poderam romper a linha tupí do littoral, mercê mesmo das desavenças que enfra-

queciam seus vencedores, e nelle fixar-se novamente.

E a situação dos nossos selvícolas, em 1500, parece confirmar essa hypothese.

Estendendo-se pelo littoral, de norte a sul, encontraram os exploradores portuguezes:

Os «potiguaras», entre o Jaguaribe } e o Parahyba do Norte }	tupis
Os «tabajaras» e os «cahetés, » } entre o Parahyba do Norte e o } S. Francisco }	tupis
Os «tupinambás, » de S. Francisco } até Camamú }	tupis
Os «tupiniquins, » de Camamú ao } Cricaré }	tupis
Os «goyatacazes, » do Cricaré ao } cabo de S. Thomé }	tapuias
Os «tamoios, » do cabo S. Thomé } até Angra dos Reis }	tupis
Os «guayanazes, » de Angra dos } Reis até Cananéa }	tapuias
Os «carijós » entre Cananéa e a } lagôa dos Patos }	tupis

Pelo interior estanciavam numerosas hordas tapuias, com as quaes só mais tarde se encontraram os portuguezes, distinguindo-se:

Os «maracás »

Os «mariquitós »

Os « aymorés »

Os « guerens »

Os « patachós »

Os « aturaris »

Os « puris »

Os « ubirajaras, » senhores dos paus ou homens que combatiam com paus; e por entre essas—as tribus tupis dos « tupinaés, » « cahetés » e « amoi-pirás, » que, pelas circumstancias já apontadas, tiveram de abandonar o littoral.

Foi sem duvida a identidade de linguagem entre as tribus tupis o seguro criterio que induziu os ethnographos a consideal-as uma nação.

Esse conceito sobre a linguagem como sobre a identidade de seus costumes e de suas instituições induziu ainda alguns ethnographistas a ess'outra conclusão—o parentesco dos « tupis » com os « carahybas » das Antilhas e os « galibis » das Guyanas.

E, de facto, a approximação do « tamoió » como typo—dos « oyampis » de Cayenna e dos « galibis » das Guyanas parece-nos irrecusavel, o que aliás accorda-se com a tradição, porquanto o tamoió se considerava o mais antigo entre os de sua raça; e, em linguagem tupi, a palavra tamoió significa avô, assim como tupiniquim neto, e tabajara cuhado. O parentesco, porém, dos « carahybas » e « tupis » é contestado por von den Stein.

CLASSIFICAÇÕES MODERNAS

Modernamente, mais de uma classificação tem sido feita dos aborígenes americanos.

MARTIUS divide-os em 8 linguas ou povos.

« Tupis »

« Gês ou Krans »

« Goyatacazes »

« Crens » ou « Querens »

« Gucks » ou « Còcos »

« Parexis » ou « Parecis »

« Guaycurús » ou Lengoas »

« Aruaks »

Esta classificação, inspirada aliás em apreciações historicas e averiguações linguisticas, peca por demasiado extensa, em virtude de ter o auctor se baseado em vocabularios incompletos.

Subdivide ainda MARTIUS os tupis em 5 grupos:

Os do norte

Os do sul

Os do centro

Os do leste

Os do oeste.

Tratando, em substanciosa synthese, das investigações ethnographicas de seus predecessores, o Dr. PAULO EHRENREICH não se exime de tributar o testemunho de sua admiração á grande obra de MARTIUS que, no seu entender, lançou o alicerce firme para a construcção de uma ethnographia do Brasil.

As faltas de que pode ser increpada sua concepção, modificada em parte pelos estudos de von den Stein, resultam, no conceito do escriptor referido, do facto de não ter MARTIUS conhecido pessoalmente tribus completamente alheias ao influxo da civilisação.

Das tribus que observou, umas já se achavam sob a acção da catechese, e outras, como os « miranhas », no Japurá, já haviam soffrido a influencia do contacto prolongado com os brancos e se achavam desmoralisadas, quer por esse commercio, quer pelo trafico de escravos.

Como outro factor, entra o que o Dr. EHRENREICH denomina « tupimania » e sobre a qual manifesta-se nos seguintes termos :

« Exaggera a extensão e importancia do povo « tupi »; concorre para novas confusões, repetindo o velho erro de d'Orbigny, a respeito do proximo parentesco entre os carahybas e tupis; reúne incertamente tribus de todo separadas, sob o ponto de vista ethnologico, na chamada familia « Guck. »

. . .

ALCIDES D'ORBIGNY classifica deste modo os aborígenes da America do Sul :

Ando-peruanos

Pampeanos

Brasileo-Guarany's, abrangendo estes os indigenas do Brasil.

Quando a d'Orbigny, o illustre escriptor, a quem alludimos, o Dr. Paulo Ehrenreich, evidencia que ninguem soffreu mais os effeitos das generalisações relativas aos tupis e attinentes a consideral-os como os typos característicos dos indigenas brasileiros, e sua lingua como lingua geral, da qual derivam todas as outras. Accentuando esse facto, que resalta em sua inteireza da classificação de « brasileiro-guarany » não nega, entretanto, o merito inherente á descripção magistral dos caracteres anatomicos dos « ando-peruvianos e « pampeanos feita por aquelle notavel naturalista.

.

VON DEN STEIN que, em sua expedição ao Xingú em 1884, abriu novo periodo á ethnographia, admite provisoriamente a seguinte classificação :

- « Tupis »
- « Gés »
- « Goitacá » (Waitaká)
- « Carahybas »
- « Nu-aruak » ou « Maipure »
- « Pano »
- « Miranha »
- « Guaycurú » (waikuru).

Os postulados que serviram de base ao eminente ethnologo allemão para estabelecer os grupamentos das diversas tribus e formular nova hypothese sobre as suas migrações foram os seguintes :

- 1.º) « Os « carahybas » devem de todo separar-se dos « tupis », ethnologica e linguisticamente.

2.º) Legítimas tribus « carahybas » (os « bacabiris ») ainda se conservam no centro da America do Sul, de onde outr'ora seus ancestraes avançaram gradualmente até a Guyana, — resultado a que já LUCIAN ADAM chegara independentemente, fundado em seus estudos theorico — linguisticos.

3.º) A familia « guck », apresentada por MARTIUS, é como tal insustentavel, pois abarca elementos heterogeneos. Alguns delles provaram claramente ser « carahybas », a maioria, porém, pertence ao grupo « Maipure » de GILLI e ADAM, para o qual propõe a designação de « nu-aruaak »; « nu », por causa do prefixo pronominal tão caracteristico de suas linguas; — « aruaak », por ter sido esta a primeira lingua conhecida da parentella. »

VON DEN STEIN dividiu ainda os « tupis » em duas grandes categorias, em dois grupos perfeitamente caracterisados: — um que guarda a lingua tupi sufficientemente pura, outro, cujos idiomas soffreram tantas variações, que seu parentesco com a familia « tupi » chega a ser negado por alguns escriptores, entre os quaes se deve mencionar LUCIAN ADAM.

A doutrina instituida pelo illustrado chefe da 1.ª commissão do Xingú confirma a situação dos « tupis », que geralmente bellicosos, guerreiros por excellencia, occupavam, ao tempo da descoberta, quasi todo o littoral do Brasil, dilatando sua esphera de acção até a embocadura do rio Negro, no

baixo Amazonas, dividindo-se em «tamoios, tupi-nambás, tupiniquins», etc., como dissemos acima.

Apezar das grandes perseguições de que foram victimas, ante a crueldade dos conquistadores, existem ainda tupis entre os habitantes da região costeira, do Espirito-Santo, Bahia, Pernambuco e Pará.

Na população civilisada do baixo Amazonas encontram-se ainda vestigios da familia tupi, cuja linguagem os missionarios jesuitas, induzidos pelo proselytismo religioso, vulgarisaram pelas margens do rio Negro.

Dos «tupis» do sul ou «guaranys» de S. Paulo, Rio-Grande do Sul e Uruguay restam ligeiros vestigios; mas no Paraguay e nas provincias argentinas de Entre-Rios e Santa-Fé e nas Missões formam a densidade da população.

Na opinião do DR. PAULO EHRENREICH, cujas observações vimos por ultimo analysando, existem ainda no extremo NO da Republica, até o sul de Matto-Grosso, como representantes dos «tupis» além de outros — os «cainguas» e «caiovas».

No Pará é ainda consideravel o numero de tupis selvagens, occupando os «tembés» a parte leste no alto Acará e rio Capim, existindo tambem á margem esquerda do Tocantins, provavelmente a oeste do salto de Itaboca — os «pacajás, jacundás» e «antas» ou «tapirauás.»

Como «tupis puros», ainda são mencionados os «mauhés», na região do baixo Tapajós, os «oyampis»,

no norte do baixo Amazonas, nos limites com a Guyana Franceza.

Dos «tupis do centro» podem ser apontados —os «apiacás» no alto Tapajós, os «camayúras», descobertos pela expedição von den STEIN, no Xingú, os «tapirapés», na bacia do Araguaya e os «guajajaras», no Tocantins.

Poderíamos alongar nossas considerações sobre a concepção de von den STEIN, quer no que diz respeito á classificação dos indígenas do Brasil, quer no que se refere ás suas migrações, mas nos eximimos dessa tarefa, para dar logar ao assumpto principal de nossa dissertação.

Os indígenas da Bahia

IV

Resava a tradição, que nos foi transmittida por alguns chronistas, —terem sido os «tapuias» os primeiros habitantes do littoral da Bahia, denominando-se «Maracás os que occupavam o actual sitio da capital e seu reconcavo;—que os «tupinaés» tribu tupi, seduzidos pela fertilidade do mencionado terreno, os expulsaram das praias, após sangrentas luctas e as occuparam, refugiando-se os vencidos no interior, onde enfrentaram com os «tupinambás» ao norte e oeste e continuaram a ser perseguidos pelos «tupinaés» a leste;—que por sua vez foram os «tupinaés» desalojados das posições que occuparam, pelos «tupinambás», seus vizinhos, sendo

forçados a seguir a mesma rota que haviam feito tomar seus antecessores, ficando de tal sorte apertados entre os velhos e os novos inimigos que, em 1580, estavam reduzidos a um pequeno numero, sendo afinal assimilados.

Ayres de Casal affirma terem sido os «quinimuras» os primitivos habitantes dos terrenos ribeirinhos á bahia Todos os Santos, sendo que o autor da chronica—«Jacaré»—«Ouassú»—estabelece a seguinte ordem chronologica dos povoadores dos mencionados terrenos—«quinimuras»—«tupinaés» e «tupinambás».

..

Foram, portanto, os «tupinambás» o povo que os portuguezes encontraram occupando todo o littoral do S. Francisco até Camamú, e, do gentio da costa, era um dos mais importantes, pelo seu numero e valor.

Segundo Gabriel Soares, sem duvida o mais consciencioso dos velhos chronistas, eram esses gentios de media estatura, de côr muito baça, fortes, bem feitos, sadios, de alegre e boa apparencia, trazendo os cabellos da cabeça, unicos que permittiam no corpo, sempre bem aparados, em excesso lisongeiros, refalsados, valentes, vivendo da caça, pesca e lavoura.

..

Espalhados pelo littoral da Bahia em aldeias distanciadas, por causa das inimizades que os dividiam, era sua situação normal a guerra intestina, ora devorando os vencidos, ora conservando-os em cativeiro.

Os que demoravam no sitio occupado hoje pela capital tornaram-se inimigos dos irmãos residentes na costa fronteira, entre o Paraguassú e e Serezipe, travando sangrentas batalhas navaes, em grandes «igaras» ou canóas, na bacia que se lhes interpunha, e por entre as ilhas das enseadas.

Veio acirrar esse odio uma questão particular que surgira entre os proprios indigenas do sitio em que depois edificou-se a cidade; questão originada pelo rapto de uma donzella.

A familia desta não a tendo podido rehaver do seu raptor, apartou-se da aldeia, passou-se á ilha de Taparica, e, como se constituia de indigenas principaes, grande foi a clientella que a seguiu.

Esses immigrados alliam-se aos incolas do rio Paraguassú, seus antigos inimigos, e crúdelissima irrompeu a lucta, agora alimentada por mais esse odio de familia.

Emboscadas, ciladas, ardis de toda a sorte, conserva a tradição dessa tremenda guerra, e a ilha do «Medo», que demora entre a foz do Paraguassú e a ilha de Taparica, recorda ainda, em sua significativa denominação, esse triste momento das luctas fraticidas dos nossos aborigenes.

Estendeu-se a "alliança de Taparica ás terras ribeirinhas do Jaguaripe, Jequiricá, Tinharé e outras até a costa dos Ilheus.

Assevera ainda Gabriel Soares perdurar até aquella epoca (1582) tão intenso o odio entre os adversarios, que esse sentimento não se detinha mesmo ante os tumulos. Estes eram escavados para o espedaçamento das caveiras, e o consciencioso chronista ingenuamente nos relata que os colonos acoroçoavam esse sacrilego proceder... para ainda mais dividir os selvagens!...

E' tambem de Soares a affirmativa de não haver mais differença entre a linguagem dos «tupinambás» e a dos «tupinaés», que a fallada entre os moradores de Lisboa e os de Entre Douro e Minho.

Essa circumstancia, o aspecto physico, os usos e costumes dos «tupinaés» corroborando a tradição, levaram igualmente o mencionado escriptor a considerar-os irmãos dos «tupinambás».

E a observação feita, igualmente, pelo referido chronista—«de ser um pouco mais rude a linguagem daquelles, como ainda mais selvagens os seus costumes, induz-nos a considerar-os uma antiga familia «tupinambá» que, em contacto mais immediato com os «tapuias», a quem vencera e substituíra no referido territorio, soffrera destes a influencia degeneradôra.

Uma outra familia «tupinambá» que, em perseguição aos «tapuias», se internara mais pelo sertão,

foi cortada pelos «tupinaés» quando expulsos das praias, e de tal sorte vio-se perseguida por estes e por aquelles a quem atacara, que obrigada foi a transpor o S. Francisco, por elles denominado «Pará», estabelecendo-se em sua margem esquerda.

Essa familia constituiu a tribu dos «amoipirás», por ser esse o nome do seu maioral.

Seguiam-se pela costa sul,—de CAMAMU' ao CRICARÉ — os «tupiniquins».

Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva em sua Memoria sobre os aborigenes da Bahia, publicada em 1848, diz, sem duvida baseado em velhas chronicas, que os «tupiniquins» estendiam-se por toda a costa que alonga-se da bahia de Camamú, aos 13°,53,'5', até Caravellas, possuindo suas principais aldeias no territorio de Porto-Seguro.

Foram os «tupiniquins» que assistiram a missa de frei Henrique de Coimbra, perpetuada na tela immortal de Victor Meirelles, e pertenciam a essa tribu os tres indigenas que João Lopes Bixorda, segundo refere Damião de Goes, apresentou em 1515 a D. Manoel, rei de Portugal.

Gabriel Soares assevera ainda pertencerem esses indigenas ao mesmo tronco de seus vizinhos, pela identidade de linguagem, usos e costumes, se bem que entre aquelles e estes fosse constante a inimizade; facto entretanto pouco admiravel, por isso que

vimos essa mesma rivalidade dividir tão profundamente a propria tribu «tupinambá».

Mais domesticaveis e mais sinceros que seus vizinhos do norte, como assevera ainda o referido chronista, foram os «tupiniquins» os primeiros incolas que se relacionaram com os portuguezes.

. . .

A carta de Pero Vaz de Caminha, escripta da bahia Cabralia a el-rei D: Manoel em 1.º de Maio de 1500, documento em que, a par da sinceridade do epistolographo, transpira a nobreza de sentimentos do espirito que a redigio; acta veneranda do primeiro encontro da civilisação européa com a rudeza selvagem dos incolas brasileiros, nol-os descreve—como typos bem feitos e formosos, doces, innocentes, honestos, prestaveis, se bem que alguma vez esquivos e desconfiados, condição natural no selvagem.

A pincturesca descripção do primeiro encontro com os incolas e das subsequentes relações que, no littoral da bahia Cabralia, tiveram com elles os portuguezes, é feita pelo intelligente escrivão da feitoria de Calicut, com aquella sinceridade de apreciação e justeza de conceitos, bem justificada em sua phrase — «bem certo crea Sr. que para aformosentear nem afear — haja de poer aqui mais do que vi e me pareceu».

O proceder dos «tupiniquins» já na foz do rio CAHY, vindo rijos para o batel de Nicolau Coelho,

mas accedendo promptamente ao aceno deste em deporem os arcos, permutando seus artefactos com o sombreiro e o barrete de navegante; — já na bahia Cabralia, deixando-se levar sem resistencia á nau capitanea, quando tomados em uma almadia por Affonso Lopes; — a sua indifferença ante o apparato com que Cabral e seus capitães os receberam; — a confiança que demonstraram em seguida, deitando-se e adormecendo descuidados na alcatifa do salão onde essa singular scena se passava; — a docilidade com que nos dias seguintes depunham os arcos aos acenos dos portuguezes que para terra se dirigiam; — a boa vontade com que prestavam-se a ajudal-os na provisão de agua e lenha; — a attitude que observaram durante as missas e por occasião de transporte da cruz; — o prazer com que afinal se misturaram com os portuguezes, com estes dançando e folgando; — a honestidade com que fizeram restituir ao degradado Affonso Ribeiro os objectos que um dos incolas lhe havia tomado; — finalmente, a completa ausencia de hostilidades contra o povo extranho que a suas plagas aportara, não somente contra os que detiveram-se no littoral, como ainda contra os que internaram-se até a aldeia, a 1 1/2 leguas da costa; provam sufficientemente a bondade de seus sentimentos, a generosidade de seu proceder, a sua relativa cultura moral, tão diversamente descriptas mais tarde e tão mal recompensadas depois.

Rezam as chronicas que, no momento da colonisação das capitancias de Ilheus, Porto-Seguro e Espirito-Santo, « muitos generos de trabalhos » tiveram com esse gentio os povoadores, mas que feitas as pazes, muito fieis e verdadeiros foram os tupiniquins aos colonos.

Pela orla do littoral que se prolonga de Pernambuco a S. Vicente começou e desenvolveu-se a colonisação.

Das principaes tribus que a occupavam — « tupinambás, tupiniquins e tamoios » só nos resta hoje a memoria do seu sacrificio e da sua rude energia.

Não é por certo uma das mais bellas a pagina de nossa historia que relata a perseguição levada a esses indigenas, por accordo e ordem dos dous governadores Luiz de Britto e Antonio Salema, e de que foram maximos executores Garcia d'Avila e Christovam de Barros.

Depois de haverem defendido tenazmente os lares e a liberdade, viram-se obrigados a abandonar aquelles e a salvar esta nas densas florestas do norte, á margem do mediterraneo brasileiro, que lhes fôra talvez originario berço.

Diz-nos a historia que, dirigidos pelo morubixaba « Japiassú », tomaram o caminho do norte, e estancia ram afinal ás margens do Amazonas.

Ainda hoje a grande ilha «Tupinambaranas» lhes attesta o nome e recorda talvez a estancia ultima, a guarida final do seu existir.

Os tapuias, primitivos habitantes do littoral, occupavam por occasião da conquista portugueza quasi todo o interior ou, pelo menos, a parte intermedia entre o littoral e o sertão.

E' ainda no substancioso ROTEIRO DA COSTA DO BRASIL que encontramos a melhor noticia sobre esse povo, naquella época.

Cumpre entretanto notar que a denominação — «tapuia» não significa nome de raça: — os tupis davam-na a todos os seus contrarios e como o eram as hordas do interior que fallavam linguas diversas, adoptaram-na os portuguezes, applicando-a exclusivamente ás ditas tribus.

Destas as mais conhecidas foram:

— Os «maracás» grande cantores e exímios flexeiros, que occupavam provavelmente a região onde demora hoje a villa que lhes conserva o nome, no medio sertão do Estado.

Destinguiam-se pelo falar tremido, semelhante ao soido do maracá, instrumento de uso quasi geral entre elles, e pela singularidade de não serem antropophagos.

— Os «aymorés» que occupavam a serra assim denominada, desenvolvimento da cordileira maritima nos Estados da Bahia e Espirito-Santo.

Foi, talvez, das tribus tapuias a primeira que se embateu com os portuguezes.

Habitantes das florestas eram mais alvos, mais altos e tambem mais ferozes que os tupis.

Tinham uma linguagem rude, gutural, não comprehendida por nenhuma outra tribu.

Não possuíam tabas, nem casas; viviam sob arvores, faziam a guerra de emboscada e admittiam as mulheres a pelejar, ao inverso das demais tribus.

Assolaram por vezes as capitánias de Ilheus, Porto-Seguro e Espirito-Santo.

. . .

Tractando dos «aymorés», escreveu em 1848 Ignacio Accioli, o illustre chronista bahiano.

«E' esta a unica nação antiga de aborígenes que ainda se conserva poderosa e pela maior parte selvagem, conhecida agora geralmente pela denominação de «Botocudos» que lhes deram os portuguezes, em virtude do cylindro de madeira ou botoque que trazem por enfeite nas orelhas e no labio inferior.

Ha mais de duzentos annos que occupam as adjacências do rio Pardo e estendem-se até ás vertentes do Belmonte ou Jequitinhonha, Mucury e território da provincia do Espirito-Santo, vagueando pelo interior das mattas que bordam o rio Doce. A exemplo das demais raças aborígenes distinguem-se

entre si por diversas denominações: são estas — Engerecmung, Inos, Arary, Naknanuks, que significa habitantes da serra, (nome que se dão aos que occupam as serranias que ficam entre o Jequitinhonha e o Mucury) Creemnú e Pejarurú, adoptado por alguns que habitam as adjacencias do rio Doce e do mesmo Jequitinhonha ».

Alguns escriptores estrangeiros taes como BLUMENBACH, MAWE, CHABERT e outros referiram-se aos «aymorés» ou botocudos, nenhum porem excede em detalhes ao illustre excursionista, o sabio principe de WIED-NEUWIED, que percorreu extensa zona do nosso territorio, durante os annos de 1815 a 1817.

A zona de distribuição dessa numerosa tribu foi traçada pelo eminente naturalista — desde a costa oriental até as montanhas de Minas-Geraes, na vasta extensão de florestas comprehendida entre o Rio de Janeiro e a Bahia de Todos os Santos, ou entre 13 e os 23 graus de latitude austral.

Na época em que o principe de WIED os observou, os botocudos dizimados por crudelissimas perseguições, a que alludem SOUTHEY e AYRES DO CASAL, occupavam o espaço comprehendido entre o rio Pardo e o rio Doce, e entretinham comunicação de um desses rios ao outro, ao longo dos limites de Minas-Geraes, achando-se mais perto das costas os «patachós» e os «machacalis».

Apezar das perseguições a que acima alludimos, MAXIMILIANO encontrou hordas de botocudos

vivendo tranquillamente ás margens do rio Grande de Belmonte até Minas Novas.

O notavel decrescimento dessa valorosa nação foi determinado quer pelas luctas cruentissimas feridas com as tribus visinhas, quer pela sanha dos primitivos colonisadores, que nunca trepidaram em dar-lhe caça, em armar-lhe emboscadas, excedendo-os em ferocidade, quando apparentavam agir em nome da civilisação.

Já na epoca em que MAXIMILIANO os visitou havia a antropophagia desapparecido dentre os botocudos que habitavam o sul da Bahia, mormente nas regiões em que elles placidamente viviam ao lado dos europeus, sendo que os de Belmonte repelliam indignados a censura irrogada aos de sua horda, de comerem carne humana.

Esse facto attesta, de modo efficiente, a possibilidade por parte dos europeus de os assimillar, trazendo-os ao regimen da civilisação, a que facilmente se adaptariam, dotando o Brasil de elementos ethnicos muito mais vigorosos do que aquelles que resultaram de outros cruzamentos.

Em 1892 foram encontrados diversos botocudos á margem esquerda do rio Doce, no Estado do Espirito-Santo, acima do antigo aldeamento do «Mutun», já completamente abandonado.

Tractava-se de indigenas da tribo «Naknanuk», reunidos á alguns da «Chops-chops», que havia sido dizimada por indigenas do alto rio Doce, em Minas.

Dirigidos por um chefe naknanuk, cego e alquebrado, ao qual, no entanto, prestavam completa obediência, viviam da caça e da pesca sem incommodar os poucos habitantes civilizados do lugar, que não raro os convidavam ao trabalho e aos folguedos.

Os «machacalis», os «patachós», os «mucürys» e os «puris», muito semelhantes no physico, porem não na linguagem, construíam cabanas de ramos de arvores que entrelaçavam curvando-os.

Os «patachós» e os «machacalis» habitavam em 1815 as florestas das margens do Alcobaça (Itanhem na lingua indigena).

Pensa Accioli que faziam parte dessa nação os «macaxans, minochós, macunis, bacomins, malabis, mángalos e os manhos», que infestaram por algum tempo a villa do Prado, concentrando-se mais tarde na zona comprehendida entre aquella villa e a de S. Matheus.

Alem das tribus mencionadas, merece citação especial a dos «mongoiós» ou «camacans» que occupava o territorio comprehendido entre os rios de Contas e Pardo.

Esses indigenas que mereceram modernamente ser estudados pelo illustre Dr. Sá e Oliveira, hoje extincto, eram de indole bellicosa, insubmissos a qualquer ideia de dominio, até que foram derrotados em 1806 pelas forças ao mando do Capitão João Gonçalves da Costa, no lugar onde fundou-se o arraial da Conquista.

A diversidade de linguas entre os tapuias embaraça certamente o estudo que se possa fazer sobre a sua origem, afastando ao mesmo tempo a possibilidade de consideral-os ethnicamente uma nação.

Parece-nos, entretanto, que essa diversidade de linguas, certas differenças de costumes, o elevado numero de hordas disseminadas pelo vasto sertão, a ausencia de habitações e de outras relativas commodidades do existir, sua mui baixa selvageria justificam a hypothese de serem elles os descendentes directos dos autoctones das regiões que habitavam — o producto do solo: — e a observação de Lund, considerando o homem da Lagoa Santa cuja remota antiguidade demonstrou — da mesma raça dos actuaes representantes tapuias da localidade —, parece trazer a essa hypothese o cunho de verdade historica.

Emquanto á theogonia dos indigenas muito se tem escripto e conclusões positivas ainda não se puderam tirar.

Julgamos, entretanto, com ROMERO — que o indigena brasileiro não passara ainda, na época do descobrimento, muito alem do puro naturalismo.

O Dr. Amedée Moura, que occupou-se com proficiencia dos indigenas de Matto-Grosso, exprimio-se nos seguintes termos sobre o facto em questão:

« Pour ce qui regarde les manifestations de l'âme et l'expression des croyances religieuses les Indiens

n'ont pas de culte, parce que les lumieres de la foi n'ont pas encore éclairé leur ignorance ».

EXHEWEGE affirma que os « guaycurús » têm religião e o mesmo se pode inferir dos conceitos do príncipe de Wied, com respeito aos « botocudos », que chegam a ter opiniões originaes sobre os maus espiritos.

A lua (tarú) é para elles objecto da maior veneração; e, consoante sua theogonia, é causa determinadora de diversos phenomenos da natureza, sendo que o sol, o trovão, o relampago são venerados entre elles.

No que diz respeito á religião dos « camacans », conhecemos a relação mandada ao conego Benigno José de Carvalho e Cunha pelo missionario barbadinho Frei Ludovico, cujo original se acha incluído nos preciosos manuscriptos da Bibliotheca Nacional.

Assim se exprime o venerando missionario:

« Os selvagens camacães moradores nas mattas do districto de Ilheus, a vista dos Astros luminosos do Firmamento, reconhecem que ha um ser invisivel, que preside a elles, que governa seus giros e periodicos movimentos o qual ser é chamado em lingua delles — Queggeahorá e vem a ser em nosso idioma — Ente Supremo.

O embrutecido entendimento delles não lhes dá logar a discorrer, a descobrir neste Ente Supremo attributos, que o façam digno de adoração, e disto segue-se que não se acha entre elles nem Culto nem vestigio de Religião.

Sabem também que existe em ver os phenomenos mais sensíveis e este conhecimento se reduz a uma ideia confuza que, despida de raciocinio produz no seu inculto espirito um sentimento material de momentanea admiração e nada mais.

Admittem a immortalidade da alma e imaginam que sendo esta separada do corpo não se afasta d'elle, emquanto não é completamente corrupto e putrefacto; julgão que as almas livres do corpo percorrem as mattas, que assistem ás suas conversas, ás suas dansas, e são testemunhas das suas acções: que voam pela atmosfera ou pelo espaço que ha entre a terra e Lua, que a considerão como a morada exclusiva das almas dos seus defuntos e lugar de seu descanso.

Tomão o eclipse da Lua como um signal certo da indignação das mesmas almas causado de algum crime que elles fizerão e emquanto o planeta não clareou totalmente se escondem e se acautelão, por não serem offendidos dos bichos ferozes dirigidos, dizem elles, por uma das almas, que entra no corpo dos mesmos bichos para com mordeduras, ou com estragos vingar-se da respectiva offensa». (1)

Quanto á arte, as investigações archeologicas nos tem apenas habilitado a julgar pela ceramica exhumada, as armas e os instrumentos de pedra.

(1) Conseruamos a orthographia e a syntaxe do original.

Umas e outras provam que arte, propriamente dicta, não possuíam os nossos indigenas, sendo que na fabricação dos utensis necessarios, indispensaveis á sua vida primitiva, a perfeição cabe sempre ás tribus tupis e dentre essas ás que habitavam o delta do Amazonas; assim nol-o demonstram os especimens encontrados na colina de Pacoval, na ilha Marajó.

E esta demonstração constitue mais um asserto em favor das ideias que despretenciosamente aqui acabamos de externar.

A antiga Capella dos Jesuitas

NA BAHIA (*)

APESAR de estar longe ainda o dia em que o homem de letras e o que se dedica a certos trabalhos da intelligencia possa viver só com isto entre nós, por ser ainda, o que se chama a erudição, a illustração, no sentido lato do vocabulo, não uma profissão, mas uma cousa apenas bonita, que começa a agradar mas inteiramente platonica, como uma joia que nem todos possuem mas que não tem valor positivo e real, parece comtudo que não se devem desprezar alguns assumptos que em futuro, talvez não muito remoto, venham a alcançar a importancia e o valor que merecem.

E como estamos no Instituto Historico, entendemos não fazer obra impropria, apresentando hoje este despretençioso e modesto trabalho.

A descripção dos nossos monumentos, a exhumação da vida do nosso passado estão neste caso.

Um delles é o Collegio dos jesuitas, fundado e edificado nesta mesma praça onde estamos, ha 351 annos, isto é, desde o primeiro seculo da colonia, 49 annos depois da descoberta do Brasil, ao mesmo tempo que se fundou a cidade da Bahia para capital da nova terra, estabelecendo-se nella o primeiro governo geral instituido pelos portuguezes aqui.

Com o inicio da vida administrativa no Brasil regularisa-se tambem a catechese; e a ordem dos jesuitas, cujos serviços á civilisação da nossa patria não se podem negar, iniciava tambem os seus grandes e penosos trabalhos.

(*) Memoria lida na sessão de 3 de Maio de 1902 pelo socio Dr. Braz do Amaral.

Os primeiros padres construíram uma capella de taipa coberta de palha e nesta obra trabalharam com as suas mãos, amassando barro, conduzindo materiaes, o grande Manoel da Nobrega, assim como os seus companheiros, com aquellas mesmas mãos gloriosas que levantaram o crucifixo aos olhos dos indigenas e que prepararam assim os elementos de paz, de ordem, de moralidade, de liberdade, pelos quaes tanto combateram muitos dos seus irmãos da companhia e que tanto deviam servir para a constituição de uma nacionalidade tres seculos depois. . .

Foi em 1551(?) que começaram os padres a obra do seu magestoso templo, o chamado Collegio de Jesus, que ali se vê com as suas dependencias, e que fôrma hoje a cathedral com a sua bella sacristia e accessorios, os commodos da antiga Bibliotheca Publica e todo o edificio onde funciou n'outro tempo o Hospital da Misericordia, até 1889, quando foi transferido para Nazareth, assim como a Faculdade de Medicina, que do velho collegio dos jesuitas já quasi nada têm, por haver sido inteiramente reformada a construcção no fundo e na fôrma.

Só aqui e ali se encontrará no meio dos materiaes alguma pedra, uma porta entalhada á antiga, um azulejo esquecido, que indicarão ao entendido o collegio dos padres dos tempos da colonia.

A grande peça subterranea abobadada que servia ainda ha poucos annos de deposito d'agua, num dos pateos centraes, e que a tradição popular assevera ter sido o ponto de partida de um dos grandes caminhos subterrâneos construidos pelos padres, foi entulhada ultimamente.

O saguão antigo com as suas lages quadradas foi inteiramente transformado, e só algumas dellas aproveitadas na architectura dos arcos romanos que hoje ostentam o 1.º andar.

Ainda não ha muito se descobriu casualmente a antiga fossa que servia para o convento e que communicava provavelmente com o grande conductor de alvenaria que pelo dorso da montanha ia vasar os detrictos e aguas servidas no mar, pouco mais ou menos no lugar chamado ainda Guindaste dos Padres.

Foi um mestre de obras quem encontrou esta fossa, sob um assoalho que tinha recebido uma camada de cimento, e ella se acha actualmente por baixo de uma parte do gabinete de chimica analytica.

Á velha crypta dos jesuitas está ainda lá muito ignorada e abafada no meio de uma multidão de entulhos ignobeis; os seus sepulchros rasos, os carneiros, como leitos feitos no muro, e o seu tecto de estuque já muito maltratado, mas onde num canto se percebem ainda vestigios de uma pintura, lá existe em baixo da antiga bibliotheca, logo ao nivel da terra, em frente do moderno pavilhão de anatomia da Faculdade e por detraz da sala de direcção que fica a cavalleiro da montanha da Faculdade e por detraz da sala e das obras do Plano Gonçalves.

Lá descemos, Munhoz Góes e eu, quando procurámos um dos subterraneos que a tradição diz existirem na cathedral, trabalho em que perdemos infructiferamente até agora tempo e esforços.

E' a Bahia historica, do tempo dos vice-reis com as suas intrigas de que se queixam tantas cartas ao rei e os seus cuidados pelo desbravamento e pela defeza da terra.

A cella de Vieira tambem alli se vê ainda ao lado do grande corredor que leva á sachristia e por cima da crypta; destas peças é a mais conhecida pela vulgarisação que este Instituto deu ao celebre padre quando promoveu as festas commemorativas do seu centenario.

Pretendemos hoje, o nosso consocio Munhoz Góes e eu, nos occupar da capella, que é uma joia architectonica internamente.

Era a capella particular dos padres e parece que foi construida com o collegio de 1551 em diante.

Eu ainda conheci o primitivo corredor e penso que a soleira de pedra escura, tirada daqui, da costa, cayada pelo attrito dos pés, é a primitiva e a mesma que foi pisada pelos luminares da ordem no Brasil.

Ainda ha pouco tempo alli se achava a grande e esplendida cadeira de jacarandá, a cadeira do Padre Vieira, que se encontra hoje no seminário de Santa Thereza para onde foi transferida.

A capella está encravada nas construcções da Faculdade, e quem sobe a escada de marmore em curva que hoje dá accesso ao 1.º andar passa ao lado della.

Uma porta antiga de almofadas com 3 metros e 30 centímetros de altura e 1 metro e 90 centímetros de largura offerece ingresso ao visitante.

A peça toda tem da soleira até a maior reentrancia do altar que lhe fica em frente 18 metros e na largura mede 8 metros e 2 centímetros. As paredes têm, tanto de um lado como de outro, 2 metros de espessura.

Deve-se addicionar ao cumprimento mais 2 metros e 95 centímetros que é o que corresponde ao altar.

Toda a peça é assoalhada.

A capella tem em torno, desde o rodapé até 1 metro e 25 centímetros de altura, uma faixa de azulejos representando uma série de escudos, todos de assumptos religiosos, extrahidos do Evangelho. O 1.º á esquerda do altar representa o Agnus occisus; o 2.º, Quasi plantalia rosa; o 3.º Puteus aquarum; o 4.º Turris David; o 5.º Speculum sine macula; o 6.º Stella maris; o 7.º Electa ut sol; o 8.º Pulcha ut

luna; o 9.^o Quasi palma; o 10, Quasi oliva; o 11, Fons signatus; o 12, Templum dei; o 13, Ortus conclusus; o 14, Aperti sunt oculi.

Entre os escudos, os desenhos dos azulejos representam o seguinte: o 1.^o, restos de um arco romano; o 2.^o, um viajante apoiado em um bordão, tendo diante de si um poço; o 3.^o, um homem andrajoso com um cão; o 4.^o, uma mulher numa estrada também apoiada em um cajado; o 5.^o, um velho sentado em uma pedra; o 6.^o, um moço seguido por um cão enorme; o 7.^o representa o Lazaro; o 8.^o, um homem com um pucaro; o 9.^o representa um mutilado; o 10.^o, uma torre diante da qual passam navios; o 11.^o é um menino acompanhado por um homem com um volume nas costas subindo uma ladeira; 12.^o, um rio no qual passam escaleres e ao fundo veem-se edificios grandiosos.

Acima da faixa de azulejos entre estes e a cornija dourada segue-se um espaço de parede caiada que mede 2 metros e 40 centímetros de alto; no meio desta parede abrem-se 3 janellas de cada lado, todas eguaes, tendo 2 metros e 1 decimetro de altura e de largura 1 metro e 94 centímetros.

De cada lado da porta acham-se duas pias de pedra vermelha arredondadas e muito elegantes, tendo 45 centímetros no maior diametro e 30 no menor. Foram feitas com a mesma pedra vermelha das pias da cathedral, sendo para notar que esta pedra vermelha que se encontra em alguns edificios dos séculos 16 e 17 aqui, parecem ter sido tiradas de Valença e proximidades onde affirma pessoa de credito haver quantidade d'ella, que era extrahida e trabalhada nos tempos coloniaes.

No alto da parede corre uma larga cornija dourada em alto relevo, formando arabescos, sustentada por 10 cabeças de anjos, cinco de cada lado. Faltam ainda as duas da cornija do altar.

O tecto é uma belleza; grandes quadrados pintados de côres finas em que predominam o castanho, o

preto sobre um fundo branco dão-lhe muita riqueza e valor; é pena que este tecto já esteja estragado; é mesmo a parte mais estragada da capella. A viveza porém das tintas, a sobriedade e perfeição do desenho, a boa qualidade do oleo empregado, talvez o de nozes, tornam muito interessante este trabalho de arte não só pelo que foi esculpido na madeira propriamente dita, e que é provavelmente cedro, como pelo valor da pintura. Estes quadrados estão dispostos em 3 filas; o revestimento de madeira que os separa é todo esculpido em baixos relevos representando cachos de uvas, volutas entrelaçadas, etc.; nas pontas de junção dos quadrados, ha macanetas pintadas e douradas, entre elles correm linhas dentadas esculpidas na madeira, pintadas de branco, ladeadas por frisos dourados.

Nos intervallos deixados entre os quadrados e as duas cornijas formaram-se grandes triangulos, em que se levantam florões em alto relevo dourados, sobre fundo branco, alternando com outros triangulos em que se levantam tambem em relevo, ainda mais elevado, grandes ornamentos dourados, á semelhança de capiteis, sendo oito de cada lado e quatro no fundo.

Abaixo desta cornija ha uma outra tambem toda dourada. Alguns podem consideral-as como uma só peça architectonica.

Nós as consideramos separadas para facilitar o trabalho e tornal-o mais methodico.

Ha ainda outro motivo. Entre as duas fizeram uma série de telas, ao todo 20: 8 de cada lado e 4 no alto da parede da entrada, onde foi praticada a porta; os paineis que são todos bons, se bem que não tão finos como os que adornam a magnifica sacristia da cathedral, estão entre estas duas faixas de altos relevos de magnificos arabescos dourados em que a pintura foi combinada com muito gosto, porque tanto as telas como os arabescos, apezar do

seu excesso de ouro, destacam-se sobre o fundo branco.

No fundo está o altar; altar mór, não sei se deva chamar porque é o unico da capella.

Elle é constituído por duas fileiras de columnas lisas cobertas de arabescos com relevos altos, dourados cujos pedestaes têm de largura 7 decímetros e de altura 8. São 6 columnas, 3 de cada lado, que avançam formando o espaço onde se acha o altar com a largura de 67 centímetros. As bases destas columnas avançam sobre a plataforma do altar 60 centímetros. Ellas medem 2 metros e 7 decímetros de altura e são todas de cedro dourado.

No meio, sobre a plataforma do altar, mais levantado, fizeram um nicho com 2 metros e 4 decímetros de altura, e por sobre este um outro menor sustentado por 4 columnatas terminadas por maçanetas grandes douradas.

Destas 4 columnatas duas são mais salientes e duas mais reintrantes; entre ellas quatro cabeças de anjos esculpidas na madeira e pintadas.

Por cima das columnas grandes que ladeiam os nichos ha dous anjos de cada lado sustentando arabescos.

O vertice do altar, no alto, sobre o nicho menor ha grande ornamento todo dourado ao qual entretetece e de onde escapa uma grande fita de ouro.

No nicho superior encontra-se ainda uma imagem de cerca de 1 metro e 60 centímetros de altura, talvez S. Ignacio de Loyola com os paramentos sagrados, tendo na mão um livro aberto onde se lê escripta em grandes caracteres a divisa da ordem — «Ad maiorem Dei gloriam». Este livro repousa sobre um capitel formado pela cabeça de um anjo e terminado inferiormente por um plano inclinado de escamas douradas.

O nicho grande, que fica por baixo do de S. Ignacio, é dedicado á Virgem.

Na cornija que separa os dous nichos, nò ponto correspondente ao alto do nicho da Virgem, ha um escudo azul e ouro com a seguinte inscripção — «Maria Assumpta estin cœlum».

Mais abaixo no retabulo que forma a base do altar ha dous escudos pintados de escuro sobre fundo branco com a incipção — «Reliquiæ sanctorum».

Aqui ha poucos arabescos.

Sobre elle, porém, o sacrario é todo de ouro e ornamento; elle tem 1 metro e 35 centímetros de altura.

O crucifixo de madeira tem 1 metro e 4 decímetros.

O nicho em que está a imagem da Virgem, todo de cedro dourado, tem 90 centímetros de fundo.

O Santo Ignacio tem 1 metro e 45 centímetros e o nicho em que elle se acha 1 metro e 70.

Nos outros dois nichos contiguos ha tambem duas imagens de santos; o da esquerda com 75 centímetros de altura; e o da direita com 95; os dois outros nichos externos (pois são 5 ao todo) estão vazios.

Suppõe-se que nesta capella existem os ossos do grande Anchieta, pois se sabe que tendo o illustre jesuita fallecido no Espirito-Santo foram os seus restos trasladados para a Bahia, não se sabendo ao certo onde param. Parece que em Roma mesmo, os que dirigem a ordem acreditaram até ha bem pouco tempo que na Capella do Collegio estivessem os ossos de José de Anchieta, pois o padre Tadei recebeu ordem do geral da Companhia para vir explorar as paredes da Capella do lado do Evangelho. Entendeu-se aquelle padre com o director da Faculdade e foram levantados alguns dos azulejos da parede do lado esquerdo sem resultado algum.

Quando andamos estudando a Capella, Munhoz e eu sondamos todas as paredes sem que o som

revelasse haver n'algum ponto o esconderijo procurado, porque, sendo muito antiga a ligação dos azulejos ao muro, a argamassa muito secca dá por toda a parte a mesma sonoridade de parede oca sem que o esteja realmente.

É crível que aquelles preciosos restos se achem em uma das Capellas da Cathedral, talvez na parede ao lado esquerdo da propria Capella mór.

Dr. Braz do Amaral.

COLONOS INDIGENAS E ESCRAVOS

Os jesuitas a catechese

HISTORIA DO BRASIL (*)

ESTUDANDO a incipiente sociedade brasileira no primeiro periodo da colonisação em seus elementos constitutivos, vemos que estes se distribuam em tres classes: — fidalgos, peões, gentios e escravos.

A primeira comprehendia os donatarios ou capitães mórés, verdadeiros suzeranos em seus feudos, devendo obediencia somente ao Rei, e grande parte dos sesmeiros, uns de character e costumes mansos, outros completos aventureiros, que buscavam em a nascente colonia pasto abundante ao exercicio dos vícios que as leis da metropole não toleravam.

A segunda era constituída pelos colonos propriamente ditos — agricultores, criadores e mestieiros, incontestavelmente a melhor provida de elementos conservadores, mas ainda assim não extreme da lia que as justicas portuguezas para aqui exilavam, com o ferrete da ignominia que a lei lhes impunha.

A terceira abrangia os indigenas livres, apparentemente, e os escravos quer indigenas, quer africanos.

Estas classes, podendo ser assim delimitadas, não se isolavam, não faziam vida á parte como no feudalismo europeu: misturavam-se, almagavam-se,

confundiam-se pelo choque, pela exploração, pela nota da cupidez e do sensualismo, que era a moral dominante de tão encontrados e heterogeneos elementos a proliferarem entre a pujança desta natureza tropical.

Em breve trecho, pois, a mistificação avolumou-se: surge o mameluco, producto do cruzamento do portuguez com a indigena, sempre activo e irrequieto, mas nem sempre benevolo e humano: se na fundação do arraial de S. Paulo vemol-o enfrentar até os jesuitas, o encontramos mais tarde como o mais ferrenho perseguidor da raça materna, no typo odioso de caçador de indios: junta-se-lhe o curiboca, cruzamento do negro com a indigena, e o mulato, resultado identico da negra com o branco.

Ethnicamente, pois, era essa a sociedade; politica e juridicamente a feição da colonia na primeira phase de sua historia pôde ser synthetisada nas seguintes palavras: — o portuguez explorando o solo pelo trabalho do negro e exterminando o indigena por não se prestar este ao mesmo regimen, por vir perturbar o naquella tarefa; situação dominada pelos princípios os mais absolutos e intolerantes e sempre intranquilla, já pelas luctas intestinas que a propria cobiça accendia, já pela repulsa e aggressão do incola, já, finalmente, pelos ataques e assaltos de inimigos externos — francezes, hespanhoes, hollandezes, inglezes, a disputarem a joia rica que a sancção papal houvera doado e confirmado ás lusas quinas.

Destaca-se, portanto, neste primeiro periodo de nossa historia, dispostico e soberano, o elemento portuguez; porquanto o indigena é sempre afinal um vencido e rechassado, e o negro é o animal domestico que trabalha e chora.

Estudando, agora, separadamente as tres raças que foram outros tantos elementos ethnicos a

constituir o povo brasileiro, já em suas descendências directas, já pela constituição do novo typo, o mestiço, e apreciando a sua influencia em a nossa evolução social, vemos que, — de fidalgos aventureiros e dissolutos, degradados, soldados, marujos e, de envolta, alguns homens bons, constituíram-se os colonisadores portuguezes, isto é, a primeira camada do elemento europeu que veio a ser o nosso primeiro factor ethnico, juntando-se-lhe mais tarde elementos da mesma procedencia, porém moralmente mais sãos, quando, com o estabelecimento de um governo geral no paiz, regulou-se a distribuição da justiça, garantiu-se a propriedade, e firmou-se o dominio do direito e da lei.

Soffrendo a influencia e a modificação do meio physico, a alteração produzida pelo contacto immediato de duas civilisações inferiores, cujos representantes tinha de vencer, subjugar, disciplinar, o elemento portuguez nacionalisou-se, e entrou como o factor mais preponderante na constituição da patria nova, pelo seu character em extremo assimilador, pela ascendencia legitima da familia, da cultura intellectual, da posição social e politica.

Sua descendencia directa, alimentando-se sempre na primitiva fonte, dirigindo os descendentes das outras duas raças, tambem pelo mesmo processo alimentados, e o typo intermedio, que crearam, atravessa a nossa historia illuminando-a de esplendores epicos na integração e na defeza do patrio solo, na vingança da honra nacional ultrajada, e nas conquistas luminosas da paz e do trabalho.

E prepara, pela absorpção, pela remodelação final, a raça forte que ha de firmar a hegemonia de nossa patria na America latina.

Emquanto á raça indigena vemos que ella foi

na primeira phase do povoamento, como em todo o período colonial — aliada, inimiga ou escrava.

Quando aliada, prestava valiosos serviços ao colonizador, combatendo a tribu adversa, ensinando áquelle os ardis, os caminhos, a estratégia incola, dominada pelo espirito guerreiro que lhe constituia a feição principal do character.

Quando inimiga, investia bravamente contra o portuguez que a perseguia e expoliava, ou alliava-se ao francez que fazia áquelle intelligente concurrencia, inspirada no sentimento da vingança, instinto natural no selvagem, saciada muita vez na devastação das fazendas e no morticínio do colono.

Quando escrava, mostrava-se fraca e indolente para o trabalho, insubmissa ao eito, sempre disposta a ganhar a selva proxima, guarida da liberdade que se lhe arrancava e onde podia continuar a vida da natureza, indolente e ociosa.

Vencido, perseguido, somente utilizado para a guerra, destaca-se, entretanto, neste particular, heroico e intemerato, o elemento indigena; e os seus serviços, no prelio ingente travado com os batavos pela integridade do territorio nacional, foram inestimaveis. Fôra isso, sómente, como elemento passivo releva-se em o nosso progredir.

Entretanto, os seus descendentes mais immediatos, os bellos caboclos do norte, os sertanistas do oeste e do sul em demonstrações de civismo honram bem alto as virtudes guerreiras de seus avós.

Emquanto ao elemento africano introduzido no Brasil desde o inicio de sua colonisação, como escravo e instrumento de trabalho, vemos que era oriundo da Guiné principalmente, e da região do littoral que dahi se estende até Moçambique. Procedia, portanto, dos berberes, jalofo, mandingas, felupos ou congos, angolas, benguelas, a que mais

tarde juntaram-se os minas, únicos esses que guardaram mais zelosamente as tradições, usos e costumes de sua patria.

Arrancados violentamente do patrio solo, e transportados, qual mercadoria, em infectos porões de navios, para extranha região onde a vida lhes vinha decorrer bem outra, jungidos ao eito, sob o azorrague do feitor, constituíram, entretanto, esses infelizes representantes da raça negra um factor poderoso da nossa nacionalidade, pelo seu numero, pela feição affectiva de seu character, pela sua intensa proliferação.

Raça igualmente vencida e subjugada, mas trabalhadora, valente e forte, prestou tambem á integração da patria nova os mais valiosos serviços.

Sua porcentagem na constituição do povo brasileiro é superior á da raça indigena, e a sua influencia em a nossa evolução social é, principalmente pelos seus descendentes crusados, bastante accentuada.

Para a raça forte a que alludimos, para o typo brasileiro do futuro, que se remodela, ella levará as virtudes primitivas das raças puras e sans.

. . .

Os jesuitas foram verdadeiros bemfeitores da humanidade na primeira phase da colonisação do Brasil.

Aportando a estas plagas com o primeiro governador geral em numero de 6, dirigidos pelo benemerito Manoel da Nobrega, e augmentados sempre em consequentes remessas, foram os jesuitas a legião que se constituiu a ante-mural do indigena, defendendo-lhe quasi sempre com efficacia a vida e a liberdade.

Graças a elles a nossa historia não apresenta as lugubres paginas das conquistas do Mexico e do Perú.

Graças a elles, a civilisação poudo firmar-se mais humanamente nesta parte da America, e o povo portuguez, pequeno e pobre, poudo assenhorear-se do territorio descoberto, donde seria fatalmente expellido pela bravura do gentio, unida á concurrencia do francez.

Graças a elles, poudo a raça aborigene, combatida em sua fereza pela catechese christã e mais por este processo de que pelas armas, em parte, submettida, escapar de completo exterminio.

A Historia, guardando o nome dos 6 primeiros apostolos do bem nesta virgem terra da America, — Nobrega, Aspicuela Navarro, Antonio Pires, Leonardo Nunes, Vicente Rodrigues, e Diogo Jacome e dos principaes continuadores de sua obra, — Anchieta, Luiz da Gran, Vieira e tantos outros, presta a homenagem devida aos espiritos mais cultos e aos caracteres mais nobres, que a civilisação occidental da Europa enviou a estas regiões.

Apropriando-se da linguagem dos incolas, apresentando-se-lhes simples, modestos, resignados, humildes, estoicos, dando-lhes o exemplo de todas as virtudes moraes, puderam os jesuitas ganhar o animo dos selvagens, iniciar e desenvolver a obra de sua civilisação.

Empregaram para isso os meios mais intelligentes e efficazes, como a musica, as procissões apparatusas, as novenas, as predicas suggestivas, todas as outras manifestações do culto externo; constituindo-se principalmente seus defensores estrenuos, batendo-se até pela liberdade dos que eram caçados nas selvas como animaes bravios, conseguindo muita vez arrancal-os á ganancia do

colono; fazendo-os abandonar costumes selvagens e grosseiros, arregimentando-os em aldeias a que chamavam «missões», instruindo-os na moral do evangelho e na religião do trabalho.

Nessa primeira phase, pois, da nossa Historia, a acção dos jesuitas foi benefica, salutar, humanissima:

Foram elles além disso os representantes da cultura intellectual da época: foram elles os primeiros professores deste paiz.

Se bem que saturadas do espirito de seita, são as suas chronicas, os seus escriptos, as suas annuas, os documentos por onde pudemos conhecer a vida da colonia brasileira, de cujos albôres na historia foram elles os intelligentes paranympchos.

O culto dos Heróes (*)

UMA nação que não cura das suas tradições é uma «nação morta» escreveu um dia W. Scherer na sua famosa «Geschichte der deutschen Literatur».

A tradição é o botaréo da Fé e a Fé — o arcabouço intimo de todo o edificio social.

A coincidência notavel entre os eclipses da Fé e as catastrophes politicas, a periodicidade fatal das grandes crises historicas e a isodynamica insophismavel do seu modo de acção por intermedio das quaes se manifesta a omnipresença de uma intelligencia hyperhumana, sollicitaram sempre a attenção dos philosophos de todas as épocas.

Não se abafa impunemente o sentimento religioso que a Cultura contemporanea assignala como a antithese ridicula do Livre pensamento.

Ninguém demonstra, de modo mais irrefutavel, a nihilidade scientifica dessa concepção, do que o autor de «Sartor Rasartus» — o maior genio que tem apparecido na Inglaterra depois de «Shakespeare».

Toda a «psyché» religiosa comprehende a explicação do Cosmos e uma taboa de valores moraes, ou por outras palavras, uma Logica e uma Ethica de um parallelismo constante e harmonico.

E é na alma do Povo, o inimigo irreductivel da Fraude em todas as suas modalidades, que se

(*) Discurso proferido pelo socio Dr. Egas Moniz Barretto de Aragão, na sessão anniversaria de 3 de Maio de 1951.

delineam as bases dessa Logica e os preceitos dessa Ethica, promanadas ambas da Lei Natural que acompanha a Humanidade como a sombra ao corpo, na phrase do grande philosopho «Feuerbach».

Não sei se em tempo algum foram essas leis, que devem ser outros tantos pharões para a Civilisação, mais cynicamente violadas do que nos tempos modernos.

Borrascoso e triste foi o crepuscular do seculo XX.

A alma da velha Europa nega Deus e negar Deus é estabelecer o imperio do Chaos, é quebrar o equilibrio moral indispensavel ao funcionamento da Sociedade, é alcandorar o «antipsychismo» á altura de um imperativo kantiano, é solapar toda a magestosa architectura da Civilisação hodierna.

O severo estudo da pathologia social aponta-nos uma terrivel verdade.

Após 19 seculos de progresso, em pleno apogeu de Cultura, quando a Sciencia, mão grado a voz agoureira de «Brunnetière» crea as maravilhas das maravilhas: fortalezas de aço e bronze cruzando os oceanos, transatlanticos de 20000 cavallos; correntes «polyphaseadas» distribuindo a energia electrica que se transforma á vontade em luz, calor e força; telegraphos sem fios, de «Marconi»; raios sem luz, de «Röntgen», photographias do pensamento conseguidas pelo filho de «Edison», motores de ar liquido, aeroplanos quasi dirigiveis e outros mil prodigios!... após este soberbo cyclo de triumphos eis reconhecem aquelles que marcham na vanguarda da Intelligencia que ainda permanecemos chumbados ao primitivo «avatar» moral.

O odio, o insuperavel odio atavico que, já nas cavernas prehistoricas, açulava o homem contra o

homem, ainda hoje perdura iterativo, onnipotente, a explodir na ponta da faca de Caserio, a gritar no coração lobrego das « greves », « a ulular nas paginas apocalypticas da Bete Humaine! »

A revolução franceza de 93 derrocou a Bastilha do Feudalismo e sobre as suas ruínas fumegantes ergueram uma outra bastilha — a do Cesarismo.

« Washington » despedaçou os grilhões da Metropole e o « jingoismo » officia, hoje nos altares da Plutocracia, assanhando o odio de raça.

A rebelião de 15 de Novembro de 1889 destruiu o throno mais democratico que existiu e em seu lugar levantaram um edificio que de modo algum merece o nome de Republica.

Vemos a França, que se considera o cerebro do Mundo, o « palladium » da Civilisação occidental, o « Paraclete dos Direitos do Homem » e crucifica, aos berros da canalha, um innocente; faz reviver na « Ilha do Diabo » as torturas diabolicas da Inquisição e, numa estupida ressaca de lama e ignominia, apredeja a Verdade, na pessoa de Emile Zola, matando de nojo e desespero a alma intemerata de « Scheurer-Kestner ».

Vemos a Russia, que pela bocca do Czar, aconselha magnanimamente o desarmamento universal e massacra como um bando de cães damnados o povo finlandez que pedia justiça; e expulsa de seu territorio, como se fosse um leproso, o Apostolo do Amor o amigo dos « Mujiks », o Sisia de Christo — « Leon Tolstoi »!

Vemos a Inglaterra, o berço das Liberdades modernas, armar 300.000 soldados para o assassinato de 25.000 cidadãos de uma republica constituida que, por desgraça, tem encravadas no seu territorio algumas minas de ouro; vemos a Inglaterra, patria do « Habeas-Corpus » no humbral do seculo XX, tolerar, em todo o « Hinterland »

occidental da Africa, numerosas agencias inglezas, para o infame trafico dos escravos, escandalo ha bem pouco tempo denunciado pela «Contemporary Review».

E, ao rebentar das bombas anarchistas, ao marulho ameaçador de milhões de proletarios que pedem pão e trabalho e os governos mandam fuzilar, ao esfusiar das gargalhadas obscenas dos Philisteus da Cultura que pregam a victoria do Egoismo e a bancarrota da Moral, cambaleia o madeiro, onde ha vinte seculos, está pregado o cadaver do Homem-Deus, do Messias do Amor, do Demiurgo supremo!...

A Humanidade lembra, nos tempos actuaes, uma cathedral gigantesca sem Deus e sem altares, estalando do alicerce ao corucheu, em cima de um vulcão.

O pendulo da Razão oscilla, entre um orgulho satanico, provocado pelo progresso scientifico e uma covardia vesanica alimentada pelo nihilismo moral.

Estaremos sobre a rocha «Tarpea» ou no pincaro de um Thabor.

Será o crepusculo de uma noite definitiva ou o prenuncio de um formoso dia?

.....

Ha na antiquissima biblia scandinava, arrancada das patas dos iconoclastas, pela piedade de «Scemund» e «Snoro Sturleson»; ha nas paginas selvagememente epicas dos «Eddas» um metho sublime — o «Ragnaroccky» que, na mythologia germanica, tornou o nome de «Gøtterdøemmrung» — o crepusculo dos deuses.

Eil-a a concepção genial e profunda desse mytho:

Os «Jœtuns», as temíveis potencias do Mal, depois de mil escaramuças com as divinas potencias do Bem resolvem finalmente travar um combate supremo.

Na Serpente da Treva investe contra o gigante «Thor» — o deus do raio. Rancor contra Rancor, Poder contra Poder, Força contra Força!

Estala a metralha dos trovões, ziguezagueia a espada dos relampagos, entrechocam-se o escudo de bronze e as escamas do monstro, desembestam as Walkyrias desgrenhadas, ao compasso em tres tempos de um galope phantastico e um crepusculo ensanguentado desce pouco a pouco sobre o «Wnallala» que se despenha tragicamente no abysmo...

O velho Mundo e os antigos Deuses, arrastados n'aquella queda formidavel, desaparecem no chaos.

Não tardará porém uma ressurreição porque a Vida é a filha da Morte.

Das tenebras insondaveis do abysmo ha de surgir um novo Ceu e uma nova Terra... no Ceu habitará um Deus mais divino e uma Justiça mais justa imperará na terra.

.....
Eil-o o mytho da velha biblia scandinava.

Pois bem: todos os grandes pensadores modernos, de Goethe a Emerson, de Hugo a Barni, de Uhithman a Nietzsche — todos os grandes optimistas melancolicos acreditam na realisação dessa prophecia...

Façamos como Elles; não desanimemos.

Ergamos bem alto a fronte e os corações...

Trabalhemos e esperemos.

E em que consistirá esse trabalho?

No culto acrysolado dos grandes vultos da Patria e da Humanidade que, na opinião de «Carlyle», ha de substituir um dia todas as velhas religiões; nesse culto mais acceitavel do que o culto da Humanidade anonyma.

E' esta a base fundamental da Educação civica-relumbrante zaimph sem a investidura da qual uma nação se esphacéla e morre.

Abramos, de par em par, ao Povo, a biblia da Historia patria e seremos benemeritos, porque, para Elle e para Ella, trabalharemos, não comô aquelles antigos sabios egoistas que procuravam improvisar um systema metaphysico de casualidades, em lugar de argamassar para o futuro os elementos de uma finalidade victoriosa e fecunda.

Isto aqui, Senhores, é um templo e ao mesmo tempo uma arena de combate.

«Luthero» — na Allemanha, «Knox» na Inglaterra, «Renan» em França, «Ardigo» na Italia esborcinaram o idolo do Phariseismo antigo; desmoronemos igualmente o idolo da Oligarchia moral que, pela tuba do Jacobinismo Brasileiro, procura nivelar Christo e Tiberio, Dante e Aretino, Shakpeare e Cecil Rhodes, Pedro II e Marcellino Bispo...

Já o disse outr'ora a voz isaiaca que syllabou a «Legenda do Seculo»:

«Por mais que façam aquelles que reinam interiormente pelo suborno e exteriormente pela ameaça, por mais que façam aquelles que julgam pilotear os povos e não passam de perversos anarchisadores, por mais que façam, a phalange sagrada da verdade ha de encontrar sempre um meio de cumprir o seu dever até o fim.

A omnipotencia do Mal só pode alcançar resultados negativos.

O pensamento escapa fatalmente a quem tenta jugulal-o.

E' como o ar, rebelde á compressão.

Maravilhoso proteu — refugia-se em fôrmas diversas.

O facho irradia... se o apagam, se o atiram á treva, o facho transforma-se numa voz e não ha noite que esconda a Palavra!

Se amarram á bocca que falla uma mordaca, a Palavra transfigura-se em luz e não se amordaça a luz!

Ninguém pode domar a Consciencia do Homem, porque a Consciencia do homem é o reflexo do pensamento de Deus»!

.....

Em meu nome e em nome da revista «Brasil-Portugal» e de «Deutsche-Zeitung», saudo o «Instituto Geographico e Historico da Bahia», pela fausta data em que celebra o 7.º anniversario de uma gloriosa existencia.

Ao «Instituto Geographico e Historico da Bahia», essa benefica associação que é a salvaguarda heroica das nossas tradições, que pontifica, na apothese de um altar, a religião dos nosos grandes homens, que procura reanimar piedosamente a pyra quasi extincta do amor da Patria, transmitto, do alto desta tribuna, os applausos sinceros, entusiasticos e unanimes da imprensa portugueza e teuto-brasileira.

HABEAS-CORPUS — Estado de Sítio

PREFACIO AO DISCURSO DO DR. RUY BARBOSA, PROFERIDO NA SESSÃO DO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL, DE 26 DE MARÇO DE 1898. (*)

(Ao Sr. Rogociano Teixeira)

EM profunda vacilação se me debateu, por longo tempo, o espirito, antes de acceder eu ao honrosissimo pedido, com que aprouve distinguir-me o meu illustre co-estadano e amigo.

Escrever algumas palavras, como preparo ao leitor, para que melhor possa apreciar o erudito discurso que lhe vae ser posto diante dos olhos, nada menos é — do que erigir um portico para o monumento, cuja maravilhosa estrutura se lhe annuncia com inteira verdade, e merecida justiça.

Para não infringir, entretanto, as regras da architectura, que prevalecem tambem nas obras de litteratura, pois o gosto deve ser inseparavel de todas ellas, muito importa — que as differentes peças do edificio obedeçam ao mesmo estilo, guardem as necessarias proporções entre si, não pequem por contraste de linhas, nem desmereçam pelos erros de symetria.

Sendo assim, comprehender-se-á facilmente o embaraço em que agora me encontro para corresponder á solicitação, gentilmente expressa por meu velho amigo.

Trata-se de uma substanciosa oração, por onde filtra a eloquencia arrebatadora de uma das pala-

(*) O Autographo pertence ao Instituto Historico da Bahia, offerecido pelo socio Coronel Rogociano Pires Teixeira.

vras mais autorisadas da America latina, e de um producto sazonado da maior mentalidade de que presentemente o meu paiz se envaidece.

Na elevação dos conceitos que emite, na importancia das questões que suscita, na cópia de illustração que revela, no emprego da linguagem de que se serve; sob todos os aspectos por onde se o encare, por qualquer padrão que se lhe ajuste, seja qual for o crysol preferido para apural-o; é força reconhecer — que esse discurso basta para firmar a reputação de um jurisconsulto, a fama de um advogado, a superiordade de um publicista.

A mim é que falta — por meu mal — a expressão propria para qualificar tão bem acabado producto da arte de falar; a necessaria autoridade para recommendar a leitura meditada desse relevante trabalho da sciencia do direito. Que as joias de um tal escritorio, formado carinhosamente para opulentar o patrimonio litterario da patria, e as harmonias de um tal cantico, entoado em honra da lei, são tantas e tamanhas, que se torna difficil decidir — qual daquellas a mais tentadora e qual destas a mais doce e penetrante.

A verdade, porém, é que — umas e outras concorrem vantajosamente para engrandecer e idealisar o culto á liberdade.

E não é isto só. No alvitre, tomado pelo illustre senador bahiano, de ir expontaneamente ao Supremo tribunal pleitear as garantias constitucionaes de adversarios politicos, senão de inimigos pessoas seus, eu descubro uma delicadeza subtil de sentimentos, que arranca de todos nós os mais sinceros applausos. E descubro mais ainda: uma rizeja adamantina de character, que poderá servir — em todas as épocas — de lição e de exemplo.

E porque se inspirasse, como elle proprio o confessa, nas tradições gloriosas da profissão, cujo

ministerio exerce, e que aliás, desde os tempos memoraveis da Grecia e de Roma, é a socia inseparavel das reivindicações liberaes; o eminente patrono perlustrou assim o mesmo caminho que, com a maior abnegação, souberam trilhar — mais modernamente — os Martignac, os Sauzet, os Berryer, e outros luzeiros da advocacia franceza.

E ninguem, por certo, ha de recusar seu preito de admiração á nobilitante attitude, assumida pelos intemeratos juristas, que recalcam seus sentimentos pessoas para servir desinteressadamente á causa da justiça, que elles reputam em perigo, da defeza social, que julgam compromettida, e dos principios, que consideram prejudicados.

Mas, a magnanimidade de tão louvavel procedimento depara com um relevo precioso no modo grandiloquo, e na competencia indiscutivel, com que o orador trata a these constitucional, que se propoz defender.

Me abalanço até a dizer — que o assumpto ficou, magistralmente, esgotado.

E, circumstancia relevante com certeza, o meio que Ruy Barbosa escolheu para levantar de novo a questão, de ha muito já discutida entre os constitucionalistas, foi seguramente dos mais opportunos e felizes; como assás apropriado e propicio foi o ensejo para explanar elle suas opiniões e doutrinas.

E' exacto — que o paiz, então, se achava empolgado pela impressão de magua e de terror, que havia deixado n'alma nacional um gravissimo acontecimento, cuja lembrança ainda agora nos enche — a todos — de dor e de saudades. Nos momentos difficeis, porém, é que o civismo deixa de ser um sentimento para se crystallisar num facto, e a coragem, que alguém accaso ostente, lutando contra a opinião publica, por amor apenas do direito e da liberdade, não fica somenos á

coragem do soldado, que enfrenta ás balas do inimigo, por effeito da simples comprehensão do seu dever.

Consequentemente, o papel que o orador assumiu, mais digno, maior, mais significativo ainda se tornou.

Batendo-se pela causa, que com raro cavalheirismo perfilhava, Ruy Barbosa visou — primeiro que tudo — provar o accordo perfeito, que existe entre seu senso politico e sua intuição juridica.

E eis ahi, sem duvida, escópo assás elevado e aspiração bem legitima; pois, como o proprio orador pondera, o «de que mais se deve temer neste mundo, o homem politico — é dos maus precedentes, dos arestos illegaes, das jurisprudencias liberticidas».

Eu quizera — que os publicistas, os magistrados, os professores, a mocidade que vem surgindo e quer aprender, todos enfim gravassem profundamente no espirito o alto criterio e a profundidade de vistas, com que Ruy Barbosa encarece a importancia do «habeas-corpus», n'uma analyse rigorosamente scientifica, e scientificamente bella.

Porquanto, é nesse instituto, votado pelo parlamento inglez sob Carlos II, que os cidadãos encontram a égide para amparal-os contra o arbitrio, sempre funesto, e os povos a cavilha capaz de manter-lhes a liberdade, divina sempre.

Que nobres ensinamentos côam pelo verbo torrencial do nosso patricio preclaro! Como borda-os esse insigne burilador da phrase!

Nem sei que se possa acrescentar algo de toleravel ao elogio eloquente e meditado, proferido pelo orador, em homenagem ao recurso, ha 222 annos posto ao serviço da razão e do direito.

De muito, sabemos nós, que o «habeas-corpus» é a clava irresistivel, destinada a esmagar todas

as oppressões e tyrannias. E sabemos tambem que, graças a esse remedio fornecido pela lei mesma, o mais humilde cidadão pode zombar da prepotencia do mais alto funcionario. Sabemos, finalmente, que o «habeas-corpus» é, a um só tempo, comporta de demasias, amuleto venerando, e couraça impenetravel, ao alcance de todos, indistinctamente.

E por isso me parece, que se elle fosse praticado lealmente na França a propria revolução de 89, quando não conjurada, perderia pelo menos o movel, que melhor a justifica perante a Historia.

Pois bem. Calcule-se que o orador, nessa soberba peça a que vou alludindo, se propoz explanar quasi todos aquelles conceitos, mas com a illustração vasta de que sóe dar provas irrecusaveis e repetidas; e servindo-se da linguagem castiça, que sabe primorosamente manejar.

E então diga alguém — se ha falta comparavel á irreverencia de não percorrer de um só folego tantas paginas brilhantes, onde o illetrado encontra muito que aprender, e o litterato bastante que admirar.

Poucas homenagens, rendidas ao direito, se conhece tão entusiasticas e suggestivas, como a desse discurso monumental. Ouvil-o, foi banhar-mo-nos em grosso jacto de luz boreal.

E a doce sensação de certo perdura, pois ainda hoje — e já são passados tres annos — me parece que vibram aos meus ouvidos os echos de tão inflammado verbo, com a mesma imponencia, a mesma energia, e o mesmo calor que o envolveram no recinto do tribunal.

De resto, a ninguem pode ser indifferente o modo cuidado, com que o orador tratou da questão principal, submettida então ao julgamento dos magistrados.

A these sustentada é de uma relevancia capital, mas o seu desenvolvimento nada deixou a desejar, cumpre confessal-o. Tanto assim que os juizes dividiram-se, quasi por metade, na occasião de interpretar o artigo constitucional em litigio.

E quando o notavel advogado cessou de falar, pelo auditorio inteiro perpassou um fremito de applauso convencido, apenas abafado pela consideração do respeito, devido ao illustre areopago.

Quanto a mim, posso muito á vontade falar da opinião, defendida pelo nosso operoso condiscipulo, que foi tambem um dos mais esforçados collaboradores da lei fundamental da republica.

Em um modesto livro que publiquei, commentando «A Constituição», de 24 de Fevereiro, lancei estas duas linhas: «Sabe-se que algumas das medidas, tomadas pelo Governo durante certo estado de sitio, continuaram a subsistir, ainda mesmo depois da amnistia concedida pelo Congresso. Por exemplo, a demissão de lente cathedratico das Faculdades officiaes. Não me pareceu, entretanto, regular esse alvitre, tanto mais grave, quanto a demissão mesma fôra já um excesso condemnavel, que ninguem poderia justificar com o nosso Estatuto fundamental, bastante claro na restricção, que impõe no § 2.º deste Art. 80; sem falar mesmo no que determina pelo Art. 74 já commentado».

Matenho, ainda, a minha opinião.

Primeiramente, nunca pude entender por outro modo as palavras «durante o estado de sitio», de que usa o legislador no referido Art. 80, § 2.º. Depois, não sei porque, na hypothese figurada, se ha de contrariar o apophthegma que diz: Cessada a causa, cessa o effeito.

Muito ao envez disso, tudo aconselha a que elle encontre aqui a consagração mais solemne.

Desapparecida, que seja, a «causa» determinante de uma medida, excepcional ao ponto de autorisar a suspensão das garantias constitucionaes, eu não sei porque se ha de pretender prolongar-lhe os effeitos, irritantes, especiaes, extraordinarios.

Imagine-se, comtudo, a satisfação que senti, por ver — quanto o meu pensamento se ajustara ao do eminente bahiano; crescendo a circumstancia de ter elle sido desdobrado com o brilhantismo e a elevação, que S. Ex.^a costuma emprestar a todos os assumptos de que se occupa.

Entretanto, está se vendo — que não obedeco agora simplesmente a uma suggestão, nem me deixo fascinar por impressões de momento, ainda que felizes e gratas me tenham sido ellas.

Desde muito, eu me havia pronunciado em favor da idéa, que constitue o eixo, em torno do qual gyra a magestosa oração de Ruy Barbosa.

E, portanto, certa parte dos applausos que lhe tributo, e da justa admiração que me arranca, se explica tambem pela conformidade de sentir, que entre mim e o orador existe no tocante á questão ventilada, uma vez que é naturalissimo se comprazer nosso espirito com a affinidade de outros espiritos mais cultos e disciplinados.

Verdade é — que os julgadores a principio repelliram a intelligencia liberal, que nós outros sempre demos ao dispositivo constitucional já citado. E decorreu d'ahi — que Ruy Barbosa não logrou ver coroados — desde logo — os esforços, que tão generosamente empregara na audiência de 26 de Março de 98.

Mas, passados poucos dias, o Supremo Tribunal Federal cantava a palinodia, reconhecendo — que claudicara, quando havia divergido da

doctrina, cujo palladino estrenuo fôra o senador bahiano.

De facto. Naquelle data, o collendo Tribunal decidira que «os effeitos do estado de sitio não cessavam, com relação ás pessoas por elle attingidas, senão depois de haver o Congresso tomado conhecimento dos actos praticados pelo presidente da Republica».

Entretanto, vinte e um dias depois, a 16 de Abril, o mesmo Tribunal sentenciava que «cóm a cessação do estado de sitio cessam todas as medidas de repressão, durante elle tomadas pelo Poder executivo, se revigorando e réstabelecendo todas as garantias individuaes pela cessação daquelle estado excepcional e transitorio.

Alguns outros «accordãos», como por exemplo o de 20 de Abril tambem, vieram confirmar a boa orientação, que o Tribunal tomou.

Para que, porém; maior fosse a gloria de Ruy Barbosa, o Tribunal acabou por apoiar-se na propria opinião do illustre advogado e parlamentar; chegando a inserir no corpo de um desses «accordãos» palavras textuaes de um trabalho seu.

Não concebo eu que mais esplendido triumpho pudesse obter o valente campeão, tanto em proveito de seus credits profissionaes, como da justiça mesma, cujos interesses tão altivamente pleiteou.

Muito bem!

Que a consciencia de Ruy Barbosa se rejubile diante do resultado, que seu talento, seu civismo e sua alta isenção conquistaram.

Esse novo serviço, prestado á causa sacrosanta do direito, recommenda seu nome ás benções do presente e a gratidão do porvir.

Que todo brasileiro, pois, conheça e decore o discurso, que ahi vae mais adiante, e onde as scintillações da eloquencia se aviventam, mercê da attitude arrojada, que o orador assumiu.

Que não sejam jamais esquecidos os grandes ensinamentos, que tão preciosos documentos encerram.

Que fructifique o exemplo, dado pelo notavel cidadão, quando acodiou pressuroso a defender as fórmulas tutelares do direito, sem cogitar de innocentes, ou culpados, uma vez que ellas a todos promiscuamente amparam.

Quanto á reconsideração, que de sua primitiva doutrina fez o Supremo Tribunal, só posso me referir com os mais acalorados louvorés. O Tribunal, assim procedendo, se mostrou digno de sua elevada missão, consciente de sua enorme responsabilidade.

Peço licença para terminar aqui.

Conta Ariosto a historia de uma bella fada, que por lei do destino estava condemnada a apparecer, de vez em quando, transformada em venenosa serpente.

Quanto a ultrajavam nessa triste metamorphose eram privados para sempre de seus beneficios, mas a quem a tratava com piedade e carinho, apesar de seu aspecto hediondo, ella apparecia mais tarde, sob a fórma de anjo que lhe era natural, para lhe seguir todos os passos, lhe augmentar todas as riquezas e venturas, e lhe conceder quer os nobres tropheus da guerra, quer as lindas palmas de amor. A fada que Ariosto assim exaltava, bem se advinha, é a liberdade.

Não maltratemos nunca a liberdade. E' nosso dever, e será tambem nossa gloria.

Continue a dispor do coestadano e amigo.

Aristides A. Milton.

Rio de Janeiro, 12 de Dezembro de 1901.

Manuel dos Santos Martins Vallasques, Senador do Imperio pela Bahia em 1835, em sua correspondencia com Manuel Ignacio da Cunha e Menezes, Visconde do Rio Vermelho e como elle Senador por esta então provincia em 1827, relata, na intimidade de longa e affectuosa amisade, os factos capitaes na politica perturbada daquella phase de nossa vida nacional.

O periodo transitorio das regencias como que precipitara o paiz em um cháos medonho; ás luctas dos partidos na capital do Imperio respondiam as revoltas continuadamente debelladas nas provincias, ora do norte, ora do sul do Brasil.

O exercito convertido em facção politica imperava, consciente da força que lhe deram as victorias facilmente obtidas em 1821 e em 1831, e estendera sua influencia té enfrentar-se com a indomavel energia de Feijó, Ministro da Justiça do Gabinete de 16 de Julho de 1831.

Si na Constituinte brasileira, onde a Bahia era representada pelos vultos illustres de Silva Lisboa, Carvalho e Mello, Montezuma, Costa Carvalho, Galvão, Araujo Guimarães, Carneiro de Campos, Ferreira França, Miguel Calmon, Brant Pontes e Couto Ferraz, os partidos não se degladiavam, porque um unico pensamento dirigia então a representação nacional, não deu-se o mesmo nas successivas assembléas em cujo seio vemos a discordia surgir entre os membros dos partidos politicos. Essas luctas travadas no Parlamento repercutiam no espirito publico, e a imprensa, obediente a este ou áquelle grupo, dirigia a opinião, fomentava paixões e provocava disturbios.

N'«A Nova Luz Brasileira» no «Exaltado» e no «Jurujuba», o partido liberal exigia reformas continuas que tivessem cunho verdadeiramente democratico proclamadas pelo povo, sciente do direito que lhe dera a revolução; o partido moderado, porém, batia-se, na «Aurora», a cuja frente estava a penna incomparavel de Evaristo da Veiga, no «Independente» e na «Astréa», pela victoria da lei, conferindo a uma constituinte o direito de reformar a constituição do imperio.

Iam além as conspirações e as luctas politicas; sociedades secretas, centros perigosos de discussões e de não veladas ambições, organisaram-se na capital e sómente á energia, á actividade, á largueza de vistas de Feijó, cadimo na arte de governar os homens, se deve o triumpho constante e inabalavel da lei, do direito, e da autoridade suprema do Governo.

Causas multiplas, desafeições creadas pelos governos regenciaes, motivadas na sua maioria pela politica energica e intransigente de Feijó, deram com seu governo em terra e Pedro de Araujo Lima, depois Marquez de Olinda, substituiu-o n'aquelle posto que pouco deveria occupar. A nação estava cansada das regencias.

As luctas renovavam-se em varias Provincias; o Rio Grande do Sul tentava sacudir o jugo, tornando-se republica independente; o Pará via-se dilacerado por commoções intestinas, e na Bahia, claramente, firmemente, a revolução de 1837 estampa em seu Programma a independencia da provincia enquanto durasse a minoridade do imperador.

Todos esses factos, todos os descontentamentos, todas as ambições impellem S. Paulo, ou antes os seus illustres Andradas a levantar no parlamento a questão que, vencedora, seria a gloria e o poder

para uns, e o anniquillamento para muitos. Debaixo desse aspecto doloroso surgiu o anno de 1840.

Em 3 de Maio a representação nacional reunida no senado ouviu a fala do throno; a resposta da Camara foi o primeiro passo para a lucta. Um periodo, novidade nos estylos parlamentares, prendeu a attenção do paiz; a Camara promettia occupar-se de varios assumptos, «vendo com prazer approximar-se a maioridade do Imperador».

E dias depois com a connivencia de D. Pedro II, a proposta que devia declarar-o maior era apresentada no Senado pelo Sr. Hollanda Cavalcanti.

E' a este facto de tão grande importancia de nossa historia politica que se refere o Senador Vallasques na carta que transcrevo:

Exm.^o Am.^o e Collega Sr. Visconde.

Pelo Hollanda foi no Senado apresentado um projecto declarando maior o Imperador: hoje entrou em 1.^o discussão, e porque ninguem falasse, largou a Presidencia o Sr. de Paranaguá e falou a favor; ninguem mais pediu a palavra; posto a votos cahiu o projecto por mais dois votos; eis os votantes:

Pró: M. de Paranaguá, M. da Palma, Vergueiro, Hollanda, M. Caetano, Paula e Albuquerque, Lima e Silva, Saturnino, Conde de Lages, Alencar, Jardim, Ferreira de Mello, Manuel Ignacio Souza, Costa Ferreira, Paes de Andrade e Francisco de Paula Cavalcanti.

Contra: Oliveira, Vallasques, Paraizo, V. da Pedra Branca, Cassiano, Alves Branco, Gama, Evangelista, M. de Maricá, V. de Congonhas, Marcos Antonio, Rodrigues de Andrade, Antonio Augusto, Araujo Vianna, Patricio, Cunha Vasconcellos, Carneiro de Campos e Nabuco.

Dos jornaes saberá das noticias do sul, que são favoraveis á causa Imperial; mesmo na campanha ou Campos do Rio Grande já andam guerrilhas ou bandos de tropas contra os rebeldes; é verdade que os rebeldes tomarão outra vez a companhia, porém tiveram perda.

Do amigo obrigado. — VALLASQUES.

Rio, 20 de Maio de 1840.

Essa questão, porém, concretisava uma bem grande aspiração para fenecer logo ao primeiro embate.

Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva, a figura mais valente e o talento mais tempestuoso dessa phase de nossa historia parlamentar, na sessão de 21 de Julho, na Camara, apresenta identico projecto e provoca renhido debate terminado pela concessão da urgencia pedida para a sua discussão.

Nesse interim a regencia, assignando o decreto de adiamento das Camaras, rompeu o dique que ainda continha as paixões e as ambições das minorias das duas casas do parlamento.

Alvares Machado, Antonio Carlos, Martim Francisco e outros deputados no auge do espanto e da indignação, prorompem em vehementes insultos contra a regencia inconstitucional; Antonio Carlos pronuncia a celebre phrase que deveria dar-lhe o ministerio pouco depois: «Quem é patriota e brasileiro saia commigo para o senado, abandonemos essa camara prostituida»!

No Senado, deputados e povo, convidam ao illustre Marquez de Paranaguá a assumir a presidencia dessa sessão unica em nossa historia.

Uma commissão, composta de Antonio Carlos, Vergueiro, Marquez de Lages, Alencar, Hollanda Cavalcanti, Martim Francisco e Montezuma, é

enviada a S. Christovão ao joven Imperador para que sem demora empunhe as redeas do governo. Concordou D. Pedro II e no dia 23 o Marquez de Paranaguá, de pé, acclamado pelos deputados, senadores e povo, pronuncia as palavras seguintes: « Eu, como organ da representação nacional, em assembléa geral, declaro desde já maior á S. M. Imperial o Sr. D. Pedro II, e no pleno exercicio dos seus direitos constitucionaes ».

A's 3 e meia horas desse dia de incomparavel tradição, o Imperador comparecia no seio do parlamento e prestava o juramento que determinava a Constituição.

E terminou assim a lucta mais notavel que tem havido no parlamento brasileiro.

J. Góes.

Exploração do Mucury e Gequitinhonha

(COMARCAS DE CARAVELLAS E PORTO SEGURO)



VIAJANDO pelos sertões entre as duas ultimas Comarcas do Sul desta Provincia e o Norte da de Minas Geraes com o fim de colher dados que ponhão o Governo ao alcance de mais convenientemente curar dos interesses materiaes das mesmas Comarcas, muito ardua teria sido a minha commissão, se se tratasse de uma região povoada, onde a civilisação tivesse estreitado o circulo, dentro do qual póde uma intelligencia mediocre propôr melhoramentos. Em um paiz sem população ainda, cheio de recursos naturaes, onde apparecem apenas signaes de vida em alguns pontos destacados, a missão do administrador se limita ao estudo das posições relativas d'estes diversos pontos, d'esses mesmos recursos naturaes, e a d'elles tirar partido para pôr em relação entre si esses germens de vida, de modo que esta se vá propagando pouco e pouco pelos intervallos, e assim se vão estabelecendo as grandes arterias, d'onde naturalmente partem depois as ramificações que formão o detalhe da economia de um paiz em prosperidade. He aqui que começam os empenhos da arte apurada, os recursos das sciencias do engenheiro e do administrador são então postos à prova para o engrandecimento e aperfeiçoamento da civilisação do paiz.

As povoações das Comarcas do Sul da Provincia definhão; a falta de uma policia que garanta a segurança individual, e que tome contas a centenaes de individuos do máo emprego que

fazem do seu tempo, a corrupção dos costumes de que he mãi fecunda a pratica do processo das eleições, darão cabo d'ellas, se o Governo, empenhando-se em reprimir os abusos que as flagellão, ao mesmo tempo não se apressa em pôl-as em relação com a populosa Provincia de Minas, de que estão separadas por uma extensa banda de terreno admiravelmente susceptivel de proveitosa cultura, e abundante de productos naturaes de facil exploração, mas inteiramente abandonado a meia duzia de tribus mingoadas de botocudos, que fazem guerra de extermínio ao ousado industrial que se aventura a entranhar-se um pouco, tanto da parte da Provincia de Minas, como da nossa, em busca de tirar partido do que tão abundantemente alli offerece a natureza.

Proponho-me pois, n'esta breve memoria explicativa dos mappas que fazem o objecto dos trabalhos da Commissão que tive a honra de dirigir: 1.º dar idéa do estado material das nossas povoações das Comarcas de Caravellas e Porto Seguro, assim como da parte da Provincia de Minas que percorri e que corresponde ao centro das mesmas Comarcas: 2.º comparar a navegabilidade do Mucury com a do Gequitinhonha: 3.º propôr o que mais urgente me parece no intuito de estabelecer e facilitar communicações entre as povoações da costa e a industriosa e populosa Provincia de Minas.

Na intima convicção de que a primeira necessidade material das nossas povoações em decadencia he estabelecer relações com um centro já povoado por meio de vias de communicação, não direi, que encurtem as distancias, mas que ponhão um termo ao infinito que as separa, tirando partido do que nos offerece a pura natureza, e mesmo estabelecendo algumas picadas pouco dispendiosas por onde os emprehendedores mais ousados possam

conduzir seus generos á costa e assim animem os mais tímidos, não tenho a vaidade de acreditar que proponho o que ha de melhor; pelo contrario estou persuadido que uma viagem de exploração de quatro mezes, luctando com innumeras difficuldades, muito deixa a desejar, além de que é claro que, para o traçamento de cada uma das vias de comunicação propostas, são indispensaveis explorações especiaes, que muito podem concorrer para alteração de um plano geral concebido em vista de um conjuncto, cujo detalhe se não conhece ainda bem.

Entre os parallelos de 15.^o 40' e 18.^o 7', mais ou menos, as Comarcas de Caravellas e Porto Seguro não são as unicas que constituem o que se póde chamar Comarcas do Sul da Provincia; portanto os trabalhos, que ora tenho a honra de apresentar a V. Ex., comprehendendo unicamente a topographia d'estas Comarcas e de parte da Comarca do Gequitinhonha, na Provincia de Minas Geraes, não poderão plenamente satisfazer as vistas de V. Ex., quando em suas instrucções ordena uma viagem ás Comarcas do Sul, no intuito de informá-lo sobre as suas mais urgentes necessidades materiaes. V. Ex. porém comprehende a impossibilidade de percorrer maior extensão com proveito, sem um intervallo de repouzo, que permita, não sómente reganhar as forças perdidas em jornadas de tantos soffrimentos, senão tambem a digestão de notas que, com o tempo, se vão apagando e perdendo. V. Ex. sabe tambem que a lacuna consideravel que se encontra no mappa geral da exploração, em não ter sido estudado o Rio Pardo, que talvez possa ser aproveitado em meio de comunicação com a Provincia de Minas, foi devida á grande enfermidade de que foi victima o meu companheiro de Commissão; desgraca que me reteve quasi dous mezes na Comarca de Porto

Seguro sem que me fosse possível fazer longa ausencia, qual a que demandaria o exame do mesmo Rio Pardo.

Tendo assim traçado os limites topographicos das informações que tenho de submeter á consideração de V. Ex., vou dizer o que sei a respeito da região percorrida, referindo-me aos mappas topographicos que, com esta memoria ou relatorio, serão presentes a V. Ex.

He facto attestado pela experiencia que, para que as povoações de uma costa qualquer cheguem a estado de prosperidade, he indispensavel, pelo menos, uma d'estas duas condições: 1.^a um centro povoado a cujos productos sirvão de entreposto; 2.^a um certo gráo de desenvolvimento na industria manufactureira propria que por si só possa fazer o objecto de uma consideravel exportação. Ora a ultima destas condições suppõe um gráo de civilização, de que infelizmente estamos ainda muito longe; entretanto que não se póde duvidar que a industria agricola he de facil estabelecimento mesmo nos paizes novos, mormente quando, como entre nós acontece, a natureza do terreno nada deixa a desejar para o seo rapido progresso.

Parece que a natureza destinou as costas exclusivamente para lugares de depósitos onde se effectuem as permutas entre os diversos paizes: os seus habitantes, fiados no peixe que lhes fornece o mar, habituados a vida do mar, tem muito pouca coragem para se entranharem pelo centro e cultivarem as terras. Sem o movimento de uma marinha commercial que os occupe e empregue, unica industria para que elles têm suas faculdades apuradas, definhão, longe de prosperarem. Na grande extensão que percorri no territorio do Pará, o estado selvagem me parece menos bruto e desgraçado, a medida que me afastava das margens dos

rios piscosos, e dos lugares abundantes de caça; esse tal ou qual bem estar do selvagem me pareceo menos miseravel nas cabeceiras dos Rios Surumú, e Coatin, dous elementos insignificantes do Rio Branco. Alli encontrei uma população numerosa, algumas plantações regulares de canna, milho, mandioca e outros legumes, e até algumas flores de nossos jardins plantadas na frente de uma choupana! Pode-se talvez estabelecer que a população do centro he o mais justo thermometro da prosperidade da costa que lhe serve de deposito commercial.

Estes principios explicão satisfactoriamente, com a diminuição dos braços escravos, a decadencia em que vão algumas das povoações das Comarcas de Caravellas e Porto Seguro, e o estado estacionario em que vegetão outras. Exceptuando a cultura do café feita por mais de dous mil captivos dos fazendeiros estrangeiros que, ha poucos annos, se têm estabelecido, com o título de Colonia Leopoldina, nas margens do rio Peruhipe, bem poucas e limitadas são as plantações das margens dos rios d'aquellas Comarcas. Passarei em revista uma por uma as suas povoações, afim de vêr se mais me aproximo de uma idéa justa que possa a V. Ex. cabalmente inteirar do seo estado material.

COMARCA DE CARAVELLAS

«Villa de São José de Porto Alegre». Situada á margem esquerda do Rio Mucury, junto de sua

fóz, no pararello de $18.^{\circ} 6.' 43."$, (1) está esta villa reduzida a quarenta ranchos de palha mal arranjados e cinco ou seis cobertos de telha, e uma igreja em construcção, cujo aspecto se confunde um pouco com o de um edificio em ruina, e por isso muito em harmonia com o restante da povoação. A população de todo o seo districto não chegará a 250 almas, depois da dissolução da Colonia, que alli fazia a sua residencia. Duas causas concorrem simultaneamente contra a prosperidade do Mucury. A indolencia e habitos de vida que desviam seos habitantes de um trabalho regular, e a imprevidencia no consumo da pouca provisão

(1) As latitudes são aqui determinadas por series de alturas do Sol tomadas de manhã, quanto foi possível, junto do primeiro vertical, combinadas com outras tantas series tomadas depois da passagem, tão perto do meridiano quanto permitia o instrumento, que foi sempre um Sextante; com excepção das alturas tomadas na villa de S. José de Porto Alegre, em que me servi de um Theodolito, que me não dava segundos. Por aqui se vê que, sendo o tempo apparente das alturas que entrão no calculo da latitude, determinado, como já disse em outra parte, por essas mesmas alturas, o resultado das minhas observações deve estar affectado dos defeitos que podem vir da impropriedade do momento em que he determinado o tempo verdadeiro da segunda observação. Mas esses defeitos, quaesquer que elles sejam, são muito menos sensiveis que os que vêm da susceptibilidade do relógio em variar de marcha segundo as differentes posições em que pode ser transportado ou estar collocado, e segundo o estado Thermometrico da atmosphera. O quasi accordo entre as minhas latitudes com as do Barão de Roussin, desde que tive occasião de observar em pontos por elle determinados, me segura nesta persuasão.

As series tomadas em Porto Alegre em 8 e 15 de Maio de 1849 me derão os seguintes elementos para os calculos de latitude, que fornecerão a media que se acha no texto:

8 de Maio — Theodolito — Barometro — Thermometro.

Manhã 8^h 17.^m 20.^s, 40. t. v... Dist. zenith. corr. $65.^{\circ} 6.' 24"$, 21.
Tarde 13. 7 25, 63. t. v... * * * — 38. 58. 35, 60.

15 de Maio — Theodolito — Barometro — Thermometro.

Manhã 8^h 35.^m 1.^s, 52. t. v... Dist. zenith. corr. $62.^{\circ} 27.' 40"$, 82.
Tarde 13. 24, 48, 81. t. v... * * * 42. 29. 45, 82.

A media afasta-se das latitudes calculadas de $6".9$.

que lhes vêm de sua mesquinha lavoura, os fazem persuadir-se que lhes he impossível viver com os unicos productos da terra, isto he, sem peixe; daqui o receio de se afastarem do mar. Por outra parte, a barbaridade do gentio que frequenta as margens do Mucury faria recuar o mais ousado que tentasse internar-se um pouco. Estão bem presentes os horrores commettidos por estes brutos com a familia do fallecido Violas, que muitas vezes os alimentava, as perseguições feitas a muitos outros, e o facto recentissimo do joven Vital, Secrétario da Camara de Porto Alegre, que se suppõe ter sido devorado.

Houve um tempo em que alguma exportação se fazia no Mucury, seo porto era frequentado por uma ou outra embarcação de pequeno porte; porém hoje he impossível arranjar-se alli carregamento para uma lancha. Durante a minha demora n'aquelle districto procurei mostrar aos seos habitantes a possibilidade de, por meio de associações entre os pequenos plantadores, completar-se o carregamento de uma ou duas lanchas por anno; baldados porém forão os meos esforços: os que parecião comprehender-me oppunhão como difficuldade o habito commum e pernicioso que tem muita d'essa gente de pouco se importar com o cumprimento de seos tratos; outros ouvião-me com tanta indifferença que algumas vezes cheguei a persuadir-me que lhes estava dizendo alguma heresia.

Hoje toda industria do Mucury está reduzida á fabricação de uma ou duas canoas por anno, por algum especulador de fóra, que n'aquelle trabalho emprega os habitantes do lugar, pagando-lhes em generos que leva consigo. Por aqui póde V. Ex. ajuisar do estado de miseria a que está redusido aquelle districto.

« Villas de Viçosa e Caravellas ». As condições topographicas d'estas povoações me não permitem separal-as. A primeira situada á margem direita do Peruhipe, a meia legoa de sua fóz, gozaria das vantagens de entreposto dos productos que pelo seo rio descem da Colonia Leopoldina, se não estivesse em relação com sua poderosa rival, Caravellas, por um excellent canal natural de quatro legoas, mais ou menos, por onde descem muitas embarcações do Peruhipe, a fazerem sua sahida ao mar pela sua barra, que he superior a de Viçosa, mormente quando o destino das embarcações he para portos ao Norte da Comarca. Por outra parte, os fazendeiros do Peruhipe, recebendo directamente do Rio de Janeiro ou da Bahia os generos do seo consumo e de suas fazendas, em troca de seos productos de exportação que tambem envião directamente, ou abastecendo-se de suas necessidades mais urgentes, em caso de demora de suas receitas, na villa de Caravellas por ser mercado mais abundante. Viçosa fica redusida a percepção dos impostos em favor do fisco, e por esta forma nenhum impulso recebe dos opulentos habitantes do seo pequeno sertão para o movimento commercial que, no caso contrario, produziria o augmento do material da povoação. Assim o estado da Villa Viçosa não he prospero, pareceo-me estacionario, e o será em quanto as circumstancias concorrerem da forma por que acabo de expôr. A sua população chegará proximamente a 1300 almas, e a planta respectiva dará a V. Ex. idéa do seo estado material.

Caravellas não tem sertão: tanto vale a falta de um rio que afastando-se da costa ponha seos mingoados plantadores ao alcance das terras virgens do centro, unicas cultivaveis no estado actual da industria agricola no nosso paiz. Seo rio, distante de cuja fóz está situada, na margem

esquerda, no parallelo de $17.^{\circ} 40.' 31''$ (1), não passa de um bello canal de esgoto, em que se escoão as agoas das baixas que, em pouca distancia para o centro, se notão entre os rios Peruhipe e Itahen ou Alcobaça, como se póde vêr no mappa especial da Comarca; por isso as suas agoas nunca deixão de ser extremamente salgadas.

Sem sertão, como acabo de dizer, sem industria alguma manufactureira, apesar de sua excellente barra, não teria sustentado o grão de importancia, que a colloca acima de todas as povoações das duas ultimas Comarcas do Sul, se não fosse o canal de Vicosá. Entretanto, sem considerar trez ou quatro edificios novos, construidos em melhor gosto do que o restante da povoação que he bastante antiga, não poderei assegurar que a Villa de Caravellas tenha progredido no seo material, em vista do quadro comparativo da exportação feita por sua barra durante os annos de 1845, 1846, 1847 e 1848, que tenho a honra de submetter á consideração de V. Ex. Vê-se ahí que o movimento commercial do seo porto não seguiu uma marcha progressiva nos 4 annos contemplados;

(1) Tendo-me sido difficil voltar a Caravellas depois que recebi ordem de seguir para Minas, apenas tive, para calcular a latitude daquelle ponto, as series de alturas necessarias para um só calculo, que tomei por occasião de uma chegada que alli dei para expedir ao Governo o resultado dos trabalhos da Commissão sobre a extincta Colonia do Mucury. A esperanza de ainda voltar áquelle povoação e a escacez com que se deixava ver o Sol, no dia que destinei ás observações, fizeram com que eu não repetisse as minhas series daquelle dia. Contudo não deixa de me merecer confiança esta latitude, em vista do accordo que ella me apresentou com o detalhe da Topographia feita a bussola e referido á um ponto visinho e conhecido.

Caravellas (junto á Igreja) 30 de Abril de 1849 — Sextante.

Manhã 8.^h 4.^m 11.^s 43. t. v. . . . Dist. zenith. corr. 66. 36. 12, 80.
Tarde 14. 50. 9. 06. t. v. . . . " " " 53. 4. 25, 42.

devendo notar-se que, de toda esta exportação, apenas alguma farinha e côco he producção do districto de Caravellas. Estimo a sua população em 2.600 almas, e a planta respectiva mostrará a V. Ex. a extensão do seo material.

D'esta idéa approximada das Villas de Caravellas e Viçosa, cujo complemento se encontrará nos mappas especiaes, se vê que esta ultima povoação, apezar de ter um pequeno sertão povoado de cerca de 2.000 almas empregadas na lavoura, produzindo 60.000 arrobas de café, além de outros generos de importancia secundaria, conserva-se em estado estacionario, e que Caravellas, usurpando lhe quasi todas as vantagens de entreposto, por causa da melhoria de sua terra, nem por isso tem progredido. Demoremo-nos um pouco na apreciação das causas que para estes phenomenos concorrem, afim de que não pareça compromettido o principio que acima estabelecemos, isto he, que os pontos do littoral de qualquer paiz só podem prosperar, ou por grande desenvolvimento de industria manufactureira, ou pela circumstancia de servir de entreposto aos productos de um centro populoso.

A importação directa que fazem os fazendeiros do Peruhipe dos generos do seo consumo, a conveniencia de fazerem subir as embarcações até o ultimo ponto (S. José) onde o rio permite, para o carregamento do café, o melhor pé de mercado de Caravellas, e a commodidade de sua barra, são circumstancias, que concorrem simultaneamente para o isolamento e falta de progresso de Viçosa.

A mesma importação directa para a Colonia Leopoldina, d'onde resulta que he extremamente insignificante e casual o provimento feito no mercado de Caravellas por aquelles fazendeiros, o decrescimento da agricultura no districto e mesmo no de Viçosa, d'onde em grande porção concorrião

os productos para Caravellas, já por grande diminuição nos braços productivos, que são quasi exclusivamente os escravos, já porque a escacez das terras tem afastado muitos plantadores para os sertões de Alcobaça, são causas do pouco ou nenhum progresso de Caravellas.

Mas, convindo remover estes obstaculos ao progresso material d'estas duas povoações, seria de equidade constranger os fazendeiros do Peruhipe a se proverem das necessidades de seo consumo nos mercados de Caravellas e Viçosa, contra a vantagem de suas posições respectivas, e de suas relações intimas que lhes permitem associarem-se para se fornecerem mais a seo gosto nos grandes mercados do Rio e da Bahia? Não por certo; porque as suas necessidades estão acima do sortimento, que pode ter qualquer casa de commercio d'aquellas duas povoações, e se tornaria isto um verdadeiro vexame contra aquelles proprietarios. Seria de proveito e justiça que se impedisse a subida das embarcações até São José, a fazer alli seo carregamento, como houve quem o pensasse? Não, porque seria isto augmentar o risco do commercio e por consequencia pôr entraves ao seo desenvolvimento. O fazendeiro, que tivesse de descer com suas canoas carregadas de S. José ao Porto de Viçosa, teria de percorrer o caminho de 16 milhas mais ou menos, necessitaria de maior pessoal, mais tempo, e não conseguiria evitar o augmento de probabilidade de accidentes. Os justos deveres da authoridade publica não lhe permitem tolher o desenvolvimento de qualquer ramo de riqueza no intuito de fazer progredir artificialmente uma povoação, que não preenche as condições requeridas por e para esse mesmo desenvolvimento, suas vistas e seus empenhos se devem limitar, em materia de industria, a comprehender as tendencias e facilitar sua realisação, e quando muito proteger aquellas indicações que evidentemente se

coadunão com os interesses da mesma industria, e que só pelo seo atrazo se não tenham ainda manifestado.

Em quanto a exportação do districto se limitava aos productos dos pequenos cultivadores das vizinhanças da costa, Viçosa era o deposito mais conveniente para o carregamento das embarcações; mas hoje que o rio Peruhipe reúne em estreito limite uma massa de cultivadores produzindo sufficientemente para occupar algumas embarcações no seo commercio, Viçosa perdeu toda a sua propriedade de deposito para este effeito.

As necessidades commerciaes indicão hoje S. José como ponto mais conveniente; convém pois que o Governo, longe de embaraçar, proteja o estabelecimento d'aquella povoação.

Vemos pois que Viçosa e Caravellas, tendo por unica fonte importante de riqueza, que as alimenta, por assim dizer, os fazendeiros do Peruhipe, não são susceptiveis de progresso senão tanto quanto crescer o numero destes povoadores do rio. Ora, hoje não he permittido duvidar do quanto he precaria a um paiz a riqueza produzida pela escravatura, mormente quando se trata de pôr termo a este infame commercio. A escravatura inutilisa os braços livres, já creando e sustentando os prejuizos sob que difinha a nossa população livre, já afastando-a de muitos misteres e por esta forma reduzindo os seus recursos para a existencia, circumstancia unica que explica a falta de progresso de nossa população. Não preciso sair dos mesmos districtos de Caravellas e Viçosa para mostrar um exemplo. Com effeito, he aos productos da escravatura que devem estas povoações o pé de prosperidade material a que chegarão; depois da abolição, esta tal ou qual difficuldade que forão encontrando os plantadores em substituirem os braços inutilisados ou perdidos, foi os desanimando e atrazando,

a ponto de que não he hoje possível ás mesmas povoações conservarem a cathegoria a que chegarão, apezar da exportação de 60.000 arrobas de café que faz pelos seus portos a chamada Colonia Leopoldina, com seus 2.000 captivos.

E pois, se passa a ser uma realidade, como eu acredito, a supressão da escravatura, não sei qual será a sorte d'estas povoações, se o Governo não adoptar medidas que as ponhão em relação com o centro populoso de Minas Geraes, de modo que esta gente industriosa venha descendo a povoar os nossos sertões, onde de certo achará terras mais vantajosas para a agricultura, do que a que por aquella parte da Provincia se encontra, e onde não lhe faltarão excellentes portos para a exportação de seus productos, do que está actualmente privada.

« Villa d'Alcobaça ». He a terceira povoação da Comarca, a contar do Sul, cinco legoas ao Norte de Caravellas, com 1.500 almas proximamente em todo o seu districto. A sua planta, bem que reduzida a escala do plano especial da Comarca, serve com tudo para dar uma idéa approximada da importancia do seu material. Situada á margem esquerda do rio Itahen, junto de sua foz, he, nas actuaes circumstancias, o justo entreposto dos productos das fertilissimas margens do seu rio, cuja exportação, pela maior parte feita por braços captivos, deve algum desenvolvimento a emigração dos antigos plantadores do districto de Caravellas, que, por falta de terras cultivaveis, d'alli se retirarão.

O quadro comparativo de sua exportação durante os annos de 1845, 1846, 1847 e 1848 não attestão uma marcha progressiva na sua riqueza, e nada vejo que possa fazer esperar melhoramento algum, a não serem as relações que, com o centro, possa o Governo estabelecer por meio de communicações com a Provincia de Minas; pelo contrario,

sendo os productos devidos, pela maior parte, á escravatura, naturalmente tendem a diminuir com o fallecimento dos braços productores. A lotação das embarcações que fazem a sua exportação darão a V. Ex. idéa das vantagens de sua barra, que sem duvida não he das peiores.

« Villa do Prado ». He a ultima povoação da Comarca digna de nota. Sua população montará a 300 ou 350 almas, e o quadro comparativo de sua exportação, durante os 4 annos de 1845, 1846, 1847 e 1848 completa a idéa que eu poderia dar a V. Ex. do seo progresso material. Os seos cultivadores tambem têm sido victimas das incursões dos selvagens, e por isso, como os habitantes do Mucury, não se alongão muito da costa. Tambem não são livres em geral os braços empregados na lavoura.

Eis o que posso informar a V. Ex. a respeito do material da Comarca de Caravellas, acrescentando que todas as vias de communicação, entre as diversas povoações, se limitão ás que offerece a costa na baixa mar, e á alguns trilhos em zig-zag que obrigão o individuo a andar o dobro do caminho que precisa fazer.

COMARCA DE PORTO SEGURO

Não são menos sensiveis os effeitos da falta de uma população central e da diminuição dos braços escravos a esta Comarca. A escravatura, ao passo que alguma cousa produzio para elevar as suas povoações a certo grão de prosperidade, inutilisou de tal maneira os braços livres que hoje vão em sensivel decadencia com a falta de captivos.

« Villa de Porto Seguro ». A sua povoação mais importante, a Villa de Porto Seguro, está hoje reduzida ao commercio que póde alimentar a pesca das garópas, em que tem empregadas cincoenta e

tantas lanchas, e a construcção de uma ou duas embarcações pequenas por anno; por isso já quasi toda ella se está mudando para o lugar denominado «Pontinha», junto de sua barra. A lavoura do seo districto, cuja população se pôde estimar em 2.500 almas, não produz a farinha necessaria para o seo sustento. A sua barra, uma das melhores da costa da Comarca, tem perdido e tende a perder completamente o seo fundo pela indifferença com que se consentem que particulares vão tirar no recife, que, a semelhança de Pernambuco, forma o porto, as pedras que necessitam para suas construcções. Grande parte das agoas do fluxo e refluxo fazendo sua entrada por brexas assim abertas na muralha natural do porto, o movimento no canal da entrada das embarcações torna-se menos activo, e d'ahi o alteamento do seo fundo até completa obstrucção, se se continuar a facilitar o movimento das agoas por outras partes.

Não deixarei a Villa de Porto Seguro sem chamar a attenção de V. Ex. sobre a necessidade de fazer reparar o edificio que alli serve de cadeia e camara municipal. Com a despesa de dous a trez contos de réis poderá elle ser completamente restaurado, entretanto que se, d'aqui a alguns annos, quando elle tiver cahido em ruina total, e o Governo tiver de fazer outro, não o conseguirá, igual ao actual, com a despesa de seis a oito contos de réis; não tanto pela natureza da construcção, como pela singular anomalia, que alli se nota nos trabalhos publicos, como já tive a honra de explicar á Presidencia, informando um requerimento da Camara Municipal de Belmonte, que pedia o ajuste de contas com a Thesouraria Provincial, e augmento de consignação para a conclusão do edificio da cadeia da Villa. V. Ex. me permittirá transcrever aqui este mesmo documento, que me dispensará tambem de fallar n'este edificio publico,

quando tiver de passar em revista o material da Villa de Belmonte.

Ilm. e Exm. Sr.—V. Ex. me ordena que informe o que me occorrer e poder servir de esclarecimento ás contas apresentadas á Thesouraria pela camara Municipal de Belmonte, afim de lhe ser por ella abonado o conto de réis que esta despendeo na parte, que está construida, do edificio que deve servir para prisão, e casa de suas sessões e das do Jury. Empregarei todo o empenho em esclarecer alguma cousa; porém desde já devo dizer que, não tendo jamais entrado no exame da maneira porque os differentes depositarios d'aquella quantia gerião a sua distribuição, não me he possivel dar informação alguma, que tenda a fazer desaparecer as justas irregularidades que authorisão a Thesouraria a recusar-las. Mas as contas irregulares, como estão, denuncião irregularidades ou extravios dos dinheiros confiados áquella corporação? Eis a questão a que parece estar reduzido todo este negocio, a vista da declaração que faz a Camara da impossibilidade em que se acha de fornecer mais esclarecimento algum, e eis sobre que eu poderei talvez adiantar alguma idéa.

A Camara Municipal de Belmonte, declarando que lhe era impossivel regularisar mais as suas contas, disse uma verdade que eu acho natural, depois que vi quão poucos individuos se encontram por esses lugarejos que fação idéa do que seja uma conta regular, e menos ainda que estejam em circumstancias de a organizar. Por outra parte não só não ouvi fallar, durante o tempo que me demorei na Comarca de Porto Seguro, de máo emprego que a Camara de Belmonte tivesse feito dos dinheiros que lhe forão confiados, como tambem, a vista da necessidade que ella tem do edificio, do empenho que manifestavão todos os seus membros de o verem concluido, não posso deixar de suppôr

que a sua irregularidade não passa além de suas contas. Ha porém um facto a notar-se, que poderia comprometter apparentemente a Camara, junto de quem ignorasse certas circumstancias locais. He facto que, a obra, que está feita em Belmonte, não vale o dinheiro que n'ella se despendeo, e que, se ella tivesse sido feita por um particular, ter-lhe-hia custado talvez menos de metade do que ella custou á Provincia; porém a vista da mesma obra não posso dizer que houve desperdicio da parte dos seus directores. Primeiramente nós sabemos que, o interesse de um administrador de obras publicas, pela obra que administra, não o faz descer muitas vezes a certos detalhes e particulares, que muito concorrem para diminuir as despesas daquella, que he administrada por seu proprio dono. Além disto, he tal a irregularidade que se nota em todas as relações commerciaes n'esses miseraveis lugarejos, que se dá em qualquer d'elles um phenomeno, que desmenteria uma das leis mais positivas da Economia Politica, se não fosse elle mesmo a explicação do estado excepcional e desgraçado em que vivem os nossos compatriotas das Comarcas de Caravellas e Porto Seguro. Nestas Comarcas, quem paga o dinheiro a vista he obrigado a pagar mais do que aquelle que paga a generos. O dinheiro alli não passa de uma unidade imaginaria pela qual se regulão os valores dos objectos e serviços prestados: o pagamento he sempre feito a generos. Os Indios, como chamão os especuladores ou regatões que por lá apparecem, pedem pelo jornal de seu trabalho um preço exorbitante expresso em unidade da moeda do paiz, o regatão que só paga em generos de consumo, como he senhor de por o preço a sua fazenda, muito pouco se importa com essa exorbitancia, porque está sempre no poder de não pagar mais do que aquillo que lhe convém: em proporção faz-lhes a conta dos generos que lhes adianta ou lhes dá em pagamento. D'aqui vêm o

habito em que estão os naturaes de exaggerarem os seos preços, exaggeração que se torna muito real e positiva para os que tem de pagar a dinheiro. Eis o caso em que estava a Camara, cujo agente naturalmente entendeu não dever reduzir a consignação a generos para alcançar a vantagem de que gosão os seos proprios membros nas suas transações particulares com os naturaes do lugar. Deos Guarde a V. Ex. Bahia 6 de Setembro de 1850.—Ilm. e Exm. Sr. Dr. Vice-Presidente da Provincia.—I. V. Perderneiras Capitão d'Engenheiros, Chefe da Commissão de exploração do Mucury e Gequitinhonha.

«Villa Verde e Nossa Senhora d'Ajuda.» Na margem esquerda do rio de Porto Seguro, a quatro ou cinco legoas da costa, está situada uma aldeia com o titulo de Villa Verde e honras de municipio independente. Sua população chegará apenas a 150 ou 200 almas e o aspecto de sua povoação mostra decadencia. Os moradores do districto nada exportão, a não ser alguma madeira que fazem descer para os pequenos estaleiros de Porto Seguro.

Junto a costa e a mesma margem está tambem a muito antiga povoação de Nossa Senhora d'Ajuda, que nenhuma razão tem para prosperar. Sua população chegará a 150 almas.

«Villa de Trancozo.» A trez legoas ao Sul de Porto Seguro está a povoação de Trancozo com 150 a 200 almas. Não tem exportação alguma, mas fornece grande parte da farinha do consumo de Porto Seguro.

«Villa de Santa Cruz.» A igual distancia para o norte de Porto Seguro está a Villa de Santa Cruz. Não he mais feliz do que as outras povoações da Comarca, e até mesmo a gloria de haver dado nome ao Imperio parece fenecer com ella. Possui no seo porto apenas trez ou quatro garôpeiras, que, como as de Porto Seguro, se empregão exclusivamente

na pesca. Sua população andarà por 500 almas e os edificios mais importantes, já cahindo em ruínas, attestão a sua decadencia.

«Villas de Belmonte e Cannavieiras.» São as duas povoações que mais proporções reúnem para um futuro engradecimento logo que as duas provincias de Minas e Bahia, tomando em consideração os seus verdadeiros interesses, se decidão a tirar partido de navegabilidade do rio Gequitinhonha. Esta mesma circumstancia torna mais lamentavel a sorte d'estas duas povoações. Belmonte he por assim dizer a mesma aldeia de ha 30 annos, e Cannavieiras algum fraco impulso tem recebido dos exforços e actividade do actual Juiz Municipal dos dous termos reunidos, o qual alli faz sua residencia. A população de Belmonte andarà por 1.200 almas, sendo a de Cannavieiras pouco menor. Exporta Belmonte alguma madeira de construcção, e importa annualmente 20.000 alqueires de sal para o commercio de Minas pelo Gequitinhonha; he em que se empregão sete pequenas embarcações que tem no seu porto, e o que tem sustentado a Villa no pé em que se acha.

Cannavieiras tambem envia ao Gequitinhonha algum sal pelo rio da Salsa e canal Poassú, mas o seu principal commercio consiste na exportação de algum jacarandá, e outras madeiras de construcção, côco e algum arroz.

«Una.» He a ultima povoação ao norte da Comarca, como se pôde vêr no mappa geral e no especial da Comarca de Porto Seguro. Constará de 150 habitantes, e exporta directamente pela barra do rio do mesmo nome alguma madeira e côco.

Não terminarei esta revista das povoações das Comarcas de Caravellas e Porto Seguro sem declarar a V. Ex. que, a excepção do que diz respeito á insignificante povoação de Comoxatiba em Caravellas, e a villa de Trancozo em Porto Seguro,

todas as informações foram colhidas por mim pessoalmente nos proprios lugares, e as notas topographicas tomadas á bussola.

CENTRO DAS COMARCAS DE CARAVELLAS E PORTO SEGURO. COMARCA DO GEQUITINHONHA

Depois de ter dado alguma idéa do que são as nossas duas ultimas Comarcas do Sul na costa, convém que percorramos um pouco a região que lhes serve de centro, tanto a porção que faz parte das mesmas, como a que, pertencendo a Provincia vizinha, com ellas contesta pela parte de Oeste.

Em trez zonas bem distinctas se divide a região comprehendida entre Mucury e o Gequitinhonha.

Uma estreita banda de terreno baixo, de formação recente, justamente o que os geologos chamão «cordão littoral», guarnece a costa. Formada em geral pelas alluviões transportadas pelas agoas do centro, ella se alarga mais ou menos nas vizinhanças das embocaduras dos grandes rios; e assim he que ella se estreita a ponto de desaparecer completamente quando se approxima de Trancoso e de Porto Seguro, onde falhão os rios de alguma importancia. A excepção das Villas de Porto Seguro, Verde, Trancozo e Santa Cruz, todas as mais povoações da costa são assentes no cordão littoral. Fraco, e por isso não se prestando a muitos generos de cultura, este terreno he com tudo o mais proprio para plantação da palmeira vulgarmente conhecida pelo nome de coqueiro, e he tambem aproveitado na cultura da mandioca, bem que não com muita vantagem. No mappa geral das Comarcas V. Ex. achará marcados os limites do cordão littoral pelas linhas de nivelamento que indicão o começo das alturas.

Estas mesmas linhas, e a linha mais ou menos sinuosa, que liga ás duas primeiras cachoeiras do

Mucury e Gequitinhonha, formão os limites L. O. da segunda zona. Vinte a trinta braças acima do mar, sulcada por innumeraveis ribeiros que vão desaguar nos rios principaes de toda esta região, que são, além do Mucury e Gequitinhonha, o Peruhype, o de Alcobaça, o do Prado e o de Porto Seguro, esta zona, formando uma superficie ou antes chapada quasi regular, he o terreno mais productivo d'aquellas Comarcas. As magestosas florestas que o cobrem o attestão. He allí que se encontrão as arvores seculares que fornece as melhores peças de madeira de construcção, tanto nautica, como civil, mas que são mesquinha e estragadamente explotadas; he n'este terreno que as destruidoras derrubadas abrem campo para as plantações mais rendosas da nossa agricultura; he em uma fracção imperceptivel d'esta chapada que os fazendeiros do Peruhype colhem as suas 60.000 arrobas de café annualmente, além da farinha e mais producto do consumo de suas fazendas.

Segue-se a terceira zona que começa onde principião a sobresahir as primeiras intumescencias do contraforte da grande serra, cujo espinhaço separa as agoas do alto-Mucury das do alto-Gequitinhonha. Não faltão aqui os terrenos agricultaveis; mas começando a ser a superficie occupada por montanhas do terreno primitivo, os limites d'estas terras se vão estreitando á medida que se avança para as cabeceiras do Mucury, onde já não são sómente picos de granito que apontão na superficie, porém grandes serranias que apenas deixão a forte vegetação aos seos grandes valles. Menos productivo porém se torna o aspecto do terreno logo que se atravessa o espinhaço, de cerca de 500 braças acima do mar, onde começam as vertentes do Arassuahy. Alluvião quasi exclusivamente composta de cascalho, apenas servem as terras altas d'esta parte da Comarca do Gequitinhonha para a vegetação de um capim amesquinhadó pela innumeravel vari-

idade de arbustos inuteis, alli conhecidos com o nome «catingas e carrascos.» Não pôde ser muito proveitosa a creação do gado n'estes campos, e o preço porque se vende alli uma rez bem prova a sua não mui grande abundancia. A mesma vegetação dos valles he bastante fraca, ou ao menos não se encontrão n'elles grandes arvoredos que possam fornecer peças importantes de madeira para a construcção. Entretanto parece que esta terra he a mais propria para a cultura do milho que forma a base fundamental de todo o sustento n'aquella Provincia. Com effeito o milho he o pão do Mineiro, o milho he o creador da grande quantidade de toucinho e carne de porco que alli se consome, finalmente o milho sustenta, pela maior parte, a numerosa quantidade de animaes alli empregados nos transportes.

Mas se a fraqueza da vegetação na Comarca do Gequitinhonha forma um perfeito contraste com a robustez da dos nossos sertões, parecerá contra natural a muita gente, que a civilisação Mineira advantage tanto sobre a de nossas costas; entretanto sua população crescida, a abundancia em que vivem seos habitantes a respeito dos generos de primeira necessidade, e sobre tudo o mesmo vigor individual annuncião um bem estar, de que estão longe de gosar os nossos compatriotas da costa. Nunca encontrei em Minas os embarços com que luctei na costa para achar alimento, apesar da amabilidade com que seos habitantes mais notaveis se empenhavam em facilitar-me tudo, e mesmo em obsequiar-me.

A explotação do ouro, do diamante e das crysolitas trouxeram os primeiros habitantes para aquelles sertões, e como alli não havia mar que lhes promettesse peixe, nem vastas florestas que lhes facilitassem a caça, a necessidade lhes foi fazendo vêr a conveniencia de empregar grande parte de suas forças na cultura das provisões indispensaveis para

seu sustento, em quanto a outra parte se occupava da mineração. Qualquer conceberá o cuidado com que se devião empenhar os primeiros habitantes d'aquelles sertões em tirar da terra os recursos que a natureza lhes negava promptos, e á cuja importação se oppunha a grande barreira da falta de communicação. D'aqui o habito de um trabalho regular, e a previsão com que se procura produzir mais do que urgem as necessidades do anno, afim de evitar as privações dos annos pouco rendosos; d'aqui a abundancia em que vivem os Mineiros, e o progresso de sua população.

He porém forcoso reconhecer que este progresso hoje se echa em frente de um forte obstaculo, mas que um simples accordo entre as duas Províncias limitrophes poderá remover. Sendo as pedras preciosas quasi o unico objecto de exportação que sustenta a Comarca do Gequitinhonha, e talvez as do Serro e São Francisco, em consequencia da difficuldade de communicações, por onde fação sahir quaesquer generos volumosos da industria agricola aos mercados mais convenientes, o paiz progredio rapidamente em quanto a raridade das mesmas pedras na Europa lhes conservou preço vantajoso n'aquelle mercado; porém hoje que este ramo de commercio tem perdido muito de sua importancia, vão aquellas Comarcas ficando reduzidas a buscar recursos ás suas necessidades em outra qualquer industria de pouca vantagem, com tanto que seus productos sejam de facil transporte, em vista da quasi absoluta privação, em que se achão, de vias de communicação. A creação do gado por exemplo, não he a industria mais facil e conveniente aos habitantes do Gequitinhonha, entretanto fazem descer uma ou duas boiadas annualmente a costa por pessimos caminhos, por isso mesmo que he mercadoria de facil transporte.

He portanto evidente que os generos de exportação irão apparecendo á medida que as commu-

nicações se forem abrindo e melhorando, mormente quando se estima a importação annual das duas Comarcas (Serro e Gequitinhonha) no valor de 4.000:000\$000 quasi tudo genero de producção estrangeira. Ora eu creio que ninguem sustentará que a exportação de pedras e mineraes preciosos d'aquellas duas Comarcas possa chegar actualmemente a este valor; e por aqui julgue-se da necessidade que tem aquella parte da Provincia de outros productos, que exportando, possam vir em soccorro aos diamantes, ao ouro e as crysolitas, para a sustentação da sua importação. Tratando-se de um povo indústrioso, como o Mineiro, está nas mãos do Governo a creação d'estes productos; basta facilitar-lhes as vias de communicação. Reviveria a cultura do algodão, que encontraria nas fabricas de fiar da Bahia prompto consumo; o mesmo milho, o feijão, a carne, tanto de vacca como de porco, o toucinho, emfim muitos outros productos appareceria que, ainda não sendo abundantes, concorrerão para completar o valor dos generos da importação estrangeira necessaria áquellas populosas Comarcas.

Admittindo mesmo que as pedras preciosas chegassem para a indemnisação da importação das Comarcas do Gequitinhonha, do Serro e de São Francisco, bastaria a difficuldade com que luta a mesma importação para chamar continuamente a attenção do Governo sobre as necessidades materiaes d'aquelle lado da Provincia. Os Srs. Ottonis, na sua exposição sobre a conveniência de explorar a navegação do Mucury, estimão a despesa de transporte das mercadorias de consumo das duas Comarcas, Serro e Gequitinhonha, para as fazendas em 4 por %, 15 por % para as drogas, 40 por % para a louça e 70 % para os molhados: he bem desgraçada a condição dos Mineiros do Norte, e muito têm elles que esperar do Governo n'este ramo da publica administração!

Entretanto estas mesmas Comarcas vêem-se cobertas de um tecido de ribeiros, riachos e rios, que, associando-se mesmo no seo territorio, vão mais ou menos magestosos levar o tributo das agoas de sua superficie ao oceano; rios hoje mais ou menos conhecidos, dos quaes são, pelo lado mais proximo do mar, o Mucury, o Gequitinhonha e o Rio Pardo os mais importantes. Ora, sendo positivo que as vias de comunicação por agoa são as mais convenientes ao commercio, não nos será permittido utilizar alguns destes grandes vehiculos naturaes, afim de melhorarmos a sorte dos habitantes industriais do Norte de Minas, cujas necessidades reclamão urgentemente caminho, pelo qual fação descer seus productos a lugar onde possão encontrar em troca os que lhes faltão para seo consumo, e ao mesmo tempo melhores condições para sua actual importação? Não poderemos nós utilizar alguns d'estes rios, em beneficio das nossas povoações das Comarcas do Sul da Bahia, que suspirão com razão pela descida dos Mineiros e de seus productos aos seus portos como unico remedio á sua decadencia? A estas questões se encontrará talvez solução na seguinte parte do meo trabalho, em que me esforcarei por dar uma idéa exacta da navegabilidade dos rios Mucury e Gequitinhonha; restando-me o pesar de nada poder dizer a respeito do Rio Pardo, por isso que, como já fiz vêr a V. Ex., foi-me impossivel exploral-o.

MUCURY E GEQUITINHONHA

SUA NAVEGABILIDADE

Naõ conheço trabalho algum especial e regular sobre cada um destes dous rios, por isso, e por não desejar ser longo n'esta pequena memoria, me abstenho de procurar examinar o que até aqui se tem avançado sob o ponto de vista de

sua navegabilidade. V. Ex. ha de porém permitir que eu considere um pouco uma exposição feita á Presidencia de Minas em 1837, por um individuo estrangeiro que se assigna *encarregado da expedição do Mucury*, aqui publicada pelos jornaes em 1846.

Esta peça official só he notavel pelo mal que produziu, já illudindo a boa fé e patriotismo dos illustrados Srs. Ottonis, já desviando a attenção do Governo do rio Gequitinhonha, como meio de communicacão d'aquella parte da Provincia com a costa. N'esta exposição de cousas triviaes que, pela maior parte, podião ser ditas por quem nunca tivesse ido ao Mucury, balda de idéas profissionaes e recheada de simplicidades do charlatanismo ignorante, toma o seo author por muito barato calumniar a navegabilidade do Gequitinhonha, ao passo que confessa que, apenas viajou por parte da estrada que acompanha aquelle rio: justamente com a mesma candidez com que dá por doutrina muito corrente que, o gentio que no Mucury encontrou *veio em numero immenso da Azia pel'estreito Berling ha 50 annos*; diz que procurou informar-se dos mais velhos de como tihão vindo; affirma que as frechas do gentio eraõ *hervadas com urucû*; finalmente mil outras simplesas que denunciaõ bem o estado miseravel a que está ainda reduzida no nosso paiz a classe da engenharia, esta especialidade taõ importante de todo o systema de administração publica.

Parece impossivel que só a profissão do engenheiro esteja ainda debaixo do dominio do charlatanismo em um paiz, onde, em troca do titulo d'engenheiro, se exige de um pobre moço sete annos de estudos especiaes, além do tempo e despesas consumidas em humanidades preparatorias! Ao medico, tanto nacional como estrangeiro, para se occupar das funcções desta profissão, ao jurisperito para entrar na classe dos

magistrados, he preciso munir-se de um diploma; ao engenheiro, para dispor dos dinheiros dos contribuintes, basta um nome estrangeiro, pretensões de profissional e sobre tudo muito charlatanismo, ficando só aos nacionaes a rigorosa obrigação de apresentar titulos. Ou a escola dos engenheiros no Brasil he uma pura decepção que inutilisa a mocidade, condemnando-a a sete annos de estudos sem fructo, e então precisa urgentemente ser reorganizada, ou os seus filhos não devem ser equiparados, perante a authoridade, a qualquer charlatao estrangeiro que se apresente com pretensões sem titulo algum.

Desculpe-me V. Ex. este pequeno desvio a que me levou o justo resentimento pela injustiça, com que, na pratica do serviço público, se menospresa e posterga os direitos da classe do nosso paiz, que a maiores sacrificios he sujeita para alcançar um titulo scientifico. Volto ao meo proposito.

Mucury. O mappa geral das Comarcas do Sul, os perfis dos rios Mucury e Gequitinhonha que V. Ex. encontrará no alto do mesmo mappa, e o que eu já disse da região comprehendida e banhada pelos mesmos rios, me dispensa de uma longa descripção.

O rio Mucury se póde dividir em duas partes, considerado debaixo do ponto de vista de sua navegabilidade: aquella em que seo leito percorrendo os valles de *ruptura* das differentes ramificações do contraforte da Serra, he a cada passo desviado e interrompido por largos travessões de granito, formando de quando em quando pancadas de 10, 20, 30, e 40 palmos de alto; e a outra em que suas agoas, desprendidas dos tropeços atrapalhadores de sua marcha se vão deslizando rapida, porém mansamente, em sinuosissimo leito, dentro de um largo valle de *erosão* aberto sem duvida por antigas inundações mais abun-

dantes, na chapada alta de alluvião (*diluvium*) que sustenta as nossas mais bellas florestas d'aquella parte, até chegarem ao oceano. A esta parte chamaõ vulgarmente rio de areia; sendo a outra denominada rio de pedras.

O rio d'areia do Mucury só tem contra si o ser muito sinuoso e correr com a velocidade media de duas milhas por hora. São tantas as voltas que elle dá que para avançar 15 legoas no seo rumo geral (N. O.) serpentea o caminho de 24 legoas. Em uma canõa guarnecida de 5 homens, dos quaes 4 empurravaõ á varas, não pude chegar de Porto Alegre a sua primeira cachoeira, Santa Clara, com menos de 39.^h e 15 minutos, estando o rio quasi nas suas minimas agoas, o que equivale a 5 dias de viagem puchada com carga. Comparando a subida e descida que eu já havia feito até a metade de sua extensão pouco mais ou menos achei esta relação 2,475, que nos mostra que o tempo necessario para descer da Cachoeira de Santa Clara á Villa se reduz proximamente a 16 horas, isto he, dous dias muito aproveitados.

A mesma difficuldade da subida explica a facilidade da descida, e as indicações barometricas, dando-me 31 braças (3) para a altura de Santa

(3) O nivelamento barometrico perde muito de sua precisão, desde que se não dá uma tal ou qual simultaneidade nas observações dos dous pontos cuja altura relativa se quer determinar, e ao mesmo tempo a distancia que os separa não he tal que o estado da atmosphera fique muito proximamente igual em um e outro ponto, afora as differenças que podem vir das posições do instrumento no sentido da vertical. A' nenhuma d'estas condições satisfazem as observações em que fundo os nivelamentos que fiz dos dous rios Mucury e Gequitinhonha, por isso não tenho pretensões ao menor rigor mathematico. Devo, porém, advertir que procurei, sempre que me foi possível, comparar as observações de dias cujo estado atmosphérico me pareceo identico; e que os resultados nunca desmentirão o juizo que eu lia fazendo pelas difficuldades que ia encontrando na navegação. Convém ainda

Clara sobre o mar, vão perfeitamente de accordo com estas circumstancias. Não sei se não será á sua longa sinuosidade que deve o rio de areia do Mucury um canal sempre franco á navegação, ainda mesmo nas grandes seccas; estou porém persuadido que uma embarcação de vapor, que não demandasse mais de 5 pés d'agoa, nunca seria interrompida na sua marcha por falta d'esta.

He inutil repetir que as altas margens do grande valle do rio de areia do Mucury são povoadas das nossas mais bellas florestas.

A latitude da fóz do Mucury sendo $18.^{\circ}6'.43''$ e a de Santa Clara $17.^{\circ}47'.15''$ (4) este rio vem a avançar para o Norte $19'.28''$ até o começo do rio de pedras, de que passarei a me occupar.

A segunda parte em que dividi o rio Mucury, o rio de pedras, avança proximamente 18 legoas no mesmo rumo geral que o rio d'areia, até a confluencia do Rio Preto, que n'elle entra pela margem esquerda. As suas sinuosidades obrigão suas agoas a percorrerem o caminho de 29 legoas

dizer que ao voltar a costa achei uma pequena alteraçã na altura da columna de mercurio do Barometro para menos; mas como, segundo todas as probabilidades, esta alteraçã veio do transporte do instrumento por terra, que foi no intervallo dos dous nivelamentos não pôde ser muito sensivel o seo effecto.

Foi a Taboa de Olmanns que empreguei neste calculo cujos elementos são os seguintes:

$$\begin{array}{l} \text{Mar} \text{ — } B. = 30, 53 \text{ — } T. = 24, 50 \text{ — } t. = 5, 50. \\ \text{S. Clara — } B' = 30, 25 \text{ — } T' = 18, 00 \text{ — } t. = 12, 00. \end{array}$$

O Barometro estava duas braças acima do mar, e uma sobre o nível d'agoa de Santa Clara:

(4) Cachoeira Santa Clara (principio do rio de pedras do Mucury) em 23 de Setembro de 1849.

Manhã 7.^h 22.^m 53.^s, 65. t. v. Dist. zenith corr. $70.^{\circ} 16' 56''$, 47.
Tarde 13. 38. 39. 27 t. v. " " 29. 58. 9. 88.
Manhã 7.^h 58.^m 24.^s, 25. t. v. Dist. zenith corr. $61.^{\circ} 54' 56''$, 19.
Tarde 13. 33. 6 44. t. v. " " " 28. 52. 12. 38.

Dia e meio que me demorei neste ponto, o tempo conservou-se extremamente desfavoravel para observações: o sol se mostrava apenas por instantes, e o unico lugar que encontrei para estabe-

em lugar de 18, e se levassemos em conta o accrescimento que viria do desenvolvimento do seo perfil, teriamos de augmentar este caminho de 142 braças (5) proximamente, pois a tanto está elevado sobre Santa Clara o porto de Santa Cruz, destacamento Mineiro situado na margem direita do rio Preto, pouco mais de duas legoas acima de sua confluencia. Pode-se julgar sem mais detalhes das difficuldades com que teve de lutar quem para avançar 18 legoas no rio de pedras do Mucury, com 5 canoas carregadas de mantimentos, subiu 140 braças! Cento e dezoito vezes puchamos as canoas carregadas, quasi sempre com toda a gente n'agoa, e algumas vezes ajudando-se reciprocamente as guarnições das differentes canoas; dez vezes nos foi preciso alliviar a carga para este effeito; vinte e seis vezes tivemos de descarregar completamente; onze vezes foi-nos forçoso varar por terra com as mesmas canoas difficuldades, que nem a approximação d'estas permittião sem o perigo de as vermos postas em fragmentos. Eis o tormento em que empregamos mais de 30 dias.

Cumpre porém declarar em abono do Mucury que, não lanço sómente á conta da difficuldade de sua navegação os 30 dias consumidos; devo-os

lecer o meo observatorio, sendo um lagado de granito cercado de mato, onde a menor aragem não vinha mitigar os ardores de um extraordinario mormaço exagerado pelo calor da reflexão e irradiação da rocha primitiva, era o mais contrario a inalterabilidade dos instrumentos, principalmente do relógio que accusou alli o atrazo espantoso de 11.^ª proximamente por hora. A discordancia entre os resultados das series que calculei confirma esta idéa, pois que sendo as que aqui apresento as mais accordes, dão contudo uma media que se afasta mais ou menos 15.^ª das latitudes calculadas.

	pol.	lin.		gr.		gr.
(5) Santa Clara — B.	—30,	25	—T.	—18,00	—t.	—49,00.
Santa Cruz — B.	—29,	22	—T.	—20,00	—t.	—21,00.

O Barometro estava proximamente 4 braças acima da superficie d'agoa.

em grande parte ás circumstancias de se ter conservado o rio sempre secco em maior gráo do que aquelle que convém para facilitar a sua navegação, á necessidade que tinha de distrahir alguns individuos do serviço de canôas para, com os enfermos, comporem a linha de sentinellas que guardava os trabalhadores de alguma surpresa de gentio, e sobre tudo á falta de um guia que, conhecendo os canaes mais convenientes, nos dispensasse do estudo preliminar a que éramos forçados a cada passo; convindo a tudo isto ajuntar o pouco habito de serviço prolongado que tem em geral a nossa gente da costa, o qual faz com que elles tendão a consumir o tempo sem nada fazer. Acredito que com trabalhadores activos e praticos muito se poderá diminuir o tempo necessario á subida do rio de pedras do Mucury com canôas carregadas e bem guarnecidas, talvez mesmo a 15 dias.

O Rio Mucury de tão difficil navegação na sua parte superior, como acabamos de vêr, não será susceptível de algum melhoramento no seu leito, de modo a diminuir os perigos e embaraços de sua navegação? He a primeira questão que se apresenta a qualquer. Não ponho duvida alguma em responder affirmativamente a este respeito, mas esta questão he subordinada a outra:—Devendo os empenhos do Governo em abrir communicações que ponhão o Norte de Minas em relação com a costa, ser dirigidos para o lado que menos embaraços apresente e mais promptas vantagens offereça em compensação dos sacrificios feitos, será o Mucury o ponto mais proprio para satisfazer a estas condições? He o que resta provar. E como eu pretendo sustentar a negativa d'esta proposição não entrarei em desenvolvimento algum a respeito da primeira.

Do primeiro destacamento Mineiro que fica no paralelo de $16.^{\circ}50.'47."$ (6) situado como já disse, na margem direita do rio Preto, mais ou menos duas legoas acima da confluencia, fiz voltar quasi toda a gente do Mucury que me tinha, acompanhado; e soube, depois de minha volta a esta cidade, que aquelles companheiros de sofrimentos forão muito felizes na descida, chegando á Villa no fim de 10 dias de viagem com duas canoas vazias.

Não me demorei em fallar dos incommodos e difficuldades que encontramos em vencer o caminho de 40 legoas, pouco mais ou menos, que nos separava de Minas Novas, por terreno extremamente montanhoso, pela maior parte coberto de matas de espinhos e carrascos; mas devo dizer que n'estes trabalhos, agravados pela estação invernosa, consumimos quasi todo o mez de Novembro, e que sem a prestimosa cooperação do Sr. Coronel Honório Esteves Ottoni, em extremo teria sido dura a nossa sorte. Este distincto e honrado Mineiro, estabelecido junto do ribeirão de São Miguel, confluyente do Gravatá, no paralelo de $16.^{\circ}18.'19."$ (7), nove legoas a E. de Minas Novas, foi quem nos soccorreu com mantimentos e meios de transporte, desde a meia distancia entre

(6) Santa Cruz (destacamento Mineiro na margem direita do Rio Preto) em 29 de Outubro de 1849

Manhã $8.^{\circ}43.'13."$ $99.$ t. v. . . . Dist. zenith. corr. $47.^{\circ}28.'8"$, 68.
 Tarde $14.$ $47.$ $6.$ $98.$ t. v. . . . " " " $40.$ $22.$ $10.$ $79.$
 Manhã $8.^{\circ}48.'36."$ $62.$ t. v. . . . Dist. zenith. corr. $46.^{\circ}12.'30"$, 54.
 Tarde $14.$ $53.$ $45.$ $30.$ t. v. . . . " " " $41.$ $51.$ $21.$ $97.$
 A medida differe das latitudes calculadas de $2''.57$.

(7) Ribeirão de S. Miguel (fazenda do Coronel Honório) 23 de Novembro de 1849.

Manhã $7.^{\circ}15.'35."$ $62.$ t. v. Dist. zenith. corr. $66.^{\circ}49.'35"$, 42.
 Tarde $14.$ $30.$ $5.$ $48.$ t. v. " " " $35.$ $53.$ $59.$ $86.$
 Manhã $7.^{\circ}23.'29."$ $06.$ t. v. Dist. zenith. corr. $65.^{\circ}0.'26"$, 57.
 Tarde $14.$ $35.$ $21.$ $90.$ t. v. " " " $36.$ $48.$ $5.$ $12.$
 A media differe de $0''.87$ das duas latitudes calculadas.

o quartel de Santa Cruz e a sua fazenda, sem consentir em indemnisação alguma; obrigando-nos pelo contrario a aceitar os mesmos serviços, não só na chegada que demos a Minas Novas senão tambem na nossa retirada para o Calháo, primeiro porto onde começa a actual navegação do Gequitinhonha. Ao mesmo Senhor Coronel Honório devo muitas informações a respeito d'aquella parte da Provincia; sendo os detalhes topographicos das margens do Arrassuby entre Minas e Calháo devidos a informações prestadas pelo Sr. Tenente Fagundes, homem encanecido no serviço das matas entre as cabeceiras do Mucury e Gequitinhonha, e por isso insigne pratico, de quem o Governo de Minas tem ainda muito a esperar quando se tenha de occupar dos interesses materiaes d'aquella parte da Provincia. Apesar de seos serviços quasi proverbias na comarca do Gequitinhonha está hoje este official reduzido a commandar um insignificante destacamento do riacho de São Miguel, na qualidade de Sargento, tendo já commandado outros com a graduação e vantagens de Tenente!

Gequitinhonha. Não entrarei no exame da navegabilidade do Gequitinhonha sem primeiro dar uma idéa das duas povoações Mineiras, Minas Novas e Calháo, que visitei antes de começar a navegar por este rio.

Como os habitantes de nossas costas, que se mudão facilmente para onde lhes consta que ha mais peixe e caça, assim os Mineiros deixaõ as suas povoações facilmente por lugares onde lhes consta que a mineração está dando mais. São factos comprehendidos na regra bem positiva em virtude da qual procura cada um tirar maior partido de sua industria; mas he evidente que qualquer d'estas duas especies de industria he bem precaria, e que desgracado he o paiz que n'ellas cifra a sua riqueza. Minas Novas foi victima d'esta

condição a que estão reduzidos a maior parte dos Mineiros por falta de vias de comunicação que lhes facilitem outros ramos de industria. Situada a 17.º 9.' 24." (8) de latitude Sul, na confluencia do ribeiro Bom Successo com o rio Fanado, que pouco adiante desagua no Arassuahy, foi o ponto para onde se concentraraõ a maior parte dos primeiros bandeiristas que por aquelle lado da Provincia andaraõ a cata do ouro e das crysolitas, por isso mesmo que aquelle metal precioso se mostrou alli de proveitosa exploração. Prosperou algum tempo até chegar a cathegoria de cidade de que gosa, mas as descobertas dos diamantes do Sincorá e o já pouco successo talvez que offerecião as exauridas minas do Fanado são causas da decadencia que denuncia o seo estado actual. A sua população intra-muros apenas tocará a 3.000 almas, isto he, menor do que a que póde

(8) Tenho visto em varios escriptos que a latitude de Minas Novas he 17.º 37.' 30."; mas ainda não encontrei quem nos mostrasse a origem de semelhante latitude. Entretanto não sei que confiança possa merecer o resultado de observações, a par do qual não figura nem ao menos o nome do observador, se elle he tal que por si só offereça alguma garantia. He porém ainda mais curioso que esta latitude diffira 37.' 30." (para mais) da que o author das Memorias Historicas do Rio de Janeiro attribue ás observações do Padre Chapaci, que com Domingos Soares, tambem religioso, foi nomeado por D. João 5.º para mappear as terras do Brasil.

A vi-ta desta divergencia não admira que as longitudes achadas no mesmo ponto por Arrow Smith e Eclwege diffiram de 1.' 40" entre si!

Não sei até que grão chega a exactidão da latitude do Padre Chapaci, mas ella tem razão para merecer mais fé do que a que se apresenta anonyma, e bastante pesar tenho de que as minhas observações me não dessem um resultado mais proximo do seo.

Minas Novas (junto da Matriz) aos 29 de Novembro de 1849.
Manhã 7.º 24.º 11.", 30. t. v. Dist. zenith. corr. 61.º 41.' 32", 18.
Tarde 44. 22. 55, 88. t. v. » » » 33. 55. 25. 21.
Manhã 7.º 36.º 34.", 04. t. v. Dist. zenith. corr. 61.º 50.' 59", 91.
Tarde 44. 38. 20. 60. t. v. » » » 37. 30. 26. 37.
A media faz com as latitudes calculadas a differença de 2." 84.

comportar o numero de seos edificios; o que he sem duvida uma justa expressão do decrescimento do seo commercio. Pouco tem que fazer o camponez em uma povoação onde não encontra mercado para os productos de sua lavoura; e não mais numerosos são os mercadores que queirão aceitar, em troca de suas fazendas, objectos que elles não podem transportar aos seos credores em satisfação dos seos compromissos.

Ha entre Minas Novas e o Calháo, não longe das margens do Arassuahy, outras povoações de pouca importancia, como são os arraiaes da Chapada, Sucuriú, Agoa Suja, &c.; mas, como Minas Novas, não são elles proprios para mostrarem a população da Comarca. Vivendo os Mineiros hoje, em grande parte, immediatamente do producto de sua lavoura e de seos proprios teares, estes grandes centros, onde se reúnem os habitantes de um paiz para melhor facilitarem-se suas transacções, tornão-se quasi inuteis; a população se espalha em grande superficie, e só tenderá a concentrar-se onde o commercio, offerecendo alguma estabilidade, lhe garanta o supprimento, ao menos de suas necessidades mais urgentes, já consumindo alguns de seos productos, já fornecendo-lhes em troca os necessarios ao seo consumo. A navegação do Gequitinhonha calumniada, e indevidamente abandonada pelos Governos das duas Provincias limitrophes, he hoje o recurso mais estavel do pequeno commercio que se faz n'aquella Comarca, afóra o que diz respeito ao ouro e as pedras preciosas. Assim he que se vê uma povoação nascente, o Calháo, fazer passos de gigante no augmento do seo material durante os trez ou quatro ultimos annos: já conta 110 casas, pela maior parte novas, além de outras em activa construcção, e nos dias de festa chega a reunir para cima de 2:000 almas, o que denota grande população nas

visinhanças. No parallelo de $17.^{\circ}0.1''$, (9) e a 60 legoas mais ou menos da costa, esta povoação está assentada na margem direita do Arassuahy, proxima mente duas legoas acima de sua affluencia com o Gequitinhonha. Não me parece a situação mais conveniente debaixo do ponto de vista de sua hygiene: o seo solo baixo muito terá de soffrer das grandes inundações do Arassuahy, além de que, segundo me informarão, aquelle não he o ultimo ponto da navegabilidade do rio.

Passarei ao estudo especial do Gequitinhonha.

Descer um rio no seo quarto de enchente, dirigido por praticos, he certamente vel-o pelo lado mais bello; e não se pode dissimular a influencia d'esta circumstancia sobre o espirito d'aquelle que tivesse de julgar da navegabilidade de dous rios pelas difficuldades que n'elles encontrou. N'este caso aquelle que tivesse subido o Gequitinhonha nas condições em que subimos o Mucury, e que depois descemos o Gequitinhonha, não teria duvida em concluir que mais commoda he a navegação d'aquelle rio. Felizmente possuímos meios mais positivos de resolver esta questão, e o principal d'elle he a comparação dos perfis dos dous rios que V. Ex. encontrará no mappa geral das duas Comarcas. As indicações barometricas veem em soccorro do parecer de algumas pessoas que têm navegado por um e outro em ambos os sentidos, entre os quaes figura o Sr. Tenente Fagundes, e por consequencia muito competente.

Como o Mucury o Gequitinhonha he naturalmente dividido em duas partes: — Rio de pedras

(9) Calháo (povoação á margem direita do Arassuahy junto a foz do ribeiro Calháo) aos 22 de Dezembro de 1849.

Manhã 6.^h 55.^m 45.^s, 53. t. v. Dist. zenith. corr. $70.^{\circ}52.'42''$, 65.
 Tarde 14. 4. 48. 23. t. v. " " " 29. 54. 53. 60.
 Manhã 7.^h 0.^m 27.^s, 08. t. v. Dist. zenith. cor. $69.^{\circ}48.'43''$, 63.
 Tarde 14. 43. 6. 12. t. v. " " " 31. 48. 27. 40.
 A differença entre a media e as latitudes calculadas he $0''$,07.

e rio d'areia. O rio de pedras se póde sub-dividir em trez secções, distinctas principalmente por serem as suas extremidades occupadas por povoações.

A parte comprehendida entre o Calháo e o arraial de S. Miguel he de dezoito legoas e meia em linha recta, porém n'ella o rio serpentêa no caminho de mais de 28 legoas, descendo 47 braças (10). Já se vê que não podem ser muitas as cachoeiras d'esta parte do rio, e com effeito creio que além do lugar denominado *labyrintho* perto de S. Miguel, e do *travessão* no começo do Arassuahy, todas as mais difficuldades se reduzem a correntezas fortes alli designadas com o nome de *corridas*.

De São Miguel ao *Salto-grande* vão pouco mais de 21 legoas em linha recta, 27 em desenvolvimento, e 31 braças (11) em descida. Exceptuando a *cachoeira do inferno*, pouco acima do Salto, a qual he uma verdadeira difficuldade que obriga ao descarrego tanto na subida como na descida, os embarços da navegação d'esta parte do rio são antes effeito da grande quantidade de pedras que atrapalhão a marcha de suas agoas, do que devidas á differença de nivel. He na extremidade inferior d'esta parte do rio de pedras que se acha a celebre cachoeira denominada o *Salto-grande*, d'onde tira o nome a povoação que lhe fica junto. No caminho de cerca de uma milha o rio Gequitinhonha con-

$$(10) \begin{array}{l} \text{S. Miguel} - B \xrightarrow{\text{pol. ing.}} = 29,42 - T. \xrightarrow{g.} = 24,00 - t. \xrightarrow{g.} = 23,00. \\ \text{Calháo} - B' = 29,10 - T' = 20,25 - t' = 21,00. \end{array}$$

No Calháo o Barometro estava a 2 braças e em S. Miguel a 6 braças acima da superficie do rio.

$$(11) \begin{array}{l} \text{Salto} - B \xrightarrow{\text{pol. ing.}} = 29,63 - T. \xrightarrow{g.} = 24,50 - t. = 23,50. \\ \text{S. Miguel} - B' = 29,42 - T' = 24,00 - t' = 23,00. \end{array}$$

O Barometro estava no Salto a 8 braças sobre a agoa.

some alli a altura de 21 a 22 braças (12) em favor de sua navegabilidade, a qual por certo seria menos feliz sem esta circumstancia. Não he uma enorme mole d'agoa cahindo de altura maravilhosa, cujos borrifos produzem um espesso nevoeiro, e cujo fracasso se faz ouvir desde a distancia de trez legoas, como exageradamente se escreveo: da povoação que lhe fica a pouco mais de 200 braças nunca vi nevoeiros e nem ouvi bem distinctamente o seo ruído. Com tudo não deixa de ser medonho o aspecto d'este ponto do rio: são muitas as pancadas, porém succedem-se trez de 35 a 40 palmos cada uma, as quaes supponho que, mesmo descendo, um peixe não atravessará com vida. As canoas descarregão no porto da povoação, e, ou passa-se a carga para outras canoas do porto de baixo, ou são ellas mesmas arrastadas vasiaas ao mesmo porto. Este varadouro tem proximamente 900 braças, e a sua estrada he susceptivel de muitos melhoramentos.

Segue-se a terceira subdivisão do rio de pedras que começa do porto de baixo do Salto, onde se diz ser a extrema d'esta Provincia, até a povoação da *Cachoeirinha* onde principia o rio d'areia. He a mais curta e ao mesmo tempo aquella que mais difficuldades oppõe á navegação. Com effeito em 9 legoas em linha recta o rio

(12) A differença de altura entre o porto de baixo e o porto de cima do Salto foi tomada com um nivel que mandei fazer aqui antes da minha partida para fora, o qual consiste em uma regoa com um furô no sentido longitudinal e suspensa em dous cordeis de modo a conservar quanto ser possa, a sua horizontalidade. Costumo empregar este grosseiro instrumento nos nivelamentos de reconhecimento, quando se trata somente de achar a differença entre dous pontos distantes um do outro de 900 braças proximamente como já disse, e só tenho a felicitar-me do resultado que alcancei, pois apenas differe de mais ou menos meia braça do que achou o Sr. Przewowski, que o fez cuidadosamente com instrumentos dos mais perfeitos, segundo este Sr. me fez a honra de communicar.

desce n'aquella parte 22 braças (13), e he caminho que se faz em quatro horas e meia na descida; obrigando a trez ou mais descarregos na subida, em que se empregão dous dias.

O rio de pedras do Gequitinhonha conta cinco povoações em suas margens, as quaes são, a contar de cima: 1.º um arraial que se está estabelecendo no pontal d'Oeste da confluencia do Arassuahy com o Gequitinhonha; 2.º a povoação da Iunga, 7 legoas abaixo da mesma confluencia, na margem esquerda, junto do riacho do mesmo nome; 3.º o arraial de São Miguel que occupa a extremidade da primeira subdivisão que fiz do rio de pedras, situado na margem direita, junto do ribeiro do mesmo nome e a $16^{\circ}35'35''$ (14) de latitude Sul; 4.º a povoação do Salto, tambem na margem direita, a $16^{\circ}3'35''$ (15) de latitude Sul; 5.º finalmente a muito insignificante povoação da Cachoeirinha collocada igualmente na margem direita, no ponto onde se acaba o rio de pedras, a $16^{\circ}0'37''$ (16) de latitude.

Todas estas povoações negão ares de prosperidade, com excepção da primeira, que vai-se

$$\begin{array}{l} \text{(13) Cachoeirinha} \quad \text{pol.} \quad \text{ing.} \quad \text{R.} \quad \text{R.} \\ \text{---} \quad \text{B.} \quad \text{---} \quad 29,99 \quad \text{---} \quad \text{T.} \quad \text{---} \quad 23,50 \quad \text{---} \quad \text{L.} \quad \text{---} \quad 24,50. \\ \text{Salto} \quad \text{---} \quad \text{B.}' \quad \text{---} \quad 29,63 \quad \text{---} \quad \text{T.}' \quad \text{---} \quad 24,50 \quad \text{---} \quad \text{L.}' \quad \text{---} \quad 25,50. \end{array}$$

O Barometro estava na Cachoeirinha a 5 braças acima d'agua

(14) Arraial de S. Miguel em 4 de Janeiro de 1850.

Manhã	6. ^h	47. ^m	35. ^s	94.	t. v.	Dist. zenith.	corr.	72. ^o	59. [']	9. ["]	84.
Tarde	13.	59.	26.	47.	t. v.	"	"	28.	43.	39.	87.
Manhã	6. ^h	59. ^m	2. ^s	69.	t. v.	Dist. zenith.	corr.	70. ^o	23. [']	46. ["]	72.
Tarde	14.	4.	11.	27.	t. v.	"	"	29.	48.	54.	80.

A media faz com as latitudes calculadas a differença de $9''$, 10.

(15) Salto (povoação) em 10 de Janeiro de 1850.

Manhã	7. ^h	2. ^m	47. ^s	29.	t. v....	Dist. zenit.	corr.	69. ^o	50. [']	42. ["]	86.
Tarde	13.	59	12.	21.	t. v....	"	"	28.	44.	5.	42.

(16) Cachoeirinha (povoação) em 15 de Janeiro de 1850.

Manhã 7. ^h	40. ^m	52. ^s	69.	t. v....	Dist. zenith.	corr.	61. ^o	13. [']	15. ["]	88.
Tarde 13.	58.	58.	35.	t. v....	"	"	28.	37.	37.	71.
Manhã 7. ^h	47. ^m	4.86. ^s	t. v....	Dist. zenith.	corr.	59. ^o	41. [']	5. ["]	88.	
Tarde 14.	3.	41.41.	t. v....	"	"	"	29.	42.	23.	17.

A media he unicamente de $0''$, 07 differentes das latitudes calculadas.

formando com prejuizo de algumas visinhas, principalmente da Itinga. Esta mesma muito breve fará sua parada como as outras, inclusive o Calháo, se se não tratar quanto antes de melhorar a navegação do Gequitinhonha, a qual, como adiante mostraremos, não luta tanto com os embarços naturaes e inherentes á sua navegabilidade, como com os que vêm do abandono em que se acha.

O rio d'areia do Gequitinhonha avança quinze legoas e meia para a costa em linha recta, vinte e meia em desenvolvimento, e desce apenas cento e vinte palmos (17). Esta pouca inclinação de seo leito, a qual diminuindo a sua correnteza facilita sua navegação a ponto de poder uma canôa, carregada e guarnecida de 3 homens sómente, subir até a Cachoeirinha em trez dias, isto he, pouco mais ou menos a mesma distancia que no Mucury uma canôa nas mesmas condições e guarnecida de 5 homens só vence em 5 dias, he infelizmente causa das muitas corôas e baixos que frequentemente atrapalhão a sua navegação aos inexperientes, assim como das difficuldades da sua barra.

Com effeito sem um declive forte que, apressando o movimento de suas agoas, lhes dê força para o transporte das arcias do seo leito, este tende a obstruir-se e por consequencia a diminuir de capacidade, e como o volume das agoas se conserva sensivelmente o mesmo, segue-se maior acção d'esta sobre as margens, cuja argilla se dilue e he facilmente transportada, e cuja areia, não obedecendo á fraca acção mecanica das agoas, vai augmentar a grande massa d'este obstruente do leito. D'aqui vem a largura extraordinaria que nos apresenta o Gequitinhonha n'esta parte, quasi toda

(17) Belmonte — B.—30,42—T.—26,75—t.—27,25,

Cachoeirinha — B'—29,09—T.—23,50—t.—24,50.

O Barometro em Belmonte estava duas braças acima do mar.

occupada por vastissimas corôas de areia e numerosos baixos, em que a cada passo se encalhão as canôas quando os seus conductores não são muito praticos em reconhecer os canaes.

Não sei se outras causas concorrem com esta para nos mostrar como he que a barra do Gequitinhonha, rio de primeira ordem, apenas offerece um canal estreito, inconstante e de pouco fundo, a ponto de nunca permittir entrada senão a pequenos hiates ou lanchas; mas he evidente que, se as agoas do rio fossem tocadas de maior velocidade, não só se não alargaria tanto a sua fôz, circumstancia que muito se oppõe a actividade das correntes nos canaes, senão tambem muito ajudariaõ ellas o movimento da maré no seo trabalho de escavação.

Agora que temos uma idéa approximada dos rios Mucury e Gequitinhonha quanto ao essencial, senão quanto a todos os detalhes importantes que podem concorrer para o seo cabal conhecimento, convém chegar-nos a questão acima proposta, isto he: — Devendo os empenhos do Governo em abrir communicações que ponhão o Norte de Minas em relação com a costa, ser dirigidos para o lado que menos embaraços apresente e mais promptas vantagens offereça em compensação dos sacrificios feitos, será o Mucury o ponto mais proprio para satisfazer a estas condições? Um resumo comparativo das vantagens que offerecem os rios Mucury e Gequitinhonha como meios de communicação, bastará para a solução d'esta questão.

Vimos que para subir o rio d'areia do Mucury nas condições mais favoraveis são precisos pelo menos cinco dias de marcha forçada, e que, facilitando muito o rio de pedras, não podemos conceder menos de 15 dias para a mesma operação; aqui temos pois 20 dias para vencermos 30 legoas na direcção de Minas Novas até a confluencia do

Rio Preto. D'este ponto ha proximamente igual distancia áquella cidade em linha recta; mas como o terreno he extremamente montanhoso devemos suppôr que não nos será possivel fazer uma estrada commoda sem augmentarmos pouco mais ou menos de um terço esta distancia. Teremos pois 40 legoas que uma tropa não poderá vencer em menos de 15 dias, contando com o tempo necessario aos preparativos no porto para se pôr em caminho.

Suppondo agora que se possa descer o rio de pedras em 8 dias e o de areia em 2, concluiremos que, da fôz do Mucury até Minas Novas, o mínimo da viagem vêm a ser de 35 dias, sendo o da volta de 25.

Vejamos agora o que acontece a respeito do Gequitinhonha.

Desci todo este rio em 68 horas tendo apenas dous fracos remadores além do popeiro: ora admittindo que este seja o minimo tempo que se possa empregar n'esta viagem, e dando dous dias para alguns descarregos que se tenha de fazer n'este trajecto, segue-se que se pôde vir do Calháo a Belmonte (18) em 10 dias.

(18) Belmonte (Villa) em 28 de Janeiro de 1850.

Manhã 7.^h 52.^o 2.^o, 52 t. v. Dist. zenit. corr. 59.^o 2.^o 4.^o, 60.

Tarde 14. 14. 22. 38 t. v. " " " 32. 9. 56', 94.

Manhã 7.^h 58.^o 41, 21 t. v. Dist. zenit. corr. 57.^o 28.' 15", 04.

Tarde 14. 19. 28, 35 t. v. " " " 33. 22. 37, 23.

A media que he 15.^o 51.' 24." afasta-se de 0",83 das latitudes calculadas.

Este he um dos pontos determinados pelo Barão de Roussin, o qual lhe assigna o paralelo de 15.^o 51.' 4."; donde se vê que a minha latitude differe 20" da que achou aquelle insigne observador. Esta differença, com quanto pequena, me desanimaria se não fosse o facto, muito conhecido em Belmonte, de que o rio na sua foz tem avançado para o Sul, e por consequencia hoje occupa não pequena parte da antiga povoação, onde naturalmente Roussin assentou o seo observatorio, por ser a que ficava então na margem do rio. Ha alli um lugar, não longe do pontal do Norte, que conserva o nome de *barra velha*, por onde affirma a tradição que passava o rio.

Cita-se no Calháo o exemplo de uma canôa que d'alli desceo, e no fim de 16 dias se achou de volta com uma carga de sal tomada no Salto; lanço isto no rol das cousas raras, e considerarei o que acontece mais frequentemente, isto he, que uma canôa faz esta viagem em 20 dias. Ora suppondo que estas canôas empreguem na descida o mesmo tempo que empreguei, que foi 44 horas, isto he, 5 dias e dando meio dia para o seo carregamento no Salto, teremos que a subida d'aquelle ponto ao Calháo se póde fazer em 14 dias e meio. Admittamos 15 dias. Já dissemos que o rio de areia se sobe em 3 dias, e que em 2 se póde chegar da Cachoeirinha ao Salto. Reunindo pois estas diferentes parcellas, e ajuntando-lhes mais um dia para ser consumido no varadouro do Salto, vemos que se póde ir de Belmonte ao Calháo com uma canôa carregada em 21 dias.

Notar-se-ha aqui que eu comparo a viagem desde a costa, pelo Mucury, até Minas Novas, com a que se faz de Belmonte ao Calháo; mas eu ja fiz sentir em outra parte que Minas Novas não he o ponto mais conveniente para servir de grande centro ao commercio d'aquella Comarca, e se o he ajuntem-se 5 dias ás viagens do Gequitinhonha, pois tanto gasta uma tropa a chegar do Calháo a Minas Novas.

Vemos portanto que uma viagem redonda de Minas Novas á costa pelo Mucury não se póde fazer em menos de 60 dias, e que pelo Gequitinhonha ella se faz em 31 dias, apezar do abandono da actual navegação d'este rio.

O nivelamento barometrico que fiz dos dous rios confirma estas circumstancias: vê-se por elle que o rio de pedras do Mucury, em todo o seo desenvolvimento de 30 legoas, comprehendida a parte do Rio Preto desde a confluencia até o quartel de Santa Cruz (proximamente 4 legoas desenvolvidas), sobe 142 braças; e a parte correspon-

dente do Gequitinhonha, com 65 legoas de desenvolvimento, apenas sobe 122 das quaes devemos descontar 22 que são consumidas em um só ponto, o Salto. Não se pôde offerecer uma medida mais justa de quanto a navegabilidade do Gequitinhonha he superior a do Mucury; e se a tudo isto ajuntarmos, a circumstancia de se achar a navegação do Gequitinhonha um pouco encaminhada, e já possuírem as suas margens alguns germens de população, nada mais precisaremos para concluir que o Governo, no empenho de dar porto aos Mineiros do Norte, e melhorar a sua sorte, deve forçosamente pensar antes de tudo no Gequitinhonha.

NECESSIDADES MAIS URGENTES DAS COMARCAS DE CARAVELLAS E PORTO SEGURO

Vimos que a communicação de nossas povoações da costa com o centro, de modo a facilitar a descida de productos para seos portos e productores para suas terras, he questão de vida e de morte para as mesmas povoações, e que esta necessidade torna-se tanto mais urgente quanto a diminuição da escravatura as vai privando dos seos únicos meios de produzir. Lance-se a vista sobre o quadro das embarcações que deixão seos portos para irem mendigar cargas nos portos vizinhos, e vêr-se-ha uma prova de quanto a marinha de nossa cabotagem do sul vai ficando superior á producção que em outros tempos exportavão seos pequenos portos, por consequencia mas um documento de sua decadencia.

Tambem vimos que não menos vital he para os Mineiros vizinhos a questão de communicações que lhes abirão portos para seos mercados e ao mesmo tempo facilitem melhores terras para sua agricultura; questão tanto mais importante quanto

o ramo unico de producção que sustenta sua importação — a exportação do ouro e das pedras preciosas — vai descahido consideravelmente.

Procurei igualmente mostrar que a satisfação d'esta necessidade commum ás duas Províncias, vital e urgente, he favorecida pelas circumstancias hydrographicas dos dous paizes, e que o Gequitinhonha he por se só um grande passo dado pela natureza n'este sentido, o qual ao mesmo tempo facilita os que immediatamente tem de dar os dous Governos no empenho de melhorar a sorte desta parte do Imperio.

Convém agora que eu ensaie a indicação das providencias que a mesma necessidade reclama.

Custa a comprehender que o rio Gequitinhonha, navegavel no seo desenvolvimento de 90 legoas proximamente, muito navegado em outro tempo, tenha cahido em perfeito abandono com prejuizo, tanto dos Mineiros que fazem a sua importação do Rio de Janeiro com enormes despesas, como em detrimento da Provincia da Bahia a quem a natureza concedeo o direito quasi exclusivo, não só de lhe fornecer os generos de seo consumo, como de encarregar-se dos de sua exportação! A importação de quatro mil contos annuaes que fazem as comarcas do Serro e Gequitinhonha he usurpada pelo Rio de Janeiro aos portos da Bahia, e os Mineiros d'aquella parte estão condemnados a um acrescimo de despesa de transporte perfeitamente inutil! He por certo isto uma das muitas anomalias que sóem apparecer nos paizes onde o interesse das intrigas politicas absorve exclusivamente todas as attensões, e onde não só os primeiros agentes do poder executivo, como toda a porção mais importante do pessoal da publica administração se succedem rapidamente, como entre nós acontece. Em taes condições não ha projecto de longa execução possivel, toda a administração publica se reduz ao — Eu e meo visinho —;

o empenho em que se acha o Governo de segurar-se no seo posto e a incerteza de sua estabilidade apenas lhe permitem olhar para o que tem de baixo dos olhos; he logo surprehendido pelo seo successor que ordinariamente abandona, se não desfaz, o que achou feito; porque enfim outros são os interesses, outras são as vistas.

He verdade que, sendo o unico objecto de exportação dos Mineiros o ouro e as pedras preciosas, he natural que elles, achando mais prompta venda, e mesmo mais vantajosa na praça do Rio de Janeiro, por ser mercado mais activo do que o da Bahía, procurem aquelle em preferencia; mas se se considerar a facilidade de communicações entre estas duas Capitães, e a grande economia que se faz no transporte dos generos de consumo de Minas pelo Gequitinhonha, esta pequena vantagem fica a perder de vista; e isto além da faculdade de exportar outros generos, que não sómente o ouro e as pedras preciosas.

Um animal de transporte do Rio de Janeiro a Minas Novas carrega oito arrobas, recebe 608000 rs. de frete, e leva pelo menos 60 dias de viagem. Uma canôa sobe de Belmonte ao Calháo em 21 dias, como já vimos, carrega 52 arrobas e recebe de frete 120 a 1308000 rs. Vemos por aqui que, além de fazer a viagem em menos de metade do tempo, a carga que custa 608000 rs., do Rio a Minas, vem a custar, de Belmonte ao Calháo, 168230 rs. proximamente, concedendo o estado desgraçado em que se acha a navegação d'aquelle rio. Agora se ao tempo ajuntarmos os 5 dias necessarios á viagem do Calháo a Minas Novas, e ás despesas os 48000 rs. que paga cada carga de um d'estes pontos ao outro, teremos que o tempo não subirá ainda a metade, e as despesas ficarão em 238330 rs. em lugar de 608000 rs.

Mas o porto de Belmonte não he mercado consumidor e fornecedor, he preciso metter em

conta as despesas e riscos do transporte de uma das Capitães mais visinhas e de forte mercado, Bahia ou Rio de Janeiro.

Não creio, nem he possível, que a civilização Mineira não possa ser bem supprida em todas as suas necessidades pela praça da Bahia; portanto he d'aqui que devemos considerar os fretes para Belmonte, por isso que he a mais visinha d'aquelle porto. O que poderá custar o transporte de 8 arrobas por mar em uma viagem de 30 horas em tempo favoravel? Suppondo um consumo regular, muito pouco podem augmentar de preço as mercadorias enviadas a Belmonte por uma ou mais casas fortes d'esta praça, principalmente se alli se quizer estabelecer um ou mais depositos como naturalmente ha de vir a acontecer.

Se pois todas as vantagens são em favor do commercio do Norte de Minas pelo Gequitinhonha, se he lei invariavel e rigorosa que o commercio não deixa o melhor caminho para seguir o que se oppõe evidentemente aos seus interesses, como he que este se tem todo encaminhado para o Rio de Janeiro, deixando ao Gequitinhonha sómente a importação do sal, que he genero de insignificante valor? *Les entraves*, diz Baptista Say, *compriment l'essor de la production; le défaut sûreté la supprime tout à fait*. A falta de segurança da pessoa e da propriedade he a unica causa que explica o desvio para o Rio de Janeiro de todo o commercio que naturalmente pertence ao Gequitinhonha. Esta falta de segurança vêm 1.º de embaraços naturaes inherentes ao leito do rio e de sua barra; 2.º de não haver uma lei ou regulamento que determine bem claramente os direitos dos canoeiros, assim como os dos donos ou conductores de carga; 3.º da impunidade absoluta de todos os crimes alli commettidos por falta de uma força que auxilie as auc-

thoridades, já na repressão dos mesmos crimes, já na protecção dos direitos de propriedade.

O rio de pedras do Gequitinhonha muito navegavel como vimos oppõe com tudo algumas difficuldades; grandes despesas demandaria o melhoramento que o tornasse inteiramente commo como o rio d'areia; mas felizmente o perigo de sua navegação vêm pela maior parte de embarços de facil remoção. Não he na cachoeira do inferno, nem em outras pequenas pancadas que obrigaõ ao descarrego que se podem perder canoas carregadas; estas difficuldades são inteiramente annulladas com uma pequena despesa de tempo: as pedras isoladas, muitas vezes soltas, que, occupando o alveo de um canal, obrigaõ as canoas, tocadas de forte correntesa, isto he, no momento em que o seo governo he mais difficil, a fazer um rapido desvio, são os escolhos onde quasi sempre estas naufragaõ. A celebre pedra alli conhecida com o nome de *Marahá* onde se contaõ perdidas onze canoas, está n'este caso.

Remover ou destruir estas pedras e outras que muitas vezes obstruem completamente um excellente canal; determinar os canaes mais commodos tanto para a subida como para a descida, nos differentes estados das agoas do rio; melhorar os varadouros, principalmente o do Salto, cuja estrada hoje praticada por animaes de carga he susceptivel de se tornar praticavel por carros; são os objectos que têm de occupar primeiro que tudo a attenção do Governo no que diz respeito ao melhoramento do leito do Rio Gequitinhonha.

A barra de Belmonte, já o dissemos, he um dos maiores embarços da navegação d'aquelle rio, e justamente um d'aquelles que o Governo póde, não direi fazer desaparecer de todo, porém minorar consideravelmente. Quem não vê que

um bom pratico convenientemente pago e muni-
do dos necessarios meios, como por exemplo,
uma atalaia d'onde possa fazer signal ás embar-
cações da direcção actual do canal, e mesmo uma
pequena lancha onde possa sair a tomar fóra as
embarcações quando as difficuldades da occasião
o exigirem, tornará quasi insensivel este obsta-
culo para o commercio?

Mas não parão aqui os recursos que ficam a
uma administração que deseje cuidar dos verda-
deiros interesses materiaes d'aquella parte do Sul
da Provincia: a propria natureza os facilita. A
distancia que separa as agoas de Belmonte das
do Rio Pardo não chega a uma legoa, como V.
Ex. verá do mappa especial d'aquella parte (linha
encarnada): um canal não, um simples rego
aberto n'este terreno baixo e arenoso bastaria
para pôl-as em relação de communicação. A
propria maré se encarregaria de o alimentar e
entreter, e a despesa não subiria a dez contos
de réis. D'esta sorte as barras de Canavieiras e
de Patype pertencerão igualmente a Belmonte,
e a povoação de Canavieiras participará do com-
mercio de Gequitinhonha.

Ainda mais nos offerece a natureza. As agoas
de Patype separão-se das de Poxim pela distancia
insignificante de 90 a 100 braças no lugar deno-
minado *Porto do Mato* (linha encarnada), ou 1,160
braças junto da costa.

Com estas simples aberturas a povoação e
todo o Rio Belmonte ou Gequitinhonha, Canavi-
eiras e todo o Rio Pardo, ficaraõ gosando de seis
barras, que são, a contar do Sul: 1.ª a de Bel-
monte que não he boa; 2.ª a do Pezo que he
insignificante e apenas dá entrada a canoas; 3.ª a
de Canavieiras que passa por muito boa; 4.ª a de
Patype que lhe he inferior; 5.ª a de Poxim que

naõ he má : 6.ª a de Comandatuba que gosa de boa reputação.

A remoção da segunda origem dos vexames do commercio do Gequitinhonha está inteiramente nas mãos do Governo. As relações entre canoeiros e patrões ou donos de cargas são um complexo de desmanchos cada qual mais extravagante. Principia pelo proposito constante em que vivem de se enganar uns aos outros: o regatão ou conductor de carga avança generos em conta de valor exorbitante, o canoeiro obrigado pela necessidade os aceita, e em represalia exagera inutilmente as condições de seo serviço: e, o que he peor, como a responsabilidade he nenhuma, pouco lhes custa por vingança alagar uma canõa. Naõ ha canoeiro que naõ deva aos patrões cem, duzentos e até quatrocentos mil rs. Naõ ha para esta gente respeito nem aos tratos nem as pessoas: uma canõa só sabe quaes são os individuos que compõe a sua guarnição depois que se põe em marcha; ainda assim naõ he seguro, porque nada custa a um individuo d'estes abandonar uma canõa em viagem por qualquer divertimento que encontre em alguma povoação ou sítio do caminho, ou mesmo porque algum outro regatão lhe offereça maior vantagem.

O patraõ ou dono de carga naõ tem voz activa na viagem; a certeza do que lhe podem fazer impunemente á sua pessoa e a sua pequena propriedade, torna-o um humilde espectador dos desregramentos dos canoeiros. Estes, quando lhes parece, falhaõ um dia, porque enfim estão com pouca disposição para o trabalho; deixão a carga descoberta ao tempo, e muitissimas vezes, só para evitar a pena do descarrego, mettem uma canõa carregada em alguma das pancadas que naõ dispensaõ esta operação; d'onde vêm frequentes perdas.

Um regulamento que determine os canaes mais convenientes por onde devem seguir as canoas, e os pontos de descarrego forçado, tudo segundo as differentes condições d'agoas em que se ache o rio; que marque as obrigações dos canoeiros para com seos patrões, e vice-versa, &c.; he uma das necessidades mais urgentes á navegação do Gequitinhonha.

Este regulamento porém se tornará inteiramente sem effeito, se o Governo, principalmente, o de Minas, não tratar antes de tudo de destruir a terceira fonte de embaraços que alli vexão tanto o commercio como a população. Nas povoações do Gequitinhonha, principalmente no Salto é em São Miguel, a segurança individual está sómente ou na força physica do individuo, ou na agilidade com que sabe manejar seo bacamarte e evitar o do adversario, ou finalmente na humildade com que se dispõe a soffrer toda a sorte de violencias dos malleitores. O bacamarte e a faca são aqui o distinctivo do homem respeitavel; não se põe pé fóra da porta de noite, que não seja armado de ambos estes instrumentos. Dão-se tiros e facadas, viola-se o asylo do cidadão, insulta-se o mais sagrado das familias, e os criminosos folgaõ e passeiaõ impunes diante das authoridades a quem falta a força com que se fação respeitar, soffrendo aquelles unicamente a privação de descêrem até Belmonte, onde encontram um Delegado e um Subdelegado que os vão recrutando como unico recurso em desagravo ás leis. Com effeito, sem a energia dos Srs. Dr. Antonio Gomes Villaza e Candido José de Souza, Delegado e Subdelegado de policia de Belmonte, os quaes com a pequena força de que dispõe não poupaõ os que, recommendados pelas authoridades de Minas, se descuidão em descer até alli, não sei se a anarchia dos canoeiros do Gequti-

nhonha não chegaria até o exterminio da população!

A estrada lateral do Gequitinhonha continuada do Salto a Belmonte seria um poderoso auxilio ao commercio do rio, principalmente durante o tempo das cheias, em que a navegação para cima fica inteiramente parada; mas não he negocio de primeira urgencia.

Até aqui as necessidades urgentes do Gequitinhonha como principal via de comunicação entre as duas Províncias; vejamos agora o que precisamos para o melhoramento das nossas povoações mais ao Sul. Ainda aqui vem em nosso socorro o Gequitinhonha. Um nucleo de povoação no ponto mais alto da parte navegavel do Rio de Alcobaça; uma estrada ligando este ponto a São Miguel, e ramificações partidas d'elle aos pontos superiores da navegabilidade dos rios Peruhipe, do Prado, e de Porto Seguro; um canal de facil execução, communicando as agoas do rio de Alcobaça com as do rio da Serraria de Caravellas; formão o segundo passo importante que, a meo vêr, pôde dar uma administração em favor das nossas povoações do Sul.

Quanto aos meios de execução muito se pôde discutir antes de chegar ao melhor accordo; mas um forte destacamento composto de gente do centro habituada ao trabalho, e não de vadios das cidades e pescadores da côsta, como a que compunha a celebre colonia do Mucury, pôde formar o seo estabelecimento no ponto central que marquei no rio de Alcobaça, com o fim de fundar o nucleo de uma Colonia, occupando-se parte na cultura das provisões a consumir, parte em abrir a estrada principal ao arraial de S. Miguel e as ramificações indicadas, e na policia das mesmas estradas contra os ataques dos selvagens. Um outro destacamento importante na Cachoeirinha com o mesmo fim de formar o principio de uma

colônia, abrir a estrada lateral do Salto a Belmonte, trabalhar no melhoramento do leito do rio de pedras e fazer a policia entre o Salto e Belmonte. Quanto á Provincia de Minas torna-se mais urgente um igual destacamento collocado em S. Miguel com o fim de fornecer trabalhadores para o melhoramento do rio, fazer a policia entre o Salto e o Calháo, e ajudar a da estrada de Alcobaça, assim como ao mesmo trabalho da abertura; sendo ao mesmo tempo um meio de animar e fazer progredir o commercio e população d'aquelle arraial.

Eis em resumo o que me pârêceo mais simples e ao mesmo tempo mais proficuo no intuito de melhorar a sorte futura de nossas povoações do Sul. V. Ex. concebe que cada uma d'estas indicações he susceptivel de muito desenvolvimento; mas, não tendo ellas por fim senão fazerem o complemento ás minhas informações, ajuntando-lhes alguma claresa, julguei que seriam aqui mal cabidos quaesquer pormenores; muito mais quando estou persuadido que á illustração d'aquelles que têm de providenciar sobre os interesses materiaes da Provincia, só faltão os dados do problema dos melhoramentos a se fazerem, para chegar á sua justa solução.

Deus guarde a V. Ex.

Bahia, 10 de Fevereiro de 1851.

Ill.^{mo} e Ex.^{ma} Sr. Conselheiro Presidente da Provincia.

Innocencio Velloso Pederneiras,

Capitão do I. C. de Engenheiros, Chefe da Commissão de Exploração do Mucury e Gequinhonha.

A igreja da Ajuda

Foi esta a primeira igreja edificada na cidade.

O chronista Simão de Vasconcellos, no seu primeiro livro da chronica da Companhia de Jesus, pagina 22, § 46 conta que no mez de Abril de 1549, o governador, que então era Thomé de Souza, mudou-se para o sitio que tinha demarcado e que distava mais ou menos meia legua da Villa Velha.

Ahi fundou a cidade do Salvador e *foi força mudarem-se tambem os religiosos e no mesmo tempo em que os moradores edificavam casas, fazer as suas e igreja, no lugar onde hoje se vê a de Nossa Senhora da Ajuda, invocação que então lhe puzeram e foi a primeira que no Brazil teve a Companhia.*

Sem outros recursos mais do que os proprios, construíram elles as casas e o templo com as proprias mãos, pois ainda que quizessem os moradores ajudal-os não podiam pela obrigação em que estavam não só de construirem as casas, alinharem as ruas, como tambem de cercarem a cidade para a defeza contra o gentio.

As casas e o templo primitivo eram de taipa, cobertos de palha, por isso iam elles ao mato que lhes ficava perto, cortavam madeiras e conduziam-n'as ás costas; cavavam o barro para as paredes, e como não tinham meios para o sustento da vida eram forçados a pedir de porta em porta o que haviam de comer e tiravam muito

pouco por causa da grande escassez que então havia.

A lenha para o fogo e a agua para as necessidades da vida iam elles mesmos buscal-as *para o que andavam á ligeira em corpo; que não havia entre tanta pobreza tratar de veste ou mantêo; e talvez nem sapatos nem camisa.*

Feitas as casas e o templo, principiaram os exercicios espirituaes até que, chegando no dia 1.º de Janeiro de 1552 o Bispo D. Pedro Fernandes Sardinha com o seu cabido, lhe entregaram as casas e a egreja de Nossa Senhora da Ajuda, que com tantas fadigas tinham construido e foram assentar nova habitação fóra da cidade sobre um monte que era appellidado *Monte Calvario*, onde hoje se vê a egreja e convento do Carmo.

Ahi construíram os jesuitas um pequeno hospicio (diz Accioli) junto á pequena ermida que já existia sob a invocação de Nossa Senhora da Penha.

O receio continuo de serem atacados pelos indios os obrigou a se conservarem dentro dos muros da cidade; edificando outro hospicio no mesmo sitio onde mais tarde levantaram o sumptuoso templo e o grande Collegio da Companhia de Jesus em frente á esplanada que se ficou chamando *Terreiro de Jesus*, e onde se acha actualmente a Sé Archiepiscopal.

Convém notar aqui que a nomeação e confirmação do Bispo precedeu de quatro annos a criação do bispado!

D. Pedro Fernandes Sardinha, sendo confirmado Bispo em 1551, tomou posse no anno seguinte, e a bulla—*Super specula militantis Ecclesie*—do pontífice Julio III, creando, a instancias de el-rei D. João III, o primeiro bispado do Brazil—só foi expedida em 1555.

Sem embargo, esta é a verdade deste facto e suas circumstancias, diz monsenhor Pizarro,

em suas memorias, que nunca poudes obter a menor noticia que destruísse as suas conjecturas.

Mas voltemos á egreja de Nossa Senhora da Ajuda.

Gabriel Soares em seu « Roteiro do Brazil » (1571—1578) publicado pelo « Instituto Historico », tomo XV da Revista, pagina 122, capitulo XI, diz fallando da cidade do Salvador.

« Tornados á praça, pondo o rosto no sul, corre outra rua muito povoada de moradores, no cabo da qual está uma ermida de Santa Luzia, onde está uma estancia com artilharia. E ao longo desta rua lhe fica outra muito bem assentada tambem toda povoada de lojas, e no topo d'ella está uma formosa egreja de Nossa Senhora da Ajuda com sua capella de abobada; no qual sitio, no principio desta cidade esteve a Sé. »

D'ahi se conclue que em breve tempo o Bispo e os moradores construíram um templo de pedra e cal no mesmo logar e com a mesma fórma que o primitivo templo de palha e taipa.

Faz-se necessaria aqui uma pequena explicação.

A ermida de Santa Luzia, diz Mello Moraes na sua chronica Geral do Brazil, foi construida nos primeiros tempos da fundação da cidade da Bahia e achava-se no logar do actual theatro S. João.

Por alvará de 14 de Janeiro 1807 foi incorporada a egreja da Ajuda aos proprios nacionaes e por decreto de 10 de Fevereiro de 1827 foi doada á irmandade do Senhor dos Passos, doação confirmada pela resolução da Assembleia Geral Legislativa n. 519 de 12 de Fevereiro do mesmo anno, e Carta Imperial de 20 de Fevereiro de 1850.

EXTERIOR

O templo tem a fórma triangular e acha-se entre as ruas: do Collegio, de S. Francisco, (esta

rua foi chamada do Padre Gonçalo e depois do Pão de Lot) e a praça da Ajuda.

E' uma egreja de gosto antigo com porta principal e duas lateraes, (antigamente eram duas janellas guarneçadas de balaustres de ferro) tres janellas envidraçadas no côro e uma guarnição em forma de S S italicos que de cada lado caminham para cima da soleira do telhado até prenderem a cruz.

Ao lado esquerdo existe a pequena torre formada por uma grossa parede onde estão dois sinos, com um frontispicio ornado com dois S S italicos prendendo uma cruz.

Em continuação á parede exterior está a casa do fiel com porta de entrada e janella com grade de ferro e mais duas correspondentes no pavimento superior, que se communica com o côro.

A face do templo que dá para a rua de S. Francisco tem seis oculos que correspondem a outras tantas janellas envidraçadas do pavimento superior; do lado da rua do Collegio existem tres janellas envidraçadas, duas pequenas com varões de ferro, uma alta porta com arco e uma janella com varões de ferro.

INTERIOR

Tem a egreja da Ajuda no seu interior uma capella, funda, do lado esquerdo de quem entra, onde está a Imagem do Senhor dos Passos.

Esta imagem é uma obra prima, de tamanho natural e perfeitissima, ricamente ornada, e o andor é todo chapeado de prata.

Dizem que antigamente pertencia esta imagem ao Convento dos Religiosos do Carmo, a qual fôra depositada na egreja da Ajuda em consequencia dos concertos que estavam fazendo naquelle Convento.

Não querendo a irmandade dos Passos restitui-la houve renhidas contendas e demanda entre os religiosos e a dita irmandade.

E' tradição antiga que, querendo uma vez os frades do Carmo apoderar-se da imagem quando a procissão passava pela Baixa dos Sapateiros, apparecera uma nuvem tão serrada de mosquitos entre a procissão e os frades que estes, reconhecendo o milagre, desistiram da empreza e deixaram a procissão seguir.

Perto da sagrada imagem existe um cravo, que dizem veio de Roma, com o mesmo tamanho e forma dos que os Phariseus cravaram nas mãos e pés do Redemptor.

Em seguida está o pulpito, porém não é o mesmo onde o grande padre Antonio Vieira pregou o inimitavel sermão contra as armas da Hollanda.

Junto ao arco do cruzeiro existem dois altares que antigamente não estavam nos cantos, mas sim ao lado.

No altar do lado esquerdo está a imagem do Senhor da Redempção. Esta imagem é antiga e do primitivo templo. Embaixo e dentro do nicho se venera a imagem de Nossa Senhora da Boa Nova.

O altar do lado direito pertence ao Senhor Bom Jesus dos Milagres.

Esteve esta imagem sempre na egreja da Ajuda e em 1824 foi entregue á irmandade do Senhor dos Passos.

Em 1842, tendo sido reformado o compromisso d'esta irmandade, ficou ella na obrigação de velar na conservação das imagens, fazer inventariar suas alfaías, finalmente tomar conhecimento de todas as esmolas.

A imagem do Senhor dos Milagres era uma das collocadas na egreja da Ajuda, que não tinha confraria, e, sendo o Tenente-Coronel José Pereira

de Castro o devoto que guardava as alfaías d'esta imagem, a irmandade houve de exigir que elle dêsse a inventario as joias e alfaías do Senhor dos Milagres, ainda que de novo as levasse em guarda.

Não quiz o tenente-coronel prestar-se a fazer inventario, indispoz-se com a irmandade e desde então concedeu o projecto de privar a egreja da Ajuda da dita imagem.

N'este entretanto succedeu que a irmandade mandasse fazer de novo os altares lateraes, em um dos quaes achava-se a imagem do Senhor dos Milagres, e portanto foi preciso retiral-a. Aproveitando-se d'esta occurrencia, o tenente-coronel pediu em confiança a imagem a pretexto de mandal-a incarnar; e o procurador, não obstante a repugnancia da mesa, lh'a confiou sob palavra de que, concluida a obra, regressaria para o seu antigo altar.

Recebeu elle a imagem; mas, acabada a obra, rogado e instado para restituil-a, com abuso da boa fé e confiança do procurador, negou-se absolutamente á restituição, que veio a ter logar quando o chefe de policia, por queixa da irmandade e mais ainda pelo alvoroço dos devotos e clamor publico, ordenou que restituisse a imagem, o que fez o tenente-coronel, porém guardando as alfaías e entregando a imagem completamente nua.

No altar-mór está collocada a imagem de Nossa Senhora da Ajuda, que é a do primeiro templo: em um nicho ao lado direito está a imagem de Santo Antonio e a esquerda S. Gonçalo.

Por baixo do altar-mór está a imagem do Senhor Morto, de estatura maior que a do homem e de rara perfeição.

Existem oito tribunas, sendo seis no corpo da egreja e duas no altar-mór.

O interior do templo está todo reformado; da antiga Sé existem os azulejos, a porta da frente, a do presbyterio, os dois confissionarios, a lampada de prata e a pia; acima d'esta encontra-se a seguinte inscripção :



que quer dizer — *Jesus Hominis Salvator* — distinctivo ou brasão d'armas dos jesuitas.

Por baixo do ladrilho existem varias sepulturas, porém achamos poucas inscripções; a mais notavel é a que se acha na capella-mór, onde se lê :

Sepultura do Coronel Domingos José de Carvalho e seus parentes que esta irmandade lhe designou pelos muitos beneficios que sempre lhe fez seu bemfeitor, actual anno de 1796.

Os quadros que representam a paixão de Jesus Christo e que adornam as paredes da igreja são do pintor J. Rodrigues Neves (1855); os do primitivo templo estragaram-se completamente.

O corredor e o forro da sacristia são os mesmos do templo primitivo; os ornamentos d'esta parte da igreja foram feitos com as taboas do forro da igreja.

O lavatorio, obra prima de marmore, é antigo e pertenceu ao templo primitivo.

Nada mais encontramos digno de menção sobre esta igreja que muitos annos serviu de matriz.

As abelhas sociaes indigenas do Brazil

Illm. e Exm. Sr. Presidente do Instituto Geographico e Historico da Bahia.

Venho de concluir um estudo que comecei, ha 22 annos, no Rio Grande do Sul, sobre a biologia das abelhas da familia das meliponidas, assumpto até agora insufficientemente conhecido.

Os meus estudos se referem, especialmente, ás especies do estado de S. Paulo, e o fim destas poucas linhas é ver si, por intermedio do «Instituto Geographico e Historico da Bahia», consigo arranjar um ou outro collaborador, no interior deste e de outros estados, afim de completar as minhas investigações.

O motivo deste meu proceder é especialmente o facto de ter sido publicado um excellente artigo, sobre as abelhas do Rio de Janeiro, pelo incansavel naturalista, o sabio Dr. Theodoro Peckolt artigo que, entretanto, necessita modificações, na parte systematica, isto é, na determinação das especies classificadas.

Não obstante a competencia do Sr. F. Smith, a quem o Sr. Dr. Peckolt mandou as abelhas corrigidas, deram-se numerosos enganos, de modo que a abelha que Peckolt denominou—jatahy—, em verdade, é a mandasaia, e vice-versa.

Já comecei a estudar as abelhas do estado do Rio de Janeiro, mandando o naturalista viajante deste museu, Sr. Ernesto Garbe, a Petropolis, onde, auxiliado pelo illustre entomologista Sr. Joseph G. Foetterle, conseguiu reunir singular colleção de abelhas, trazendo vivos diversos ninhos.

Sendo grande, entretanto, o numero das especies que não conheço, preciso começar novamente com o assumpto, o que será possível sómente por

intermedio de pessoas que liguem interesse á natureza do paiz e que não só me forneçam as abelhas, mas também informações sobre o seu modo de viver e os nomes triviaes sob os quaes sejam conhecidas.

Desejo de cada especie 50 ou 60 abelhas, conservadas em um vidro com alcool, como também a porta do ninho ou o pedaço do tronco da arvore que o contiver. Só os ninhos construidos livres, como os de Iraxim, Irapuá, Cupira, etc., é necessario mandal-os completos, guardando-os num sacco acondicionado em um caixão.

Excusado será dizer que me offereço a restituir as respectivas despesas de transporte, etc.

Estas abelhas pertencem a dois generos. O primeiro delles, *Melipona*, encerra as especies maiores e mais bonitas, as que são de maior utilidade e mansas. As azas têm o comprimento do abdomen; a entrada do ninho é feita de barro, como também o batumen, o septo, que fórma em baixo e em cima o limite do ninho, separando-o do resto da cavidade da arvore.

Pertencem a este género as abelhas denominadas mandasaia, gurupú, mandorim, tujuva, urussú e outras.

Quanto ao segundo genero, denominado *Trigona*, contrasta singularmente com os precedentes, pela grande variabilidade dos seus costumes e ninhos.

Certo numero de especies constróem os seus ninhos ao ar livre, como já anteriormente tenho explicado, sendo, entretanto, as respectivas especies do Rio de Janeiro, Bahia e outros estados pouco conhecidas, como por exemplo: as que são denominadas—xupé ou jatahy, bocca de sapo e a tubi, ou jatahy da terra.

Parece-me que ha algumas especies, entre as que constróem os ninhos no chão, que fazem a casca do ninho de barro, como a — cupira e a mombuca — mirim.

Do ninho desta ultima, diz Peckolt, que das bolas de argilla que tem lateralmente a sua entrada se acham, ás vezes, tres ou quatro, uma em baixo da outra, sendo provavel que cada uma represente uma colonia independente e munida de rainha, ou abelha mestra. Seria-me summamente interessante examinar estes ninhos, devendo para fins de remessa cada bola ser embrulhada separadamente.

O Dr. Peckolt publica ainda os seguintes nomes de abelhas, que não conseguiu obter: marmelada branca—, póra—, mondaquira,—sete portas—, iratin—, cabiguará—, preguiçosa—, bate chapéo—, bejui ou migui,—tubi bravo ou bocca rasa—, bocca de barro—, atakira—, oariti—, coníara e abelha de cachorro.

E' provavel, entretanto, que entre as abelhas examinadas por Peckolt haja varias, que não sejam exactamente denominadas; assim por exemplo, julgo singular que a abelha tatuira seja mansa, quando o nome — mel de fogo — faz suppor que a abelha seja a mesma que geralmente é conhecida sob o nome de caga-fogo.

Um grupo interessante de abelhas é o das que assaltam outros ninhos, matando as abelhas e roubando o mel.

No estado de S. Paulo conheço até agora destas abelhas *bandidas* as seguintes: tujumirim (*Trigona dorsalis*) que constróe na porta um funil largo de cêra molle; tubuna (*Trigona bipunctata*) cujo tubo de entrada, em forma de funil, feito de massa dura e escura, attinge o comprimento de 15 a 20 centim.; abelha limão (*Trigona limas*) cujo tubo colossal é por fóra munido de numerosas e pequenas protuberancias.

Tenho guardado no museu um destes tubos de tujumirim, que é collocado em cima da porta característica de uma mandasaia, prova de que

esta abelha matou a mandasaia e tomou conta da sua casa.

Outro facto singular, por mim observado, é que a *Trigona fulviventris*, denominada aqui—mel de cachorro, vive em uma singular symbiose com *Termitidas*, sendo o ninho da abelha por fóra coberto de cupim.

Provavelmente o mesmo facto se dará também no estado da Bahia. Observo, entretanto, que não conheço o nome indigena desta abelha, que, algum tempo, suppuz ser o de—cupira.

Mais tarde verifiquei que a cupira em S. Paulo constróe o seu ninho em arbustos, sendo elle notavel pela larga abertura de entrada, feita de barro, em forma de uma bocca aberta. Estes ninhos assemelham-se aos cupins, o que justifica perfeitamente o nome indigena de cupira, ou mel de cupim.

Falta-me aqui mais minuciosidades, mas não posso deixar de mencionar, a descoberta de que as rainhas só no genero *Trigona* nascem em cellulas reaes, grandes como as do genero *Apis*, quando no genero *Melipona* se desenvolvem em cellulas ordinarias, de modo que a rainha nova é do mesmo tamanho ou até um pouco menor que a obreira.

Este facto é tão pouco esperado que já causou graves erros, induzindo, por exemplo, o grande mestre da investigação biologica, Fritz Muller, a suppór que essas rainhas novas sejam abelhas parasitas.

Desejo mencionar, afinal, que um pequeno grupo de especies de *Trigona* (mosquito jatahy, etc.) constroem á porta um pequeno tubo de cera branca, que de noite fecham.

Não duvido que muito vale estender estes estudos também sobre outros estados do Brasil, não só porque serão descobertos muitos factos novos, mas também porque será possível successiva-

mente reunir pequenos grupos concordantes em sua biologia, afim de dar uma base solida á disposição systematica das numerosas especies em parte muito semelhantes entre si.

E' esta a razão por que os numerosos dados constantes da literatura não têm valor, sendo este o motivo por que, por minha parte, desejo todas as informações, acompanhadas das abelhas a que se referirem.

Deixando de tratar nesta occasião de minhas experiencias na apicultura das meliponidas, espero que me será dado voltar novamente ao assumpto, esclarecendo-o por meio de novas e interessantes observações.

Quanto ás especies da Bahia, já varias vezes algumas dellas foram remetidas á Europa. Era especialmente um apicultor intelligente, francez, Sr. Drory, em Bordeaux, que, por algum tempo, creou algumas especies dellas, especialmente a urussú, e publicou diversas noticias sobre as suas observações. Estas, entretanto, precisam de novo exame visto que as especies observadas em parte não foram exactamente classificadas.

Seria, nestas condições, muito conveniente examinar de novo e de modo mais completo, as abelhas sociaes do estado da Bahia, sempre com referencia aos seus nomes indigenas e ao seu valor economico.

S. Paulo, 8-9-902.

H. VON IHERING.

A Bahia no Senado do Imperio

Sob o titulo «A Bahia no Senado do Imperio» o nosso digno consocio o Exm. Sr. Barão de S. Francisco, enviou para o *Diario da Bahia* minuciosa noticia, que pedimos venia para transcrever, julgando-a de interesse historico.

Illustre sr. dr. redactor—Apropinquando-se as eleições de um senador e 22 deputados federaes, as quaes se vão proceder no dia 28 de dezembro proximo; e a do terço do Senado,—e dos 42 deputados estaduaes, que se deverá realizar na 1.^a dominga de novembro, parece-me de oportunidade relembrar á Bahia, os nomes illustres dos que muito dignamente a representaram no Senado do Imperio desde sua primeira organização que foi vasada no decreto do Senhor D. Pedro I, de 22 de Janeiro de 1826.

Nessa quadra inolvidavel, foram eleitos e escolhidos Bahianos, que, se póde affirmar, figuraram com o maior lustre no seio da nascente corporação, que constituiu-se com 50 pares, e a qual mereceu ser denominada areopago politico do Brasil.

Como se fez na terceira Republica Francesa em 1885, erga-se entre nós um Pantheon consagrado ao culto dos benemeritos da Patria, que por seu notavel civismo, e pelos bons principios em que se inspiraram, souberam, nas differentes crises por que passámos, assignalar-se gloriosamente, assim na imprensa, como, e especialmente, na tribuna do que nos dão hoje fiel testemunho

os preciosos annaes do ex-parlamento brasileiro, que tanto praz compulsar aos que comprehendem a importancia e a necessidade do conhecimento da historia nacional.

Rogo, pois, á illustre redacção do *Diário* a inserção em suas columnas das notas que, com indisível prazer, lhe envio. — Bahia, 20 de setembro de 1902. — *Barão de S. Francisco*.

A BAHIA NO SENADO DO IMPERIO

Tendo-se, nas varias provincias do ex-Imperio, feito as eleições senatorias conjunctamente para todas as cadeiras que, segundo o numero de seus deputados, a cada uma dellas tocaria na futura corporação vitalicia, e, na forma da Constituição de 25 de março de 1823, por listas de 3 nomes sobre cada logar, por decreto de 22 de janeiro de 1826, o senhor d. Pedro I fez a escolha dos que deveriam definitivamente formar o Senado.

Pela antiga Provincia hoje Estado da Bahia, foram nomeados dentre os 18 nomes apresentados á escolha imperial os seguintes:

Francisco Carneiro de Campos, José Joaquim Carneiro de Campos (depois Marquez de Caravellas), Luiz José de Carvalho e Mello (depois visconde da Cachoeira), José da Silva Lisboa (depois visconde de Cayrú), Domingos Borges de Barros (depois visconde da Pedra Branca) e Clemente Ferreira França (depois marquez de Nazareth); os outros doze cidadãos, cujos nomes entraram na lista para perfazer o total dos dezoito eleitos foram: o marquez de Santo Amaro, Manoel Ferreira da Camara Bittencourt Sá, Dr. Antonio Ferreira França, desembargador Antonio Augusto da Silva, Alexandre Gomes Ferrão, capitão-mór Joaquim Ignacio de Siqueira Bulcão

(depois 1.^o barão de S. Francisco), desembargador Antonio da Silva Telles, padre Francisco Agostinho Gomes, commendador Pedro Rodrigues Bandeira, brigadeiro Domingos Alves Branco Moniz Barretto, Pedro Marcos Antonio de Souza (depois bispo do Maranhão) e conego José Ribeiro Soares da Rocha.

Por essa ocasião, succedendo que diversos cidadãos, que entraram na lista da Bahia, fossem também contemplados nas de outras Províncias, foram escolhidos por Pernambuco o marquez de Inhambupe, Antonio Luiz Pereira da Cunha; por Alagoas, o marquez de Barbacena, que era filho de Minas Geraes, Felisberto Caldeira Brant Pontes; por Pernambuco o magistrado Antonio José Duarte de Araujo Gondim; e pelo Pará o barão de Itapoan—José Joaquim Nabuco de Araujo.

Dos escolhidos da Bahia, o primeiro que falleceu foi o visconde de Cachoeira—Luiz José de Carvalho e Mello, á 6 de junho do mesmo anno, não tendo mesmo chegado a tomar assento no Senado.

Seguiram-se-lhe no tumulo, o marquez de Nazareth, em 11 de março de 1827. O visconde de Cayrú em 20 de agosto de 1835. O marquez de Caravellas em 8 de setembro de 1836, Francisco Carneiro de Campos, em 8 de dezembro de 1842. O visconde da Pedra Branca, que falleceu em 20 de março de 1855, foi o ultimo dos senadores bahianos da primitiva organização do Senado.

..

A primeira cadeira, a do marquez de Caravellas, teve apenas dois successores: Manoel Alves Branco, depois visconde de Caravellas, nomeado em 13 de junho de 1837 e fallecido em 13 de julho de 1855; e João Mauricio Wanderley, depois barão de Cotegipe, nomeado em 1.^o de

maio de 1856 e fallecido em 13 de Fevereiro de 1887.

A segunda cadeira, a do visconde da Cachoeira, que, como dissemos, não foi por elle occupada, teve por successor o magistrado Luiz Joaquim duque Estrada Furtado de Mendonça, nomeado em 11 de maio de 1827 e fallecido em 28 de novembro de 1834; por Manoel dos Santos Martins Vallasques, desde 18 de agosto de 1835 a 21 de novembro de 1862; por Zacharias de Góes e Vasconcellos, de 10 de fevereiro de 1864 a 28 de dezembro de 1877; por Manoel Pinto de Souza Dantas, nomeado em 19 de outubro de 1878 e fallecido em 29 de janeiro de 1894.

A terceira cadeira, a do marquez de Nazareth, vaga em 1827, foi occupada pelo visconde do Rio Vermelho, de 3 de novembro de 1827 a 13 de janeiro de 1850; pelo visconde de S. Lourenço, de 1º de maio de 1851 a 10 de setembro de 1872; por João José de Oliveira Junqueira, de 1º de março de 1873 a 8 de novembro de 1887; finalmente pelo barão de Pereira Franco que, tendo sido nomeado a 30 de abril de 1888, foi seu proprietario até a queda do Imperio, fallecendo a 20 de janeiro do corrente anno de 1902.

A quarta cadeira, a do visconde de Cayrú, fallecido em 1835, tem os seguintes occupadores: Cassiano Esperidião de Mello e Mattos, de 23 de maio de 1836 a 5 de julho de 1857; José Thomaz Nabuco de Araujo, de 26 de maio de 1858 a 19 de março de 1878; e Pedro Leão Velloso, nomeado em 19 de outubro de 1878, ao qual pertenceu até a queda do Imperio.

Falleceu este senador em 2 de Março do corrente anno.

Para a quinta cadeira, a do Visconde da Pedra Branca, fallecido em 1855, foram nomeados: em 1º de Maio de 1856 Angelo Moniz da Silva Ferraz, Barão de Uruguayana, fallecido em 19 de Janeiro

de 1867; e José Antonio Saraiva, em 12 de Outubro de 1867. Este que sobreviveu ao imperio, falleceu a 21 de Julho de 1895.

A sexta cadeira, a de Francisco Carneiro de Campos, fallecido em 1842, successivamente foi occupada por José Carlos Pereira de Almeida Torres, Visconde de Macahé, de 14 de Junho de 1843 a 25 de Abril de 1850; por Francisco Gê Acayaba de Montesuma, depois Visconde de Gequitinhonha, nomeado em 1.^o de Maio de 1851 e fallecido em 13 de Fevereiro de 1870, e por Joaquim Jeronymo Fernandes da Cunha, nomeado em 4 de Abril de 1871.

A setima cadeira nova, creada em Abril de 1837 foi para ella nomeado senador por carta imperial de 13 de Junho do mesmo anno o magistrado Francisco de Souza Paraizo, que a occupou a 12 de Maio de 1843; por Manoel Antonio Galvão, desde 22 de Fevereiro de 1844 até 24 de Março de 1859; e, desde 1.^o de Maio de 1851, pelo Marquez de Muritiba.

Este, que ainda vivia quando se acabou o periodo imperial, falleceu em 22 de Fevereiro de 1896.

Recapitulemos :

Foram senadores pela Bahia os Srs. : 1.^o Visconde da Cachoeira, 2.^o Marquez de Nazareth, 3.^o Luiz Joaquim Duque Estrada Furtado de Mendonça, 4.^o Visconde de Cayrú, 5.^o Marquez de Caraveilas, 6.^o Francisco Carneiro de Campos, 7.^o Francisco de Souza Paraizo, 8.^o Visconde do Rio Vermelho, 9.^o Manoel Antonio Galvão, 10 Visconde de Macahé, 11 Visconde da Pedra Branca, 12 Manoel Alves Branco, 13 Cassiano Esperidião de Mello Mattos, 14 Manoel dos Santos Martins Vallasques, 15 Barão de Uruguayana, 16 Visconde de S. Lourenço, 17 Barão de Cotegipe, 18 Visconde de Gequitinhonha, 19 Marquez de Muritiba,

20 José Thomaz Nabuco de Araujo, 21 Zacharias de Góes e Vasconcellos, 22 José Antonio Saraiva, 23 Manoel Pinto de Souza Dantas, 24 Pedro Leão Velloso, 25 João José de Oliveira Junqueira, 26 Barão de Pereira Franco.

Os ultimos occupantes das cadeiras do Senado, os que sobrevieram ao Imperio, foram pela ordem dellas da 2.^a, Manoel Pinto de Souza Dantas, da 3.^a, Barão de Pereira Franco, da 4.^a, Pedro Leão Velloso, da 5.^a, José Antonio Saraiva, da 6.^a, Joaquim Fernandes da Cunha, da 7.^a, Marquez de Muritiba.

Por occasião da quêda do Imperio achava-se eleito e escolhido pela corôa o que deveria na 1.^a cadeira succeder ao Barão de Cotegipe, mas não tinha ainda sido reconhecido — pelo Senado.



Dos senadores bahianos trez collaboraram na Constituição Politica de 25 de Março, taes foram os Snrs. Visconde da Cachoeira e Marquezes de Nazareth e de Caravellas. — A respeito deste eminente collaborador da Constituição do Imperio, não posso deixar de transcrever — aqui as seguintes palavras do Dr. J. M. de Macedo em seu *Anno Biographico Brasileiro*:

«Homem de idéas moderadas, liberal de princípios, mas sem ligações de partidos, foi Carneiro de Campos — um dos 10 conselheiros nomeados para redigir a Constituição Politica do Imperio e o principal inspirador dos princípios liberaes que ella firmou.»

Do Conselho de Estado creado pela lei de 23 de Novembro de 1841 fizeram parte os Snrs. Alves Branco, Visconde de Caravellas e os Viscondes de Macahé e Gequitinhonha, Marquez de Muritiba, Galvão, Barão de Uruguayana, Nabuco de Araujo, Souza Dantas e Leão Velloso.

Os Snrs. Zacharias, Cotegipe e Fernandes da Cunha recusam a nomeação com que foram para taes cargos agraciados.

Organisaram ministerios como presidentes de Conselho, que é instituição de 1847, os Snrs. Viscondes de Caravellas e de Macahé, Barão de Uruguayana, Zacharias de Góes (3 gabinetes), Saraiva (2 gabinetes), Dantas e Cotegipe.

Com excepção dos senadores Martins Vallesques, Rio-Vermelho, Cassiano, Pedra Branca e Souza Paraizo, todos entraram em composições ministeriaes.

Além destes, teria sido Ministro o Snr. Fernandes da Cunha se por mais de uma vez não se tivesse recusado a acceitar os convites que lhe foram dirigidos.

O Marquez de Caravellas fez parte da regencia provisoria eleita em 7 de Abril de 1831.

Dos senadores bahianos sómente entraram em mais de uma lista os seguintes: Cassiano, Galvão, Gequitinhonha, Zacharias, Saraiva e Franco.

Todos os mais foram escolhidos na 1.^a lista, em que foram apresentados á Corôa.



Dos eleitos pela Bahia para membros do Senado brasileiro o que por mais tempo occupou sua cadeira foi o M. de Muritiba, que nella se sentou trinta e oito annos. Seguiu-se-lhe o Barão de Cotegipe, que occupou a sua por 33 annos.

A proposito dessas durações excepcionaes do mandato senatorial, que não se podia obter antes dos quarenta annos, passo a fazer uma ligeira digressão indicando aquelles senadores que, por mais extenso periodo, occuparam suas cadeiras.

O que morreu tendo sido senador por mais tempo foi o Visconde de Suassuna, por Pernam-

buco. Nomeado em 29 de Setembro de 1839 só falleceu em 28 de Janeiro de 1880 — quasi 41 annos depois!

O Snr. senador Souza Queiroz, por S. Paulo —tambem logrou os 41!

E o Snr. Silveira da Mota chegou a completar 36.

Seguem-se o Visconde de Abaeté com 35 e 10 mezes; Marquez de Sapucahy, com 35 e 3 mezes; Duque de Caxias com 34 annos e 8 mezes; Marquez de Olinda com 33; Antonio da Cunha Vasconcellos com 32 annos e 5 mezes; Barão de Pirapama; Marquez de Valença; Nicolau P. de Campos Vergueiro; Joaquim Francisco Vianna com mais de 31; Visconde do Rio-Grande, e Francisco de Paula Pessoa com mais de 30 annos.

Por tanto tempo como muitos de seus pares não logrou occupar a cadeira de senador, Miguel Calmon, depois Visconde e Marquez de Abrantes, que dizia:

É tão bôa a senatoria, que cada um de nós — deve fazer os maiores esforços por conservar a vida afim de gosar por mais tempo das regalias e proventos da privilegiada posição.

Fez parte em 1837 da lista triplice pela Bahia e foi nomeado por carta imperial de 20 de Julho de 1840; senador pelo Ceará, falleceu em 5 de Outubro de 1865, tendo occupado sua cadeira por mais de 25 annos.

Se tivermos tempo occupar-nos-hemos, n'outra occasião dos importantes serviços prestados pela maior parte dos nossos senadores, em quasi sua totalidade homens conspícuos e alguns muito notaveis.



Passamos agora a mencionar os cidadãos, que tendo entrado nas listas triplices ou sextuplas —

pela Bahia enviadas á escolha imperial, não conseguiram ser preferidos aos seus concurrentes.

Vão enumerados na ordem alphabetica:

Alvaro Tiberio de Moncorvo e Lima, Antonio Ladislau de Figueiredo Rocha, Antonio Joaquim Alvares do Amaral, Antonio de Souza Espinola, Barão de Guahy, Caetano Silvestre da Silva, Casemiro de Sena Madureira, Eustaquio Adolpho deMello Mattos, Francisco José Coelho Netto, Frederico Augusto de Almeida, Innocencio Marques de Araujo Góes, Joaquim José Pinheiro de Vasconcellos, João Joaquim da Silva, José Augusto Chaves, João Ferreira de Moura, Salustiano Ferreira Souto, Antonio Carneiro da Rocha: este eleito em lista triplice foi escolhido no ultimo ministerio, que foi o do Visconde de Ouro Preto e teve a Carta Imperial que foi á Commissão de Verificação de Poderes — sem effeito, — porque neste interim foi extincto com o Imperio — o seu Senado.

Bahia, 20 de Setembro de 1902.

BARÃO DE S. FRANCISCO.

POETAS BAHIANOS

Seculo XVIII

VII

Luiz Paulino de Oliveira Pinto da França

Dos poetas bahianos que succederam á *Escola Mineira* e floresceram no ultimo quartel do Seculo XVIII, occupa o primeiro lugar, pela ordem chronologica de seu nascimento, Luiz Paulino de Oliveira Pinto da França.

Nasceu este poeta, na cidade da Bahia, a 3o de Junho de 1761, segundo Pereira da Silva, ou de 1771, segundo o Conego Pinheiro, ou Sacramento Blacke.

A sua decidida vocação para a vida militar, fel o abraçar a carreira das armas, na qual muito se distinguio, sobretudo na guerra peninsular onde foi condecorado com a medalha de ouro da referida guerra.

Diz o seu distincto biographo Innocencio da Silva que Pinto da França valorosamente se bateu com os francezes, chegando á elevada patente de marechal de campo e tendo assento como deputado nas côrtes geraes da constituinte portugueza em 1821, juntando a todas estas honras a de primeiro senhor do morgado de Fonte Nova e as comendas das ordens de Christo e da Conceição de Villa Viçosa, cavalleiro de S. Thiago da Torre e Espada.

A 7 de Setembro de 1822, embarcou em Lisboa, Pinto da França, no brigue *Treze de Maio*, em demanda á barra do Rio de Janeiro, incumbido de

uma missão diplomatica de D. João VI para o general lusitano Ignacio Luiz Madeira de Mello, que não se realisou, e, em 20 de Janeiro de 1824, falleceu tendo-se mallogrado a sua missão.

Pereira da Silva, porém, em sua obra *Varões illustres do Brazil Nos Tempos Coloniaes* assevera que Pinto da França falleceu em Lisboa, no anno de 1826.

Pinto da França foi considerado em seu tempo um distincto poeta; pena é que a maioria de suas poesias ficasse inedita e se perdesse.

Como sonetista, porém, por duas obras primas que d'elle possuímos, não duvidamos collocar-o ao lado de Camões e Bocage e nem julgamos que Claudio Manuel da Costa hesitasse subscrevel-os.

Pensamos como Pinheiro e Pereira da Silva a este respeito, e o proprio Sylvio Romero, que o considera poeta de pouca nomeada, reconhece a superioridade dos dous sonetos.

O primeiro foi recitado pelo auctor em 1808 sobre o tumulo de D. Affonso Henrique, na Egreja de Santa Cruz, em Coimbra, onde se procedeu, por ordem de Junot, ao desarmamento dos regimentos de cavallaria de Chaves e Almeida, occupando n'este ultimo o distincto poeta-guerreiro o posto de capitão.

Ao protesto do soldado indignado, ao grito de indignação do patriota, junta-se a belleza e correccão dos versos, sahindo do conjuncto um dos melhores sonetos escriptos em lingua portugueza.

Se no primeiro soneto sobresahe a indignação do guerreiro, no segundo sente-se a resignação philosophica do christão no ultimo transe de sua perigrinação por este valle de lagrimas.

Duas horas antes de succumbir o desditoso poeta, escreveu-o.

O canto de cysne,—*Ultimo Adeus*,—do poeta marechal é tão digno de nota quanto o soneto feito em idénticas circumstancias por Bocage; nota-se, porém, que Bocage, que era impio, tem palavras de arrependimento reconciliando-se com Deus, Pinto da França, que em sua longa existencia não tem um só acto que desabone a sua crença, é estoico como Zenon no seu ultimo threno.

Além de sonetista era Pinto da França poeta lyrico e suas poesias eroticas, se não tinham o mimo e a belleza das *Lyras* de Gonzaga e dos *Rondós* de Alvarenga, nem por isso deixavam de primar pelo seu lyrismo puro e natural.

De Pinto da França conhecemos as seguintes composições:

Sonetos (quatro)—publicados: o 1.º, em 1808, sobre o tumulo de D. Affonso Henriques, no *Jornal de Coimbra*, n. 22, de Outubro de 1813; o 2.º e o 3.º glosados aos mottes: *De Jano as portas por desgraca abertas e Entre os horrores da malhada guerra*, no dito jornal n. 41, parte 2.º; o ultimo, escripto duas horas antes de expirar, no *Parnaso Brasileiro* de Pereira da Silva, tomo 2.º, pag. 179 e no *Almanach do Rio-Grande do Sul*, para 1901, organizado por Alfredo Ferreira Rodrigues, pag. 202.

—*O Naufragio*: poesia—no *Parnaso Brasileiro* de Pereira da Silva, pags. 176 a 177.

—*Commodidades* que o marechal de campo graduado, etc., offerece de uma feira nas terras de seu engenho, denominado Aramaris e a que se refere o decreto de 9 de Agosto de 1819. Rio de Janeiro, 1819, 6 pags. in folio.

Occuparam-se com este poeta: Pereira da Silva, Conego Pinheiro, Innocencio da Silva, Mello Moraes Filho, Januario Barbosa, Varnhagen, e muitos outros.

VIII

Manuel Ferreira de Araujo Guimarães

Não será a primeira vez que figura entre os litteratos de um paiz o nome de um homem que só produziu uma obra: Heredia fez um livro de sonetos e entrou na Academia, Lapa Pinto escreveu o *Festim de Balthazar* e tem o seu nome na *Litteratura Brasileira* de Silvio Romero.

Podíamos citar como estes muitos outros exemplos para justificar a entrada em nosso trabalho do nome do poeta que emcima estas linhas.

Manuel Ferreira de Araujo Guimarães era filho legitimo do negociante Manuel Ferreira de Araujo e D. Maria do Coração de Jesus.

Nasceu a 5 de Março de 1777, na cidade da Bahia, onde estudou primeiras lettras e latim, indo completar o curso de humanidades com grande louvor em Lisbôa.

Por falta de meios pecuniarios não entrou para a Universidade de Coimbra e em 1798 matriculou-se no 1.º anno da Academia Real de Marinha apresentando no anno seguinte ao ministro da marinha a traducção de parte do curso de mathematicas do abbade Marie que trata da arithmetica e principios de algebra, trabalho que examinado pela Academia mereceu applausos.

Foi premiado no exame final e no anno seguinte despachado aspirante de piloto.

Não podendo por pobreza continuar os estudos, obteve, em 1799, do governo, uma pensão de cincoenta mil réis annuaes.

Concluido o curso, foi nomeado lente substituto da Academia Real de Marinha e teve a patente de 2.^o tenente da armada sete annos e meio depois.

Manuel Ferreira leccionou as aulas do 2.^o e 3.^o annos, foi membro da Sociedade Militar, traduziu e publicou a *Analyse de Cousin*, mas sempre por falta de meios não podia voltar á terra natal, obtendo para isto, a muito custo, uma licença, até que, com a transmissão da familia real para o Brazil, graças a protecção do Conde de Linhares, melhorou de sorte.

Foi nomeado capitão do corpo de engenheiros no Rio de Janeiro e incumbido de trazer a geometria de Legendre para a Academia Militar.

Em 1813 foi promovido a Sargento-mór effectivo e começou a redigir a *Gazeta do Rio de Janeiro* e o *Patriota*.

Em 1821, já coronel graduado, jubilou-se na Academia Militar e deixou a redacção da *Gazeta* tomando conta da do *Espelho*, que pregava e animava a resistencia ás tropas luzitanas.

Foi por este tempo que publicou o avulso—*Um cidadão do Rio de Janeiro á divisão auxiliadora luzitana*.

Em 1823 foi deputado á Constituinte pela Bahia, membro da commissão de marinha e guerra e deputado da junta de direcção da Academia Militar.

Em 1824 foi deputado da junta de inspecção da Typographia Nacional.

Em 1826 entrou de novo para a *Gazeta do Rio de Janeiro* cuja redacção deixou em Abril de 1830.

Chegou a brigadeiro graduado do corpo de engenheiros com permissão de residir em sua provincia onde reformou-se em Janeiro de 1831.

Era cavalleiro da Ordem Imperial do Cruzeiro e commendador da de S. Bento de Aviz.

Em 4 de Março de 1834 foi nomeado professor de geometria e mechanica applicada ás artes do

Arsenal de Marinha da Bahia, para o que traduziu a *Geometria e Mechanica applicada ás artes* do Barão Dupin.

Foi membro distincto da primeira assembléa provincial da Bahia.

Estava, porém, reservado o mais cruel dos golpes para o ultimo quartel de sua vida.

Quando a 7 de Novembro de 1837 rebentou na Bahia a revolta republicana que foi esmagada em Março de 1838, Innocencio Eustaquio de Araujo Guimarães, filho do nosso poeta, envolvendo-se no movimento revoltoso e como militar teve em 23 de Janho de 1838 de responder a conselho de guerra.

Manuel Ferreira foi defender seu filho e, apezar do seu eloquentissimo discurso que arrancou lagrimas dos proprios juizes, o major Innocencio foi condemnado.

O brigadeiro Manuel Ferreira morreu de desgosto a 24 de Outubro deste mesmo anno de 1838.

Como poeta, Manuel Ferreira, em 1812, n'um elogio que fez ao seu fallecido protector e amigo o Conde de Linhares, compoz um epicedio que correu impresso com muito louvor.

IX

Domingos Borges de Barros

(VISCONDE DA PEDRA BRANCA)

Divergem as opiniões sobre a data do nascimento d'este poeta.

Macedo diz que elle nasceu a 10 de Outubro de 1780; Pereira da Silva marca para seu nasci-

mento o anno de 1783, Sylvio Romero e o Barão de Loreto asseveram que foi em 1779.

O que não resta duvida é que Borges de Barros é natural do Engenho de S. Pedro, termo de Santo Amaro da Purificação, provincia da Bahia, e filho legitimo e segundo de Francisco Borges de Barros, sargento-mór do regimento de milicias, e de D. Luiza Clara de Santa Ritta, ambos parentes consanguineos.

Era parente de João Borges de Barros, de seu filho José Borges de Barros, poeta por nós estudado no seculo 17.º, e de outro poeta João Borges de Barros, formado em canones e deão da Sé.

Rico da grande fortuna que possuíam seus paes e do invejavel talento com que o dotara a natureza, partiu Borges de Barros para Coimbra em cuja universidade foi um estudante distincto, formando-se em pouco tempo em jurisprudencia.

Em Lisboa patenteando desde logo seu genio pela poesia, metteu-se na pleiade mais brilhante d'aquelle tempo e fez de Filinto Elysio, Bocage, Nicoláo Tolentino e Agostinho de Macedo seus intimos.

Depois de formado empregou o incansavel poeta seu tempo em estudar poesia, philosophia, botanica e agricultura.

A sua primeira viagem a Paris foi feita em 1806.

Em 1811, de volta a Bahia, foi preso e remetido para o Rio de Janeiro.

Dão como causa da sua prisão o ardor que nutria pelas idéas liberaes, e por ser amigo de Filinto Elysio e de Hyppolito, redactor do *Correio Braziliense*.

Em 1820 rebentou a revolução em Portugal e em 1821, installadas as côrtes constituintes em Lisboa, Borges de Barros, deputado pela Bahia, advogou a liberdade politica das mulheres, sendo

vencido pela maioria, e retirou-se por não querer jurar a constituição votada.

«Ergueu, diz o Barão de Loreto, a potente voz contra as tentativas de recolonisação do Brazil. Mostrou-se n'aquelle congresso um dos acerrimos defensores dos direitos e fóros do reino americano, bem como iniciou reformas tendentes a prosperal-o, sugerindo, além de outras medidas, a extinção do tráfico dos africanos e a emancipação gradual dos escravos.»

Saindo da constituinte portugueza, foi o poeta para Paris como representante do Brazil independente na França, com a alta missão diplomatica de conseguir de Carlos V, rei de França, o reconhecimento do novo imperio. E soube captar a adhesão do monarcha francez á causa da Independencia do Brazil.

Durante este tempo publicou, em Paris, seu primeiro livro de versos, em dois volumes, com o titulo: *Poesias offerecidas ás senhoras brasileiras por um bahiano*.

«Parlamentar já provecto, diz o Barão de Loreto, foi, pelos votos reteirados de sua provincia natal, enviado ás duas Camaras quando se constituiu a Assembléa Geral Legislativa; e, sob o imperio, investido no cargo de senador, figurou em successos transcendentos do primeiro periodo regencial.

A attitudo politica de Borges de Barros, depois d'aquelle missão diplomatica, durante o imperio não é bem conhecida.

Em cartas escriptas a Menezes Drummond, em 1824, José Bonifacio queixava-se amargamente de Pedra Branca, chamando-o por ironia *Pedra Parda* porque o considerava mestiço disfarçado.

Eleito e escolhido, contra vontade, senador, em 1825, só duas vezes apresentou-se na Camara vitalicia.

Já era barão da Pedra Branca, quando, por ajustar o casamento da princeza Amelia de Leuchtemberg com o imperador D. Pedro I, recebeu a gran cruz da Imperial Ordem de Christo, a grande dignataria da Imperial Ordem da Rosa e a elevação titular de barão para visconde da Pedra Branca.

O novel visconde passou em seu tempo por um emerito galanteador e irresistivel conquistador do bello sexo, qualidades essas que muito o distinguiram no paço das diversas côrtes europeas que frequentou até a velhice, voltando então á patria, onde dedicou-se ainda á poesia e á agricultura.

Incansavel trabalhador, Pedra Branca ainda escreveu as suas *Novas Poesias* e o poema elegiaco *Os Tumulos*, foi membro de diversas sociedades scientificas e litterarias da Europa, e do *Instituto Historico e Geographico Brasileiro*.

O visconde da Pedra Branca falleceu na Bahia, a 21 de Março de 1855, ou segundo Sacramento Blake, a 20 do mesmo mez e do mesmo anno.

Este poeta cultivou quatro generos de poesia: o didactico, o satyrico, o elegiaco e o lyrico subjectivista.

Silvio considera-o mediocre nos dois primeiros; limpido, sonoro e forte nos dois ultimos.

Pereira da Silva acha que no lyrico elle foi um dos mais suaves poetas portuguezes.

A nota predominante de sua poesia é, porém, o lyrismo.

DR. MANUEL BRITO.

Actas das Sessões e Offertas

90.ª SESSÃO EM 23 DE FEVEREIRO DE 1902

Presidencia do Exmo. Snr. Cons. Salvadór Pires

Aos vinte e tres dias do mez de Fevereiro de 1902, nesta cidade da Bahia, no salão do Instituto, á 1 hora da tarde, presentes os socios Cons. Drs. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque e João Nepomuceno Torres, o primeiro, Presidente e o segundo, 1.º Secretario, o Capitão Francisco Gomes Ferreira Braga, Thesoureiro, Drs. Braz Hermenegildo do Amaral, Orador, Innocencio Muñoz de Araujo Góes e José Julio de Calasans, Padre Luiz da Franca dos Santos, Commendador Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, Eloy de Oliveira Guimarães, Professor João Joaquim dos Santos Sá, Henrique Prager, Coronel Gonçalo de Athayde Pereira, Alfredo Octaviano Soledade e Pharmaceutico Alfredo Accioly, foi aberta a sessão, servindo de 2.º Secretario o Dr. Innocencio Muñoz de Araujo Góes na ausencia do effectivo.

É lida e approvada, sem debate, a acta da sessão anterior.

O expediente constou do seguinte:

Offícios: do Snr. Cons. Salvador Pires, datado de 12 de Novembro do anno passado, passando o exercicio do cargo de Presidente ao 1.º Secretario, na ausencia do 1.º e 2.º Vice-Presidentes, por ter de afastar-se temporariamente da capital por incommodo de pessoa de sua familia; do Dr. Secretario do Tribunal de Conflictos e Administrativo solicitando a remessa áquella Secretaria, de um exemplar dos Estatutos; do Presidente da *Sociedade Nacional de Agricultura*, enviando a lista

dos nomes dos socios eleitos para a nova Directoria, do Secretario da *Real Sociedade Portuguesa de Beneficencia Dezesseis de Setembro*, enviando a relação dos novos funcionarios da Directoria.

Cartas: do Dr. J. C. Branner, accusando o recebimento da noticia de haver sido escolhido socio correspondente do « Instituto », agradecendo essa honrosa escolha e promettendo enviar em breve, « pequena contribuição sobre a geologia do Brasil »; do Provedor interino da Casa Pia e Collegio dos Orphãos de S. Joaquim, communicando que vae ser estabelecida alli uma bibliotheca infantil e solicitando a remessa de livros, brochuras e jornaes; do Snr. M. Marris, Secretario geral honorario da *Sociedade de Geographia Commercial de Bordeaux*, communicando que a seu pedido fôra exonerado do logar de Secretario geral que exercia, havia muitos annos, sendo eleito para substituil-o o Dr. Lassene, acompanhada de uma outra deste cavalheiro, communicando por sua vez que fôra eleito em substituição d'aquelle e pedindo que, para o bom desempenho do seu cargo, seja-lhe dispensada a mesma coadjuvação que ao seu antecessor; um cartão da *Sociedade Nacional de Agricultura* de 1.º de Janeiro do corrente anno, saudando o Instituto no novo anno; um aviso circular subscripto pelo Governador e Secretario do Estado do Pará, contendo o theor do Dec. n. 933 de 31 de Dezembro de 1900 pelo qual foi conferido ao « Museu Paraense » a denominação de « Museu Goeldi » em attenção aos relevantes serviços prestados pelo Dr. Emilio Augusto Goeldi, Director do mesmo Museu, no periodo de sua organização; um cartão-convite do Gremio Litterario para o Instituto assistir a 4.ª conferencia a ser realisada em 24 do corrente mez, ás 7 horas da noite; carta do socio Xavier Marques, enviando exemplares de alguns trabalhos do Professor Guilherme Baldoino Embirussú Camacan; finalmente, carta

do socio Major Rogociano Teixeira, enviando o livro que contém discursos, manifestos, etc. do Cons. Dr. Ruy Barbosa, cartas estas, cujo theor é o seguinte aqui transcripto, segundo deliberação dos Snrs. socios:

De Xavier Marques dirigida ao Cons. João Torres, 1.º Secretario:

« Com exemplares de alguns trabalhos meus que tenho a honra de offerecer á bibliotheca desse « Instituto », envio, para a respectiva secção de manuscriptos, cópia de diversas produções poeticas do illustre bahiano, Professor Guilherme Baldoino Embirussú Camacan. Estas cópias feitas por mão de meu saudoso mestre e irmão do poeta, o Professor Genuino da Silva Rosa Embirussú Camacan, me foram confiadas, ha annos, para o fim de escrever um ligeiro estudo acerca do Professor Baldoino, estudo que se acha publicado na Revista *O Patheon* que se editou n'esta capital. Era tudo o que restava do espolio litterario de tão fecundo espirito e que hoje entrego, por seu inter-medio, aos archivos dessa benemerita associação.

E' justo seja ella a depositaria destes manuscriptos, legado daquelle a quem o antigo « Instituto Historico » rendeu homenagem, approvando em sessão de 4 de Setembro de 1859 o requerimento do Dr. Alvares da Silva, para que « á memoria de Junqueira Freire se unisse a necrologia do Sr. Guilherme Baldoino, como um dos nossos homens de letras ». Do socio Rogociano, dirigida ao mesmo Conselheiro, 1.º Secretario, em 7 de Janeiro do corrente anno:

« Tive a felicidade de ouvir na tarde do dia 26 de Março de 1898, no Supremo Tribunal Federal, o nosso glorioso patricio, Dr. Ruy Barbosa, ler o seu monumental discurso impetrando, perante aquelle Tribunal, *habeas-corpus* a favor dos implicados nos lamentaveis successos do dia 5 de No-

vembro de 1897; e, logo após a leitura, pedi-lhe o precioso autographo com o intento de envial-o ao archivo do nosso «Instituto», pedido que foi logo attendido pelo eminente brasileiro.

Não o enviei ha mais tempo porque desejava fazel-o depois que algum outro bahiano illustre fizesse, sobre o merito d'esse discurso, uma apreciação, o que sómente agora obtive do illustre jurisconsulto e digno deputado federal, pelo nosso Estado, Dr. Aristides Augusto Milton que, devo confessal-o, accedeu immediatamente e da melhor boa vontade ao meu pedido; pelo que lhe sou muito grato.

Embora a minha nenhuma competencia sobre o assumpto, todavia, V., que é mestre de direito, verá que o trabalho do Dr. A. Milton está na altura do seu saber e que, mais uma vez, assim firmou o seu credito de jurisconsulto emerito.

Para melhor conservação dos autographos mandei encadernal-os em um livro, juntando um exemplar da «Revista de Jurisprudencia», que aqui se edita, em que estão publicados, não só aquelle discurso como igualmente a petição e a leccão dos dois Accordãos, trabalhos do Dr. Ruy Barbosa e todos referentes ao mesmo *habeas-corpus*.

Envio, tambem, ao «Instituto» um livro contendo diversos outros trabalhos do Dr. Ruy Barbosa, como sejam: «discursos, artigos e manifestos».

O «Instituto», por seus socios presentes, mandou responder e agradecer.

As offertas constam do appendice.

Pelo Sr. Presidente foi communicado o fallecimento dos seguintes socios: Barão de Pereira Franco, na capital Federal, a 20 de Janeiro; do conego João Paranhos da Silva, na villa de Agua-Quente, a 3o do mesmo mez, socios correspondentes; e do Pharmaceutico Eudoxio Pereira da

Costa, socio effectivo, n'esta capital, a 5 de Fevereiro, tudo no corrente anno, salientando os serviços prestados ao paiz e ao « Instituto », propondo, o que foi approvedo, que se inserisse na acta um voto de pezar.

O thesoureiro, Capitão Ferreira Braga, na fórma dos Estatutos, apresentou e leu o balancete da Receita e Despeza do « Instituto », durante o anno de 1901, o qual é remettido á commissão de fazenda e orçamento para os fins convenientes.

Foram votadas, em escrutinio secreto, as propostas de admissão de socios, sobre que havia parecer da commissão, sendo approvedos e proclamados socios effectivos: a Exma. Sra. D. Maria Elisa Valente Muniz de Aragão, Drs. João Gualberto Nogueira, Antonio Ferrão Muniz de Aragão e Joaquim Augusto Tanajura, e correspondentes: Arthur Vianna e Antonio Lobo, directores das bibliothecas publicas do Pará e do Maranhão e Franco Pacheco, escriptor portuguez, residente em S. Luiz do Maranhão.

Foram lidas 3 propostas para admissão de socios e remettidas á respectiva commissão.

Nada mais havendo a tratar foi encerrada a sessão.

Approvada em sessão de 20 de Abril de 1902.
— *Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque.*—
João Nepomuceno Torres.— *Alfredo Accioli do Prado,*
secretario interino.

91.ª SESSÃO EM 20 DE ABRIL DE 1902

Presidencia do Cons. Salvador Pires

Aos vinte dias do mez de Abril de 1902, presentes os socios, Conselheiros Drs. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, presidente, e

João Nepomuceno Torres, 1.º secretario, Drs. Alfredo Cabussú, Braz do Amaral, Joaquim Pires Muniz de Carvalho, Pedro Muniz Leão Velloso, Julio de Calasans, Conego Manfredo de Lima, Eloy Guimarães, Capitão Francisco Gomes Ferreira Braga, thesoureiro, Antonio José Gonçalves Neves, Commendador Salvador Pires, Coronel Gonçalo de Athayde Pereira, professor João Joaquim dos Santos Sá, Alfredo Soledade, pharmaceutico Alfredo Accioli, foi aberta a sessão, servindo como 2.º secretario este ultimo socio, na ausencia do effectivo que mais tarde compareceu, sendo lida e approvada sem discussão a acta da sessão anterior.

O expediente constou do seguinte:

Comunicação feita ao Instituto pelo deputado federal José Boîteux de que havia apresentado um projecto, concedendo franquia postal á correspondencia e revistas dos diversos Institutos Historicos do Brasil; carta convite para a solemnidade da collação do gráu aos doutorandos de medicina; carta convite do Instituto Agronomico da Bahia para a inauguração, hoje, do Lyceu Polytechnico da Bahia; officio do presidente da Associação Commercial, enviando a relação da directoria eleita e empossada a 27 de Fevereiro ultimo; do director do Instituto Vaccinico, Dr. Antonio Monteiro de Carvalho, communicando sua posse nesse cargo, para que fora nomeado, em 13 de Março; carta do socio Dr. Joaquim Tanajura, declarando acceitar a sua escolha para socio effectivo; carta do socio Antonio Lobo, director da Bibliotheca Publica do Maranhão, dando as razões por que não podia, presentemente, acceitar o cargo de socio correspondente.

Pelo Presidente foi nomeada uma commissão para assistir a solemnidade da collação do gráu aos doutorandos, composta do Dr. Braz do Amaral e Pharmaceuticos Diniz Gonçalves e Accioli.

O Conselheiro 1.^o secretario, deu noticia das seguintes valiosas offertas: Da Exma. Viscondessa de Cavalcanti, nossa consocia, de 72 volumes de obras, inclusive classicos latinos, offerta cujo valor está nas edições, acompanhada de uma carta; do Dr. Anísio Circundes de Carvalho, professor cathedratico da Faculdade de Medicina desta cidade, de um arco artisticamente trabalhado e de uma colleção de frechas de varias especies, obtidos dos «Bororós Coroados» de Matto-Grosso, e do socio Dr. Miguel de Teive e Argollo de um catalogo movel de classificação decimal, e index de Devey.

Em seguida o socio coronel Gonçalo de Athayde, communicou que o socio commendador Santa Anna não comparecera por motivo de molestia.

F. lido o parecer da commissão de orçamento e Fazenda sobre as contas do Sr. thesoureiro, durante o anno findo, o qual, submettido a votação, é approvado.

O parecer é do theor seguinte:

A Commissão de «Fundos e Orçamento» do Instituto Geographico e Historico da Bahia, tendo devidamente examinado o relatorio e as contas do Sr. thesoureiro Francisco Gomes Ferreira Braga, é de parecer que sejam approvados.

Bahia e sala das sessões do Instituto, 20 de Abril de 1902. — A commissão — *Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque.* — *A. Cabussá.*

O balancete da Receita e Despeza é este:

RECEITA

Saldo do anno de 1900.....	84\$652
Subvenção estadual.....	500\$000
Idem municipal por %.....	500\$000
Idem federal até Setembro de 1901.	3:749\$998
Mensalidades de socios.....	1:748\$000
Joias de socios.....	450\$000
Assignatura da Revista.....	48\$000
	7:080\$650

DESPEZA

Ordenados dos empregados e com- missão ao cobrador.....	2:469\$744
Despezas geraes, inclusive as da se- cretaria.....	458\$330
Diversas contas pagas.....	1:350\$510
Ao Banco Auxiliar das Classes, amor- tisação da lettra.....	3:750\$166
Seguro do predio.....	115\$800
	8:144\$950

Deficit para o exercicio seguinte: 1:063\$950.

Assignado pelo Guarda-livros João José dos Santos Sá e pelo Thesoureiro Francisco Gomes Férreira Braga, em 23 de Fevereiro de 1902.

O Dr. Alfredo Cabussú pedio a palavra e em nome da commissão leu o projecto de Orçamento para o corrente exercicio o qual ficou sobre a mesa para ser votado na sessão seguinte, dando as explicações que julgou necessarias para justificar a diminuição de algumas verbas.

São igualmente lidos varios pareceres da commissão de admissão de socios, cuja votação é adiada por falta de numero legal.

E' lida e remettida á mesma commissão uma proposta para admissão do litterato e historio-grapho José Ribeiro do Amaral, residente em São Luiz do Maranhão.

Sob proposta do Conselheiro presidente resolveu o Instituto que no dia 3 de Maio seja commemorado o 8.º anniversario do «Instituto» com uma sessão litteraria, sem convites especiaes, sendo publica a mesma sessão.

Nada mais havendo a tratar-se, foi levantada a sessão.

Approvada em sessão de 18 de Maio de 1902. — *João Nepomuceno Torres.* — *Gonçalo de Athayde Pereira.* — *Guilherme Conceição Fieppel.*

92.ª SESSÃO EM 3 DE MAIO DE 1902

SESSÃO MAGNA, COMMEMORATIVA DO ANNIVERSARIO
DA INSTALAÇÃO DO INSTITUTO

Presidencia do Exm. Snr. Cons. João Torres

Aos tres dias do mez de Maio de 1902, no salão do « Instituto », á 1 hora da tarde, presente grande numero de socios e muitos cidadãos, representando todas as classes, a saber: Conselheiros Drs. João Torres, 1.º Secretario, Filinto Bastos, orador adjuncto, e Joaquim Antonio de Souza Spinola, Presidente do Tribunal de Appellação e Revista do Estado, o Capitão Francisco Braga, Thesoureiro, Isaías de Carvalho Santos, 2.º Secretario, os Drs. Braz do Amaral, orador, Guilherme Fœppel, Ernesto Carneiro Ribeiro, Manoel Pedro de Rezende, Presidente do Tribunal de Conflictos e Administrativo, Aurelio Pires de C. e Albuquerque, Egas Muniz Barretto de Aragão, Julio de Calasans, José Francisco da Silva Lima, Innocencio Munoz, Capitão de mar e guerra Alves Camara, Coronel Gonçalo de Athayde, Engenheiro Sampaio Neves, Professor Elias Nazareth, Padre Luiz da França, Dezebargador Licinio Alfredo da Silva, Dr. Reis Magalhães, conego Elpidio Tapiranga, Cons. Dr. Rozendo Guimarães, Coronel Saturnino Ribeiro da Costa, Damasceno Vieira, Drs. João Cerqueira Pinto, João Evangelista de Castro Cerqueira, Americo Velloso, Juvenal Silva, Julio Barbuda, Luiz Anselmo da Fonseca, Celso Spinola, Bernardo Jambeiro, Tiburcio Suzano de Araujo, Silio Boccanera, Barão de São Francisco, José Claudino Dias, Engenheiro Aloysio Accioli, Professor Prisciliano José Leal, Herculano Cunha, Professor Antonio Alexandre Borges dos Reis, Acacio Manoel de Jesus, Pedro Bastos de Seixas, Theodulo Prazeres, Laudelino

Barros, Raul Costa, Candido Carneiro, Joaquim Barretto de Araujo, Francisco Xavier da Silva Pimentel, representando a Bibliotheca Publica da Feira de Sant'Anna, João Gonçalves do Couto, Raul Boccanera e Henrique Cancio, representando o *Diario da Bahia*, assumio a cadeira da presidencia o Snr. Cons. Dr. João Torres, 1.º Secretario, na ausencia do Presidente effectivo e dos vice-Presidentes, servindo de 1.º Secretario o 2.º e de 2.º o Dr. Reis Magalhães, por convite do Snr. Cons. Presidente, que declarou aberta a sessão, referindo em breves palavras os motivos da solemnidade que todos iam presenciar e em seguida deu a palavra ao Dr. Pedro Julio Barbuda, Professor do Instituto Normal, o qual leu extenso e erudito estudo sobre a «Evolução litteraria da lingua portugueza no Brazil.»

Seguiram-se-lhe com a palavra o Dr. Braz Hermenegildo do Amaral, professor da Faculdade de Medicina e do Gymnasio e orador do «Instituto», fazendo a leitura do trabalho que, em commum com o socio Dr. Innocencio Góes, levou a effeito, trabalho descriptivo dos exames e investigações realisadas, no intuito de descobrirem a verdade, quanto a versão corrente, de que os Jesuitas deixaram alfaias e riquezas em algum esconderijo do antigo Collegio; e o Professor Antonio Alexandre Borges dos Reis, que leu importante estudo sob o titulo—«Colonos indigenas e escravos. «Os Jesuitas e a Catechese. «Historia do Brazil».

Por ultimo falou o socio Damasceno Vieira, lendo patriotico discurso, sendo em seguida encerrada a sessão.

Approvada em sessão de 25 de Maio de 1902.
— *Salgéo Dias.* — *João Nepomuceno Torres.* —
Aloysio de Carvalho.

Discurso do Sr. Damáscono Vieira

Sr. Presidente,

Srs. Consócios,

Meus Srs.

Como membro do « Instituto Histórico e Geographico do Brazil », membro d'este « Instituto » e representante da gazeta *A Bahia*, cumpro o dever de trazer a esta illustre associação congratulações sinceras pela festa que hoje realiza, commemorando o 8.º anniversario de sua existencia.

Oito annos de continuas luctas, de sacrificios heroicos, para manter de pé uma instituição honrosa, tanto para a Bahia como para as lettras patrias, uma instituição benemerita que tem por fim especial investigar e propagar conhecimentos historicos, reunir documentos que colloquem em relevo os feitos de nossos antepassados como dignos de transmissão á historia geral de todos os povos cultos, como paginas frementes de civismo e de amor por todas as manifestações da liberdade!

Apezar das mil contrariedades oppostas á marcha d'este « Instituto », elle deve proseguir erguido sobre os nossos hombros, como aquella arca da alliança em que se guardavam as leis fundamentais de uma religião! E é uma religião, Srs., o saber manter uma instituição desta ordem, alheia completamente ao turbilhonar das paixões politicas, e consagrada a investigações superiores, que dizem respeito ao desenvolvimento intellectual do paiz!

Elle deve proseguir, e vencer como desassombro os obices erguidos em sua perigrinação de apostolo, fortalecido, illuminado pela estrella que lhe encima o glorioso escudo, destinada a espalhar, *inibi et orbi*, a luz da sciencia geographica e da sciencia historica, como demonstrações eloquentes e perduraveis do vigor mental desta terra!

Ha 46 annos, Srs., a 3 de Maio de 1856, uma illustração do clero brasileiro, fundador e presidente do antigo «Instituto Historico da Bahia», o eminente arcebispo bahiano D. Romualdo Antonio de Seixas, compenetrado do elevado alcance da corporação que dirigia, estimulava os seus consocios, exclamando, com o brilhantismo de seu estylo elegantemente litterario:

«Que relevante serviço não deverá prestar o Instituto ás lettras e á sociedade, investigando os antigos monumentos e recolhendo os materiaes dispersos nos archivos publicos ou no fundo das bibliothecas particulares, e alguns já quasi apagados, afim de coordenar a historia completa de uma provincia tão insigne por sua cathegoria, riqueza e população, e onde se passaram tantos feitos altamente epicos e gloriosos?»

Outra voz auctorizada e egualmente emmudecida pela morte — sombra augusta que em pleno vigor da mocidade deixou em sua passagem n'este «Instituto» inapagaveis vestigios, um de seus esforçados presidentes, o Dr. Tranquillino Torres, cuja acendrada dedicação e cultivado talento eram columnas desta corporação, dizia, com a previsão de propheta:

«Nós, que nos reunimos 38 annos depois d'aquella phalange de heróes, homens de estudo, embalados no berço da civilisação, e constituimos esta outra agremiação com um programma muito mais amplo; nós sobre cujos hombros pesam encargos muito mais penosos, temos o dever de, com a lição severissima do passado, empregar todas as energias na defeza dos compromissos que todos abraçamos.»

Assim se exprimiram duas queridas mentalidades do antigo e do novo «Instituto».

Si cada vez se accentúa mais a verdade de que os vivos são governados pelos mortos; si os desejos

e as aspirações vehementes dos que foram caminho da eternidade são para nós legados preciosos que devemos cumprir: sigamos os dictames de nossos illustres predecessores; unamos os nossos esforços para imprimir ao « Instituto » o florescimento de que é digno; mantenhamos a publicação de sua utilissima *Revista Trimensal*; desobriguemo-nos do onus que nos pesa com a aquisição d'este bello edificio; contribuamos para que o « Instituto » gose vida independente e gloriosa, compativel com a magnitude de seu programma.

Só assim, senhores, terá o « Instituto Geographico e Historico da Bahia », satisfeito ao seu grande ideal, e o nosso desvanecimento será completo porque a elle se associará de certo o illuminado espirito d'aquelle emerito bahiano que fundou os dois Institutos e que em sua irradiante jornada pela terra se impoz a respeito e applausos, sob o nome de frei Francisco da Natividade Carneiro da Cunha.»

SUMMARIO DO N. 28

	PAGES.
Innocencio Munõz	3 ✓
Os Indigenas da Bahia, pelo Professor Borges dos Reis.	9 ✓
A antiga capella dos Jesuitas na Bahia, pelo Dr. Braz do Amaral.	47 ✓
Colonos Indigenas e Escravos. Os Jesuitas e a catechese. Historia do Brasil, pelo Professor Borges dos Reis.	57 ✓
O culto dos heroes, pelo Dr. Egas Moniz	65 ✓
Habeas-Corpus — Estado de Sitio — Prefacio ao Discurso do Dr. Ruy Barbosa, pelo Dr. Aristides Milton . .	73 ✓
Revolta parlamentar de 1840, pelo Dr. Innocencio Goes.	83 ✓
Exploração do Mucury e Jequitinhonha, pelo coronel Innocencio Velloso Pederneiras	89 ✓
A Igreja da Ajuda	143 ✓
As abelhas sociaes indigenas do Brasil, pelo Dr. H. Von Ihering.	151 ✓
A Bahia no Senado do Imperio, pelo Barão de S. Francisco.	157 ✓
Poetas Bahianos, pelo Dr. Manoel Brito	167 X
Actas das Sessões e Offertas.	177